ANO 19.º DOMINGO, 24 DE DEZEMBRO DE 1939 N.º 6139

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor—JOAO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇAO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

A NOVA GUERRA EUROPEIA

O govêrno do Reich pede a libertação

dos oficiais e marinheiros do «Graf Spee»

que se encontram internados em Buenos Aires

Daladier e Gamelin conversando, depois da ultima reunião do Conselho Supremo Interaliado

BUENOS AIRES, 24—O conselheiro da embaixada da Alemanha entregou ao ministro dos Negocios Estrangeiros, Cantilo, uma nota do governo do Reich pedindo a libertação dos oficiais e marinheiros do «Admiral Graf Spee», que foram internados. A nota, expõe as razões deste pedido. Cantilo estudará a nota e responderá brevemente.

A-pesar da reserva observada pelo Ministerio dos Estrangeiros, sabe-se que a nota alemã não consiste num protesto energico, mas expõe ponto de vista contrario ao decreto argentino.

Cantilo informou o Presidente da Republica do conteudo da nota. Crê-se que o governo manterá a decisão que tomou, sobre este assunto, de acôrdo com a Convenção da Haia.—(Havas).

Acabou o incendio a bordo do «Graf Spee»

MONTEVIDEU, 24—Depois de arder durante 6 dias, extinguiu-se o fogo nos destroços do «Admiral Graf Spee». Presentemente distingue-se apenas fora de agua, uma silhueta disforme do que foi o «couraçado de algibeira» alemão.—(Havas).

Ainda pormenores do combate

BUENOS AIRES, 24—Os jornais publicam o relato dum oficial do «Admiral Graf Spee» em que este afirma, sob sua palavra de honra, que durante o combate de 13 de dezembro os ingleses lutaram inteligentemente. «A situação —diz—tornou-se desesperada, porque os alemães estavam cercados, e em determinada altura o nosso comandante Hans Langsdorff foi ligeiramente ferido na cabeça e braços, e perdeu os sentidos, ficando inanimado durante 25 minutos. Tivemos de nos aproximar da costa porque uma granada certeira atingiu o nosso barco abaixo da linha de flutuação. Tornou-se necessario fazer sondagens constantes. Não conheciamos bem aquelas paragens e decidimos entrar no porto de Montevideu depois de estarmos convencidos de que tinhamos avariado dois dos cruzadores inimigos».—(Havas).

Os naufragos dos navios «Mars» e «Carl Henkel»

OSLO, 24—Desembarcaram ontem á noite em Christiansand 8 sobreviventes dos navios «Mars» e «Carl Henkel», que se afundaram, depois de terem chocado com minas, na quinta-feira de manhã, ao largo da costa inglesa. Dois sobreviventes foram hospitalizados.—(Havas).

Novos campos de minas ao largo da costa inglesa

LONDRES, 24—Um comunicado oficial anunciou ontem á noite que, para melhor proteger a navegação no Mar do Norte e em replica á colocação de minas pelos alemães ao largo das costas britanicas, o Almirantado decidiu criar campos de minas ao largo das costas Leste da Inglaterra e Escócia. Três regiões serão minadas, sem novo aviso e os navios mercantes ficam avisados de que se navegarem nessas zonas, o farão «por sua conta e risco». Acrescenta que os navios que se aproximam da Inglaterra devem dirigir-se a Downs para receberem instruções.—(Havas).

A guerra na Europa ocidental

A situação militar

PARIS, 24. — O dia de ontem foi tranquilo e a noite extremamente calma. Apenas se assinalam algumas patrulhas alemãs, que se aventuraram na terra de ninguem, na região situada imediatamente a Leste do Mosela. Houve tambem troca de granadas na região a oeste dos Pequenos Vosgos. O denso nevoeiro que cobriu toda a região ocidental durante o dia de ontem explica a ausencia de actividade terrestre bem como aerea.

A proposito das operações de anteontem sublinham os circulos militares franceses que todos os aviões franceses regressaram ás bases, sem novidade.—(Havas).

Brauchisch vai falar

BERNE, 24—O general Brauchisch, que está actualmente na frente ocidental, pronunciará esta noite «um discurso de Natal», que será radiodifundido.—(Havas).

Os soldados ingleses estudam a tactica de guerra moderna

PARIS, 24. — *(Do enviado especial da United Press, Richard Mc. Millan, junto das tropas britanicas).*—Os oficiais e soldados pertencentes ás forças expedicionarias britanicas que se encontram em França, frequentam assiduamente e com o melhor aproveitamento as escolas que funcionam á retaguarda da linha «Maginot», de maneira a prepararem-se para a grande ofensiva, quando ela se dér.

Os oficiais e soldados ingleses estudam atentamente tudo quanto o Alto Comando dos Aliados sabe acêrca do exercito alemão, dos metodos que os alemães empregam no ataque, e ainda o sistema defensivo de fortificações alemãs.

As prelecções feitas pelos oficiais franceses pertencentes ao Estado Maior são ilustradas com documentarios cinematograficos de maneira a elucidar convenientemente os soldados britanicos.

Estes documentarios foram na sua maior parte obtidos pelos pilotos ingleses e franceses que voaram sôbre as linhas inimigas e mostram diversas partes do territorio alemão, incluindo partes da linha Siegfried, onde sé vêem os fortes alemães ao longo do Reno.

Com a ajuda dêstes documentarios os soldados ingleses estudam toda a tactica de guerra actual.

Os oficiais e soldados ingleses que terminam estes cursos são enviados para as primeiras linhas e substituidos, imediatamente, por outros.

O ministro da Guerra inglês dirigiu mensagens ás tropas

LONDRES, 24—Hore Belisha dirigiu Boas Festas ás tropas britanicas que estão em França. «A vós que estais no solo da França amiga que se levanta ao lado da Grã Bretanha na resolução comum de salvaguardar a liberdade, desejo um Natal feliz».

A todas as outras tropas inglesas do continente e ultramar, o ministro dirigiu outra mensagem em que declara tambem: «Por toda a parte onde o exercito britanico presta serviços, é unanime a sua resolução de resistir aos ataques contra a nossa liberdade».

Sir Kingley Wood, dirigiu tambem uma mensagem «A' valente aviação britanica».—(Havas).

Auxilio dinamarquês

PARIS, 24 — Os subditos dinamarqueses residentes em Paris constituiram uma comissão destinada a oferecer ambulancias ao exercito francês. A comissão é presidida pelo consul geral da Dinamarca em Paris.—(H.).

Os comunicados de guerra

PARIS, 24—Comunicado oficial desta manhã: «Nada a assinalar».—(H.).

BERLIM, 24—O Alto Comando do Exercito comunica: «Na frente oeste não houve operações militares a assinalar. O dia decorreu tranquilo. As forças aereas levaram a efeito vôos de reconhecimento sobre a França».—(D. N. B.).

O ex-presidente Mosciki

está gravemente doente

BUCARESTE, 24. — Inacio Mosciki, antigo Presidente da Republica polaca, actualmente internado em Craiova, está gravemente doente.

Receia-se que o estado de saude do antigo Presidente se agrave, devido ao clima muito rigoroso do inverno romeno.—(Havas).

1914 - 1939

A Italia retoma

a sua liberdade de acção

no campo diplomatico?

VIRGINIO GAYDA

ROMA, 24.—Com o titulo «Pacto de Londres, a Italia e os antigos aliados», Virginio Gayda evoca a situação diplomatica antes de 1914, e as negociações italo-franco-britanicas que conduziram á entrada na guerra da Italia ao lado dos aliados. Gayda, que anuncia a publicação duma serie de artigos sobre os pontos mais importantes do periodo da Historia europeia, desde o fim do seculo passado até 1919, destaca hoje que a proclamação da neutralidade da Italia em 1914 foi devida ao facto da Alemanha e Austria Hungria terem provocado a guerra, a-pesar do caracter defensivo da Triplice Aliança. Recorda a situação da Entente em 1914, insiste, notavelmente, na posição da Russia e alude ás «demoradas e laboriosas conversações» entre a Italia e os aliados.

Escreve, finalmente, que a Italia foi posta em Londres em presença dum pacto, cujo texto nem sempre estava concorde com o que foi elaborado de acôrdo com o Ministerio de Roma. O artigo pára por aqui, e não permite chegar a quaisquer conclusões.

Entretanto, nos circulos politicos e jornalisticos destaca-se a analogia entre a situação actual e a de 1914, tal como a apresenta Gayda. Em 1939, como em 1914, a Italia, embora presa por um pacto, não entra na guerra ao lado dos seus aliados.

Hoje como então, a aliada da Italia age por iniciativa propria. As recentes declarações de Ciano na Camara dos Fascios e Corporações não permitem duvidas a este respeito. Como em 1914, a Italia não faltou hoje aos seus compromissos. Foi a sua aliada quem não respeitou a letra nem o espirito do pacto. Terá a Italia, como resultado e como em agosto de 1914, retomado a sua inteira liberdade? Talvez que os proximos artigos de Gayda permitam sabê-lo. Seja como fôr, os artigos são esperados com extremo interesse nos circulos politicos e jornalisticos.—(Havas).

O «DIARIO DE LISBOA» DE HOJE É DE 24 PAGINAS

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

Estreia-se hoje em Bragança, onde vai realizar três espectaculos, um dos quais de beneficencia, a companhia Adelina-Aura Abranches, que até ao final do mês percorrerá ainda Chaves, Braga, Viana do Castelo e Barcelos, realizando o seu primeiro espectaculo no Rivoli, do Porto, no dia 2 de janeiro, com a peça «Quantas vezes a mãi canta...».

— O actor Gil Ferreira foi convidado a ingressar numa das companhias da empresa Antonio de Macedo, tendo já aceite o convite.

— A companhia de Beatriz Costa deve realizar os espectaculos do Ano Novo em S. Paulo, fazendo nessa altura as suas despedidas ao publico daquela cidade.

—Na proxima terça-feira, ás 15 e 15 e ás 21 e 15, realizam-se, no cinema Rex, dois espectaculos, em recita de Joaquim Amarante, com exibição de diversos filmes e a colaboração de diversos artistas. Na «matinée», Octavio de Matos, cantando diversos fadistas, e á noite, no fim de festa, tomarão parte Hortense Luz, Estevam Amarante, Assis Pacheco, João Villaret, Penha Coutinho, Berta Cardoso e Alfredo Marceneiro.

— Pensa-se na reposição, num dos nossos teatros, da peça de D. João da Camara, «Os Velhos», com artistas novos na sua distribuição.

— Com um novo titulo, a companhia do Apolo vai fazer a «réprise» neste teatro do «vaudeville» popular, «O Jorge Cadete».

— Em virtude doutros assuntos teatrais que vão prender a sua atenção, brevemente, o actor Erico Braga não entrará, por agora, em qualquer elenco artistico.

— Confirma-se a nossa noticia de ha dias, segundo a qual o actor Alves da Cunha será brevemente primeira figura duma companhia em organização.

— Foi já enviada para a censura a peça original do dr. Ramada Curto, «Columbina e o telefone», que será representada no Avenida pela Companhia Teatral Portuguesa.

«Vinho Novo», no Apolo

Este «Vinho Novo», de bôa lavra e bons produtores, não é novo, é melhor, ganhou com o tempo, e com o ser decantado, com musica de Vasco de Macedo, e foi beneficiado com fados de Berta Cardoso, de bôa graduação, especialmente um de sabor ribatejano, paladar este que caracteriza toda a peça, inspiradora talvez da outra «Ribatejo».

Hortense Luz aromatisa e ilumina a representação em que brilham tambem a ladina Dina Teresa, a simpatica Leonor de Eça, os bons actores Antonio Gomes e João Silva, Alberto Ghira e Penha Coutinho, e ainda Francisco Costa e José Morais. O publico gostou e repetiu na segunda sessão, porque «Vinho Novo» é servido em sessões.—R. P.

As duas estreias de ontem no Coliseu

Vai enriquecendo-se cada vez mais o programa de circo de «O salto da morte», no Coliseu. Tivemos ali ontem mais duas estreias: Luizita: dez anos apenas, mãos raras de assombrosa malabarista. Com raquetes, chapeus, bolas e outros objectos executou autenticas maravilhas, sem uma falha, com precisão absoluta, com elegancia e com certas combinações de audaciosa fantasia e absoluta novidade.

O publico, que a chamou vezes seguidas com vibrantes aplausos, compreendeu o extraordinario valor daquela criança, tão pequena ainda e já uma grande artista! E' filha de Filip; e filha de peixe... Filip & Maiss tambem estrearam um novo intermedio comico—«O Castigo do Diabo»—que é dos mais desopilantes achados a que ali temos assistido. O publico ria a valer. E, intimamente, prometeu decerto voltar a vêr estes dois admiraveis numeros, naquele «Salto da morte», que assim se vai remodelando, continuamente ovacionado...—J. M.

«Milionario Vagabundo», no Avenida

No teatro Avenida estreou-se ontem, com bom exito, a comedia italiana «Milionario vagabundo», da qual nos ocuparemos oportunamente.

«Os Fidalgos da Casa Mourisca» no Teatro Nacional D. Maria II

O teatro Nacional D. Maria II reabriu, ontem, as suas portas, agora decoradas com a corôa real. No peristilo encontramos o visconde de Almeida Garrett, que, tão nobremente, se bateu, na Imprensa e no parlamento, pela fundação daquela casa de espectaculos, e cujo talento, em noites inolvidaveis de gloria, ali tem fulgurado através desse drama admiravel que é o «Frei Luiz de Sousa». O seu genio tutelar continua vivendo no ambiente, em inapagaveis recordações já historicas, já literarias. Parte delas, nestes ultimos dez anos, foi evocada por Robles Monteiro que, de casaca, e voz segura, embora ligeiramente comovida, veio ao palco, saudar o publico, abrindo assim a temporada. Representou-se depois o «Similia Similibus», trabalhinho teatral de Julio Deniz, esquecido numa gaveta, que o sr. dr. Egas Moniz, lembrou, outro dia, em sessão academica comemorativa do romancista. Numa linda cena, como que aguarelada de côres claras, muito ao gosto de Amelia Rey Colaço, o autor das «Pupilas do sr. Reitor» fez, por vezes, sorrir com a sua critica á homoepatia. Adivinha-se o medico romantico sorrindo da novidade clinica, através dos seus personagens: um velho agarrado ao latim, numa filosofia rural, uma menina frivola e impertinente, um primo, bacharelado em Coimbra que, ao tempo, cometia o duplo crime de frequentar os palcos e os botequins, e um esculapio de aldeia, demasiadamente tolo e ambicioso.

Seguiram-se os quatro actos dos «Fidalgos da Casa Mourisca», em cenarios de recorte moderno, de Roberto Araujo, com indumentaria propria, e uma admiravel interpretação. Querem saber? A peça não envelheceu. Alguns dos seus tipos parecem de hoje. Critica-se esse velho Portugal miguelista, de solares arruinados, fidalgos vaidosos de prorogativas, que não trabalhavam a terra de seus avôs, um bravo do Mindelo fala-nos, com admiração, do heroi do cêrco do Porto, e um frade, excelentemente caricaturado, mostra-se tal qual era nesse tempo. O publico conhece em demasia a peça, mas vá vê-la: encontrará um sabor novo, ligeiramente acido, excelente como um fruto apetecido. Lucilia Simões e Amelia Rey Colaço que contracenaram notavelmente, no «Simila Similibus», não aparecem nos «Fidalgos da Casa Mourisca», mas vemos Palmira Bastos, lindamente vestida, dama sempre brilhante; Robles Monteiro, num papel que lhe assenta como uma luva, num tipo rustico, franco e sincero, que tem carne e alma; Amarante, magistral; Samwell Deniz, severo e grave, no seu fidalgo, de principios inflexiveis; Raul de Carvalho, que está a representar muito bem; Maria Clementina, numa padeira de aldeia; Maria Lalande, com o seu jeitinho de passaro doente—e todos os outros que entraram no espectaculo, honrando as tradições da primeira cena nacional.

* *

—o-o-o—

«A Casta Susana», no Condes

A famosa comedia que Jean Guilbert depois musicou e tanto exito obteve em Portugal, aparece-nos agora no cinema sonoro, valorizada pelas possibilidades da tela, ampliadas as cenas do «Moulin Rouge» com vibrantes «can-cans», animada toda a acção.

O desempenho tambem valoriza o filme, através da boa interpretação de Raimer, no ilustre academico pandego, e de austera aparencia, de Henry Garat e de Meg Lemmonier, estes constituindo o delicioso par que é fulcro da intriga.

Tão agradavel filme é acompanhado duma farsa magnifica e dum bom jornal de actualidades.—*Visor 39.*

Actualidades

O HOMEM COM MASCARA DE FERRO — (Quarta-feira, no Odéon e Palacio). — Titulo original «The man in the iron mask». Direcção de James Whale. Artistas: Louis Hayward e Joan Bennett.

O CABEÇUDO DAS TRINCHEIRAS — (Sexta-feira, no Eden). — Titulo original «Blockheads». Direcção de John G. Blysbone. Artistas: Laurel & Hardy (Estica e Bucha) e Patricia Ellys.

* * *

No Tivoli entra na terceira semana o popular filme de Leitão de Barros «A Varanda dos Rouxinois».

No S. Luiz, tudo indica que «Homens de amanhã», com Spencer Tracy e Mickey Rooney, entre tambem na terceira semana de exibição. O filme de Capra «Não o levarás contigo», que o Politeama exibe com invulgar exito, prolonga-se por mais outra semana.

E, no Condes, a «Casta Susana», com Meg Lemonier, Raimu e H. Garat, mantem-se na tela até á aparição da «Varanda dos Rouxinois», que efectuar-se-á nos primeiros dias do novo ano, neste cinema.

As «Boas Festas» ao publico hoje no Coliseu. «O salto da morte», com numeros novos. Amanhã: «Matinée» do Natal

Onde as festas do Natal atingem maior brilho é no Coliseu. «O salto da morte» apresenta hoje os numeros novos estreados ontem com retumbante sucesso:—uma pequenina mas extraordinaria malabarista e um novo entremez dos palhaços. Em saudação ao publico, o consagrado actor Jorge Grave recitará versos expressamente escritos para esta noite e intitulados: «A Noite do Natal». Amanhã, o Coliseu, com a brilhante «Matinée do Natal» é o verdadeiro paraiso das crianças. Lindos balões. Espectaculo de alegria como nenhum outro. Preços acessiveis a todos.

HOMENAGEM AO ENFERMEIRO-MOR

dos hospitais civis de Lisboa

Os fiscais de todos os hospitais cumprimentaram hoje o enfermeiro-mór, sr. coronel Nepomuceno de Freitas, numa manifestação simples, fazendo votos para que a sua obra continue. Falou o fiscal geral, sr. Lourenço da Costa, que tinha a seu lado o fiscal adjunto, sr. Alexandre Pinto. O sr. enfermeiro-mór agradeceu a cooperação dos fiscais, que compareceram depois no gabinete da Imprensa, saudando os jornais.

PARA OS NOSSOS POBRES

Para os nossos pobres recebemos: 200 escudos da Associação de Classe dos Proprietarios de Vacarias e Leitarias; 200$00 de «Um grupo de comerciantes da rua Garrett», e 100 escudos da Companhia Vidreira Nacional, L.da («Covina»).

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—As 21—«Os Fidalgos da Casa Mourisca».
TRINDADE—A's 21 e 30—Concerto.
AVENIDA—A's 21 e 30—«O milionario vagagundo».
APOLO—A's 20 e 30 e ás 22 e 30—«Vinho novo».
MARIA VITORIA—A's 20 e 15 e ás 22 e 15—«O Banzé».
VARIEDADES—A's 20 e 15 e ás 22 e 15—«O Padre Piedade».
COLISEU—A's 21—«O salto da morte».

CINEMAS

S. LUIZ — A's 21 e 15.
TIVOLI — A's 21 e 15.
EDEN-TEATRO—A's 21 e 30.
POLITEAMA — A's 21.
CONDES — A's 21 e 30.
CENTRAL — A's 20 e 45.
ODEON — A's 21.
PALACIO — A's 21.
REX — A's 20 e 45.
CAPITOLIO—A's 21.
CHIADO TERRASSE — A's 21.
OLIMPIA — A's 20 e 30.
ROYAL — A's 20 e 30.
PARIS — A's 20 e 30.
SALÃO IDEAL—Rua do Loreto.
JARDIM CINEMA—Domingos e quintas-feiras.

TEATRO NACIONAL D. Maria II
HOJE — A's 21 e 30 horas - HOJE
A celebre peça em 4 actos, adaptação do romance de Julio Deniz, por Carlos Borges
OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA
com Palmira Bastos, Maria Lalande, Maria Clementina, Estevão Amarante, Robles Monteiro, Samwel Deniz, Raul de Carvalho, Virgilio Macieira, Mario Santos, João Villaret, Pedro Lemos, José Cardoso e Henrique Santos
BILHETES Á VENDA
Amanhã, dia de Natal as 16 horas a encantadora peça infantil
A HISTORIA DA CAROCHINHA
de mestre Schwalbach
A's 21 e 30
OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA
O Teatro está aquecido

APOLO
Hoje: A's 20,30 e 22,30 horas
1.º domingo do «vaudeville» popular
O VINHO NOVO
Grande exito da Companhia deste teatro, com
Ortense Luz e Berta Cardoso
AMANHÃ (DIA DE NATAL):
«Matinée» com brindes ás crianças e duas sessões nocturnas

VARIEDADES
A's 20,15 e 22,30 horas
A comedia triunfante e gloriosa de 1939
O PADRE PIEDADE
Amanhã, dia de Natal:
«matinée» e duas sessões

MARIA VICTORIA
Hoje: A's 20,15 e 22,15
A unica revista de Lisboa
O BANZÉ
Vedetas: Maria das Neves e Vasco Santana
«Compère»: Carlos Lea.
Fadista: Herminia Silva
e todos os «ases» do teatro ligeiro
com a bailarina MAFALDA
Amanhã, dia de Natal, «matinée» e duas sessões

AVENIDA
HOJE
A's 21,30 horas
2.ª noite da comedia em 3 actos
O MILIONARIO VAGABUNDO
Uma peça nova com Brunilde Judice, Assis Pacheco e Abilio Alves
Amanhã, Dia de Natal, «matinée». ás 16 horas, e «Soirée» ás 21,30

São Luiz
Telef. 2 7172 A's 21 e 15
2.ª semana
Homens de amanhã
(Premiado pela Academia)
com Spencer Tracy e Mickey Rooney

TIVOLI
A's 21 e 15
TELEF. 5 0595
Varanda dos rouxinois
um filme de Leitão de Barros com Maria Matos, Ant. Silva, Costinha, Dina Teresa, Oliv. Martins e Madalena Sotto. Foto. Salazar Diniz.

POLITEAMA
A's 21 e 15 horas
Telef. 26305
Não o levarás contigo
um filme de CAPRA com Jean Arthur, James Stewart, Lionel Barrymore, Ed. Arnold e Mischa Auer

EDEN
A's 21 e 30
Telef. 2 0768
Volga em chamas
um filme de Tourjansky com Danielle Darrieux, Albert Prejean e Inkijinoff

ODEON
A's 21 e 15
Telef. 2 6283
PALACIO
A's 21 e 15
Telef. 4 7163
A madrinha de Charley
com Baroux e Monique Rolland
O documentario inglês «Vinho do Porto»

CONDES
A's 21 e 30
Telef. 2 2523
A CASTA SUZANA
opereta de linda musica com Raimu, Meg Lemonier e Henri Garat

CENTRAL
TEL 24381
Telef. 24381 — A's 20 e 45
Milionaria por um dia
Com a verdade me enganas
Preços unicos: Dia, 2$50 Noite, 3$00.

CAPITOLIO
Telef. 2 7493 — A's 20 e 30
Meia noite
Paixão selvagem

LYS
Tel. 48560
A's 20 e 45
A ROSA DE BROADWAY
Os 2 zaragateiros

TERRASSE
Telef. 2 9017 — A's 20 e 45
A Rosa de Broadway
Os 2 zaragateiros

REX
Telef. 2 9658
A's 20 e 45
A CIDADELA
Audioscopicos
Preços desde: «Matinée» 1$25. Noite 1$80 excepto domingos e feriados.

ROYAL
Telef. 45037
A's 20 e 45
A multidão vibra
Missão secreta

PARIS
T. 62230 A's 20 e 30
O grande milagre
A grande ofensiva

CASINO ESTORIL
A's 21 e 30
Perolas sangrentas

DE LUTO

D. Francisca Coutinho

MOGOFORES, 23—Faleceu hoje, pelas 10 horas, com 91 anos, a sr.ª D. Francisca Coutinho, grande protectora dos pobres, senhora de excelsas virtudes.

Era viuva do jornalista Albano Coutinho, propagandista da Republica e deputado ás Constituintes, tendo sido o primeiro governador civil de Aveiro, após a implantação da Republica.

Luiz Eduardo Marques

Na sua residencia da rua da Cruz dos Poiais, 15, faleceu hoje o nosso amigo Luiz Eduardo Marques, funcionario reformado da Junta de Credito Publico e secretario da Praça do Campo Pequeno quando da empresa Viana & Segurado.

Luiz Marques, que ha muito tempo andava doente, foi até ao fim assiduo frequentador do Café «A Brasileira», do Chiado, onde era muito estimado, causando grande impressão a sua morte.

A sua desolada mãi apresentamos sentidos pesames.

O funeral realiza-se amanhã, a hora ainda não determinada.

José Maria Mendes Araujo

FAFE, 24—Faleceu nesta vila o grande capitalista sr. José Maria Mendes Araujo.

A gasolina em França

Os Serviços Nacionais do Turismo Francês em Portugal informam-nos de que o ministerio das Obras Publicas Francês autorizou os governadores civis e os administradores do concelho a fornecer «bons» de gasolina aos automobilistas dos países aliados ou neutros, vindos temporariamente a França com os seus carros, que se encontrem ao abrigo das disposições alfandegarias.

HANDBALL

Taças «Natal»

Sporting, Belenenses e Lisgás aproveitaram a presente quadra para organizar um torneio de que participam os «teams» de honra e reservas dos três clubes.

Os primeiros encontros disputaram-se esta manhã no campo das Salesias.

Jogaram primeiramente as reservas do Belenenses e Sporting, vencendo os «azues» por 3-2, com 2-1 ao intervalo.

Depois defrontaram-se os «teams» principais do Belenenses e Lisgás. Um empate a duas bolas foi o resultado da partida. Lago, do Belenenses, fez o unico ponto da primeira parte; depois do intervalo Paulos fez o empate; Silveira colocou o Belenenses em vencedor e, por fim, Barreiros Gomes fixou o resultado.

AGREDIDO A TIRO

FAFE, 24. (Pelo telefone)—Deu entrada no hospital desta vila João Martins, agricultor, de 31 anos, da freguesia de S. Romão (Aroes) que foi atingido numa perna, por um tiro de arma caçadeira, disparado por um individuo que ele surpreendeu quando tentava roubar-lhe lenha.

AERO PORTUGUESA

Partiu hoje, para Tanger, com passageiros para aquela cidade e malas postais para Angola, e países da America do Sul, o trimotor da Aero Portuguesa.

UM HOMEM ENVENENADO?

No casal do Silva, á rua da Cruz, em Alcantara, apareceu um homem morto. Suspeita-se de que tenha sido envenenado. A Policia de Investigação procede a diligencias.

SORTEIOS DE BENEFICENCIA

O sorteio dum faqueiro de prata, a favor da Associação de Beneficencia e Socorros Amadeu Duarte, da Parede, realizou-se ontem, cabendo o premio ao bilhete n.º 7068.

ATLETISMO

O «cross-country» do Benfica

Nos terrenos das Amoreiras efectuaram-se hoje provas de «cross», destinadas aos socios do Benfica—unico clube que neste começo de epoca evidencia interesse pela modalidade.

A primeira destinava-se a principiantes e estreantes, num percurso de 3.200 metros. Inscreveram-se 22 atletas, desistiram 2 e classificaram-se nos primeiros lugares, os seguintes:

1.ª, Pires de Almeida, estreante, 10 m. e 57 s.; 2.º, Jaime Miranda, principiante; 3.º, Manuel Ferreira, estreante; 4.º, José Caldeira, principiante; 5.º, Gabriel Antunes, estreante.

Na segunda prova, 4.400 metros, para «juniors», a classificação ficou assim estabelecida: 1.º, Amadeu Bispo, 14 m. e 57 s.; 2.º, José Pisco, 14 m. e 27 s.; 3.º, Marques Santos; 4.º, Martinho; 5.º, Virgilio Pedrosa.

Correram, tambem, ao mesmo tempo os «seniors» cuja classificação final foi a seguinte: 1.º, José Abreu, 14 m. e 56 s.; 2.º, Tiago Ribeiro; 3.º, Artur Lourenço.

Esta corrida foi tambem de 4.400 metros.

BASKET-BALL

Torneio dos Sapadores Bombeiros

Prosseguiu hoje o torneio entre as varias Companhias do Batalhão de Sapadores Bombeiros, cujos desafios terminaram com os seguintes resulatdos:

Categorias de honra — A Companhia de Reforço venceu a 2.ª Companhia, por 30-11.

Reservas — A 3.ª Companhia venceu a Companhia de Reforço, por 12-11; a 1.ª Companhia venceu a 4.ª, por 10-7.

Para crianças

José Luiz Ribeiro reuniu num volume ilustrado a comedia «Olhitos de Cristal» e varios monologos proprios para crianças, e tudo muito proprio para lhes ser oferecido na quadra que atravessamos.

MOTOCICLISMO

A disputa da «Prova Natal»

O Gimnasio Club Português realizou hoje, entre os seus associados, a disputa da «Prova Natal», que actualmente organiza nesta quadra do ano. Foi marcado o percurso de 76 quilometros, entre Benfica, Granja, Sintra, Ramalhão, Cascais, Malveira da Serra, Colares, Monserrate, S. Pedro de Sintra, Cacem e Benfica.

Os premios consistiam em seis taças e a cada senhora que acompanhava os corredores, e concluisse a prova era tambem conferida uma outra taça.

A partida foi dada ás 9 horas, saindo seis «équipes». Completaram todas as provas e classificaram-se pela seguinte ordem:

1.ª—A. Alves Junior e D. Maria Piedade, com 44 pontos; 2.ª—Hermes Correia e D. Luciana Wuillanent, 63 pontos; 3.ª—Fernando Mota e D. Laura Gervis, 72 pontos; 4.ª—J. Fresco e D. Delmira Nunes, 80 pontos; 5.ª—Abilio Pires e D. Amelia Pires, 99 pontos; 6.ª—João Bastos e D. Maria Serrão Mota, 109 pontos.

Cross-ciclo-pedestre

O simpatico Clube Atletico Campo de Ourique, para comemorar o seu 17.º aniversario, organizou hoje, com o patrocinio de «Os Sports», uma interessante prova ciclo-pedestre, para «populares» e «amadores».

O percurso, dificil, constou de 6 voltas para «populares» e de 8 para «amadores», á Quinta do Dourado, com partida e chegada na rua Dr. Almeida e Sousa.

Houve muita animação em Campo de Ourique, verificando-se a seguinte classificação:

Populares — 1.º, Rui Martinho, Picheleira A. Club, 22 m.; 2.º, T. da Silva, C. Ourique; 3.º, Afonso Espalha, Combatentes.

Amadores — 1.º, Francisco Inacio, S. D. de Cascais, 26 m. 10 s.; 2.º, Rafael Correia; 3.º, João de Jesus Rebelo, ambos do Campo de Ourique.

O tempo que faz

Temperaturas extremas em Lisboa, hoje: *maxima 17º,1; minima, 10º,3.* No mesmo dia do ano passado: *maxima, 14º,0; minima, 8º,0.*

Tempo provavel para amanhã: *Aguaceiros, alternando com abertas. Temperatura sem grande modificação. Vento WSW moderado e muito forte. Rajadas e golpes de vento fortes por vezes.*

Para três orfãos

Da senhora que se encobre com o pseudonimo «Eterna saudade» recebemos 15$00 para os três orfãos a que nos referimos.

Retiro da Severa
Tel. 25979
As 21 horas
Rosa Maria Natividade Pereira | Júlio Proença Filipe Pinto José Porfírio
acompanhados por
Armandinho — Raúl Nery — Abel Negrão
que se farão ouvir tambem em interessantes variações
Sólos de viola pelo professor
Alfrêdo Costa
O melhor serviço de restaurante e botequim
Amanhã:
Maria do Carmo Tôrres Amália Rodrigues | Xavier Pinto Modesto Maia José Coelho
acompanhados por
Armandinho — Raúl Nery — Abel Negrão
Jantar de Natal — Serviço especial
SOLAR DA ALEGRIA-Tel. 27193
Hoje, das 21 as 2 da manhã: Maria do Carmo Torres, Domingos Silva, Virginia Noronha e os «as» da gargalhada Antonio dos Santos, Fernando de Freitas e Pais da Silva. Amanhã — grandiosa matinée dedicada aos filhos dos nossos estimados clientes, aos quais serão distribuidos brindes. No programa: Maria Pereira, Carmen Santos, Mario Silva, o rei do riso Francisco dos Santos e os palhaços Pujol e Duarte. Entrada franca. Consumo $50.

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS
Valem um bom retrato com o formato 18×24 na FOTOGRAFIA ACHILLES
AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 1, 1.º ANDAR — LISBOA — TELEF. 4 7063

ONIX
Apresenta aos seus Ex.mos Clientes
ONIX 25 R. GARRETT, 27 TEL. 2 2217 LISBOA
os cumprimentos de boas festas

ESCOLA NORMAL DE CORTE LUC
Rua do Alecrim, 61 (esquina de Ataide)
NOVAS TURMAS
Faz-se saber ás Sr.as interessadas em obter o nosso diploma de PROFESSORA (que as autoriza a ensinar sob o patrocinio desta Escola, que lhes fornecerá todo o seu material patenteado), e que ficaram sem lugar POR SUPERLOTAÇÃO, nas turmas anteriores, que podem matricular-se para as aulas que principiarão a 8 de Janeiro.
As senhoras que desejem mais informações, podem solicitar na secretaría, folhetos, nos quais encontrarão 3.500 endereços das Ex.mas Sr.as portuguesas que obtiveram já o seu diploma nesta Escola.
AULAS DE COSTURA
Na 3.ª Feira, 9, tambem de Janeiro proximo, principiarão as aulas de costura conforme tinhamos prometido ás nossas alunas, e, sendo a sua lotação reduzida, agradeciamos ás interessadas que procedessem á matricula o mais breve possivel a-fim-de se poderem organizar as turmas proveitosamente.
A DIRECÇÃO
NOTA: Pede-se ás Sr.as que deixaram os seus nomes, o favor de mandar satisfazer a correspondente matricula, pois não podemos reservar os seus lugares além de sabado, 6 de Janeiro, até ás 18 horas.

Novidade literaria
«O DIVINO FUNDADOR»
do P.e Cesar A. Garcia
Poema de Cristo comemarativo dos Centenarios — Mimoso bainde da data que passa
A' venda nas livrarias

PAPEL DE FUMAR LUCE
A. SALTO TRIESTE
O papel do fumador elegante
Arde regularmente até ao fim
Não se torna amarelento nem viscoso
Não tem parafina

AOS SENHORES OFICIAIS E SARGENTOS
Retratos para cartões de identidade
Fazem-se nas medidas exigidas, rapida e economicamente, na
FOTO ACHILLES
Av. Almirante Reis 1 — Lisboa
Telef. 4 7063

CONSULTORIO VETERINARIO
DR. BRUTO DA COSTA
Operações, tratamentos e vacinações
Rua Pinheiro Chagas, 16 r/c
(Junto á Maternidade Alfredo da Costa)
Consultas das 10 e 30 às 12 e das 16 e 30 às 18
Telef. 4 3139

MARISQUEIRA
Cascais Telefone 234
Ceias na noite do Natal e passagem do Ano, a preço fixo e à lista.
Aberto toda a noite. Brindes ás Senhoras.
RESERVE A SUA MESA

As mulheres finlandesas

têm deveres e direitos

Apareceu ha dias a informação de que as mulheres finlandesas tinham organizado um corpo militar, no qual se encontravam filiadas já mais de cem mil, o qual se destinava a colaborar na guerra que os seus compatriotas conduzem contra os russos.

Essa organização, uma das mais poderosas e uteis da Finlandia, existia já em tempo de paz. A sua designação oficial é a de «Sociedade Lotta Svard». O numero aproximado de filiadas era, á data de se iniciar o actual conflito, de noventa mil.

São deputadas e ministras

O feminismo na Finlandia constitue um movimento com raizes fundas. Já ha setenta e cinco anos a mulher, que atingia a maioridade aos vinte e cinco, fazia uma vida relativamente independente. Começava então a ocupar certas profissões, substituindo, em muitos casos, os homens empenhados na agricultura.

Em 1878 passou a preocupar-se com os assuntos da vida local e conquistou o direito de voto nas eleições comerciais. Em 1906 era-lhe concedida a igualdade de direitos civicos. O czarismo, por motivos conhecidos da sua politica, mantinha na Finlandia um regime especial que respeitava a pratica de certas liberdades.

A proclamação da independencia e o estabelecimento da Republica finlandesa vieram contribuir para melhorar ainda as condições de existencia das mulheres que tinham desempenhado um papel importante nesses acontecimentos. Um dos primeiros cuidados do novo Estado finlandês foi abrir ás mulheres o exercicio de todas as profissões, com excepção do exercicio das armas e da carreira eclesiastica.

Assim, as mulheres desempenham na Finlandia funções de primeiro plano. Algumas têm lugar na Camara dos Deputados e outras assumiram já a sua quota parte de responsabilidades no exercicio do poder.

Professoras e operarias

Exercem largamente o magisterio em todos os graus de ensino, mestras de instrução primaria, professoras de liceus (incluindo os liceus masculinos), catedraticas das Universidades. A Faculdade de Medicina de Helsinki chamou, ha pouco, uma senhora para reger a cadeira de ginecologia.

Dentistas, empregadas de escritorio e de bancos, passaram das profissões liberais para os mesteres mais rudes, e não é raro vêr na Finlandia as mulheres utilizadas nos serviços ferroviarios ou na construção civil.

Compreende-se assim que, ao mesmo tempo que reivindicavam os seus direitos, quisessem tambem, corajosamente, encarregar-se de certos deveres. Um desses deveres, que gostosamente desempenham, é o dos serviços auxiliares do exercito.

Colaboram na defesa da nação

A «Sociedade Lotta Svard» exalta o patriotismo das suas filiadas e tempera-lhes o animo para poderem colaborar com os soldados, em tempo de guerra.

As mulheres tomam parte nos exercicios da Guarda Civica durante os quais lhes são ministradas as noções indispensaveis para fazerem funcionar normalmente os serviços de abastecimento, enfermagem, etc. Como cozinheiras, vivandeiras ou enfermeiras preparam-se, nas grandes cerimonias civicas e desportivas, para exercerem essas funções em caso de guerra.

Mas não fazem parte do exercito

As mulheres finlandeses não têm, portanto, serviço militar. Encarregam-se das tarefas auxiliares, importantes em periodo de campanha. Não constituem unidades de combatentes, mas de especialistas.

Iniciadas as hostilidades, as filiadas da «Sociedade Lotta Svard» são repartidas por três categorias: as que ficam nas suas terras, encarregadas de tarefas preparatorias, e as que acompanham os soldados auxiliando-os nos varios ramos de actividade que indicámos.

O DIA DE HOJE

A vespera de Natal

foi comemorada em Lisboa

com festas e numerosos bôdos

Um aspecto da distribuição do bôdo na Junta de Freguesia do Campo Grande (Ao fundo o seu presidente, sr. engenheiro Carlos Santos)

A vespera de Natal foi comemorada, a exemplo do que acontece geralmente em Lisboa — onde, a-pesar-de tudo o que se tem dito e escrito, ha um nivel de bondade e de solidariedade superior ao de muitas capitais estrangeiras — principalmente com distribuições de viveres e dinheiro aos adultos e de brinquedos e guloseimas ás crianças. Assim, no meio das dificuldades e das agruras que caracterizam ainda a existencia de milhares de pessoas, esta data surgiu como um raio de luz admiravel e divino.

Festa no Albergue da Mitra

O Albergue da Mendicidade, vulgarmente conhecido pela Mitra, esteve hoje em festa, para inaugurar oficialmente o Centro Extra-Escolar n.º 12 da «Mocidade Portuguesa».

Cêrca de 400 rapazes desta instituição, devidamente uniformizados e comandados pelo sr. tenente Cascais, fizeram varias evoluções militares e exercicios de gimnastica. A' festa assistiu o comandante da P. S. P. sr. coronel Cameira; 2.º comandante major Bacelar; capitão Godinho, director da Mitra; e dr. Henrique Ruas, medico da instituição, com varias entidades da M. P.

Foi entregue aos filiados da «M. P.» o novo estandarte, que foi benzido pelo prior da Mitra, rev. Antonio Santos Casa Nova.

O representante da «M. P.», sr. Bruto da Costa, produziu uma alocução acêrca dos deveres dos filiados. Na sede do Centro foram depois descerrados os retratos do Chefe do Estado e do presidente do Conselho, entre aplausos de todos os presentes.

Festa de legionarios

No quartel da 3.ª Companhia de Saude, realizou-se hoje uma festa de Familia dedicada pelo batalhão n.º 8 da «L. P.», aos seus filiados pobres e á familia de soldados e cabos dos quarteis da G. N. R. de Braço de Prata e do Cabeço de Bola, do regimento de Telegrafistas e da 3.ª Companhia de Saude, unidades estas onde os legionarios daquele batalhão recebem instrução.

No refeitorio foi armada uma grande arvore do Natal.

Pelas 9 horas, iniciou-se a festa, com a presença do sr. dr. Alfredo Filipe, comandante do batalhão 8, capitão Aurelio, comandante da Companhia de Adidos, tenente Francisco Martins e outros oficiais do Exercito, graduados da «Legião» e da «Mocidade Portuguesa».

Pelas senhoras legionarias daquele batalhão foi servido um almoço a 300 crianças.

Seguiu-se a distribuição de agasalhos e generos alimenticios ás crianças e a pessoas das suas familias, terminando a interessante festa com «vivas» á «Legião», e ao batalhão n.º 8.

A festa da Brigada Naval

No antigo quartel de Marinheiros, em Alcantara, realizou-se hoje uma simpatica festa organizada pela Brigada Naval da «Legião Portuguesa», pelos seus serviços de Acção Social.

Numa das casernas foi armada uma grande arvore do Natal, reunindo-se ali os filhos dos legionarios e dos marinheiros, que em numero aproximado de quatrocentos receberam peças de roupas, confeccionadas por senhoras legionarios, bôlos, brinquedos, etc.

A' cerimonia—que não teve caracter de bôdo mas sim de festa da familia naval—assistiu o comandante da Brigada Naval, sr. 1.º tenente Santos Tenreiro, oficiais instrutores, etc.

Pessoal da Imprensa Nacional

No gimnasio da Faculdade de Ciencias, realizou-se hoje de tarde uma festa infantil do Natal, organizada pela direcção do Grupo Desportivo e Recreativo do Pessoal da Imprensa Nacional de Lisboa.

A interessante festa iniciou-se com recitações e canto coral pelos alunos das classes de gimnastica, seguindo-se uma larga distribuição de brinquedos e bombons ás crianças presentes, para o que foi montada uma grande arvore do Natal.

A festa, que decorreu num ambiente de grande alegria, terminou com um baile, abrilhantado pela orquestra «Europa».

Na Junta de Freguesia de Santa Catarina

A Junta de Freguesia de Santa Catarina distribuiu hoje cobertores a trezentos indigentes e vestiu quinhentas crianças de ambos os sexos, tarefa meritoria e laboriosa que começou logo pela manhã e a que presidiram os srs. José Ricardo Rodrigues Migueis e D. Francisco de Assis de Almeida Mendia. A' tarde esteve na sede da Junta o sr. governador civil, que verificou a alegria da petizada, com suas camisolas, calças e alpargatas novas, e que depoise foi visitar o Asilo de Santa Catarina, onde se realizou uma festa, que foi novo motivo de alegria para os pobrezinhos.

O Natal da Vacuum

Nas oficinas da Vacuum Oil Company, na calçada da Boa Hora, está-se realizando, á hora a que escrevemos, a tradicional festa do Natal, tradicional tambem na «Familia Gargoyle», tão amiga dos filhos dos seus operarios que, além de lhes distribuir bonitos brinquedos e lautos lanches, os diverte, e as suas familias, com um acto de variedades em que tomam parte varios artistas, a Orquestra Sampaio Ribeiro, o Quarteto Vocal Folclorico e os palhaços Vasquito e Atalaia. E, como se tudo isto fôsse pouco, está-se realizando uma gincana e corridas de obstaculos e jogos da laranja, do bolo e da agulha, tudo animado e bem ordenado por alto-falantes.

Diversos bôdos

A junta de freguesia de Monte Pedral distribuiu hoje, ás 9 horas, um bôdo a 1351 pobres daquela freguesia, de 10 escudos a cada.

—O Gremio Alentejano faz amanhã, ás 10 horas, na sua sede, na rua Eugenio dos Santos, 58, um bôdo a rapazes e raparigas.

—Amanhã, pelas 16 horas, será feita, na Casa das Beiras, uma distribuição de vestuario a crianças filhas de beirões pobres residentes em Lisboa. Tambem serão distribuidos brinquedos ás mesmas crianças.

— A Junta de Freguesia de Santa Isabel distribue amanhã, ás 12 horas, uma refeição a 2.000 pobres da freguesia.

O Natal dos Leprosos

A Obra de Assistencia aos Leprosos distribuiu pelos leprosos seus protegidos de Lisboa e das provincias, agasalhos, açucar, café, bacalhau, brôas e tabaco.

Na gafaria do Rêgo, foi feita hoje uma grande distribuição de agasalhos, brôas, arroz dôce, café, açucar, bolos, bolachas, tabaco, vinho do Porto e ilustrações.

Os encontros de

Na 1.ª jornad

o Sporting e

O União

A coligação Benfica-Sporting-Belenenses, vulgarmente designada por B. S. B.», organizou para a quadra festiva do Natal e Ano Novo um torneio em que colaboram os «teams» do Academico, do Porto, e da Associação Academica, de Coimbra.

Posta de parte a ideia da vinda de «équipes» estrangeiras, a presença dos portuenses e conimbricenses constitue o grande atractivo do torneio, tanto mais que os grupos lisboetas não se defrontam entre si.

Os jogos das três jornadas efectuam-se, respectivamente, hoje, no Lumiar; amanhã, nas Salesias, e no domingo, nas Amoreiras.

Dos encontros da primeira «saida» damos a seguir o relato descritivo.

Sporting, 2 — Academico, 2

Quando ás 13 e 15 os grupos entraram no campo, para disputa do primeiro encontro da tarde, a assistencia, escassa em demasia para a importancia do encontro, aplaudiu os dois «onzes», assim constituidos:

Sporting — Azevedo; Galvão e Cardoso; Paciencia, Gregorio e Manuel Marques; Mourão, Ferreira, Peyroteo, Canario e João Cruz.

Academico — Jaguaré; Antonio Jorge e Rafoel; Pacheco, Szabo e Tarrio; A. Pereira, Sbarra, Marques, Tellechea e Raul.

Arbitro — Carlos Silva.

Cabe a saída ao Sporting, mas é o Academico o «team» que primeiro ataca, afirmando vontade e interesse pelo jogo.

O terreno, bastante enlameado e escorregadio, dificulta o trabalho dos jogadores, impossibilitando o bom dominio de bola.

O Sporting, após alguns momentos de dominio do adversario, toma o comando do jogo, caminhando para a balisa adversaria sem grandes pressas, com á-vontade, mas sempre com perigo.

Jaguaré tem ocasião de intervir, a comprovar a sua classe, desviando, com um ligeiro toque, para canto, um remate de Ferreira.

Note-se que o arbitro não ordenou a marcação do «corner».

A' passagem do quarto de hora, o jogo decorre monotono, em relativo equilibrio, embora o Sporting firme mais poder.

O Sporting ataca mais, remata tambem mais, mas o Academico não deixa, por vezes, de ser perigoso, evidenciando-se a sua ala esquerda — Tarrio, Tellechea e Raul — que tem colocado, por vezes, Galvão em cheque.

Dois minutos antes do intervalo, dentro da grande area do Academico, Rafael detem espectaculosamente com a mão uma avançada leonina. Todos julgam que o arbitro vai assinalar «penalty», mas como tal não sucede o ambiente aquece — mais, torna-se agitado.

E quando tudo esperava que a primeira parte terminasse sem a marcação de «goals» surge inesperadamente um ponto Academico, na ultima jogada.

Cardoso carregou, dentro da grande area, o avançado centro academista, mas como este já não estava de posse do esferico a acção do «back» esquerdo sportinguista não teve influencia alguma na defesa da sua balisa.

O arbitro ordenou a marcação duma grande penalidade e Jaguaré aproveitou o ensejo para fazer o primeiro «goal» do desafio.

A segunda parte

No recomeço do jogo, verifica-se que o Academico alinha sem Szabo, o estrangeiro que mais cansado se tinha mostrado no primeiro tempo. Tarrio passou a ocupar o lugar de médio-centro e Dias entrou para o posto de médio-esquerdo.

O Sporting inicia um ataque vigoroso, enfrentado com coragem pela defesa portuense.

Mas contra a corrente do jogo são os portuenses quem, aos 4 minutos, aumentam o seu activo com mais um «goal». Na conclusão duma descida pela asa direita, Alvaro Pereira tira um centro dirigido ás rêdes; o «keeper» nacional hesita na defesa e a bola segue até á extrema esquerda, donde Marques, ocasionalmente nesse lugar, não tem dificuldade em a atirar para dentro da balisa.

Este «goal» estimula os homens do Sporting

Grande Cei
na ROSA
Reserve a sua meza!
Almoç
R. S. Nicolau, 48

football de hoje

a do torneio da coligação «B-S-B»

npatou com o Academico, do Porto, e a A. Academica de Còimbra venceu o Benfica

Lisboa assegurou a sua entrada na I Divisão

que recomeçam a sua ofensiva — agora mais insistente.

Durante o primeiro quarto de hora de jogo os ataques da linha avançada dos «leões» são continuos, mas esbarram sempre na defesa energica e decidida dos portuenses, onde Antonio Jorge brilha.

E' certo que os avançados sportinguistas nem sempre conjugam bem os seus esforços, nomeadamente Peyroteo que não está feliz.

Assim, o desafio decorre em toada esquiva de emoção, salientando-se, apenas, como motivo de agrado as intervenções de Jaguaré, que em dado momento salvou «in-extremis» um «goal» preparado por Peyroteo e Ferreira, á bôca das suas rêdes.

Aos vinte minutos o Academico que contra-ataca sempre que para isso tem ensejo, consegue um novo ponto por Tellechea, mas o arbitro, e com razão, anula por «off-side».

Os «leões», porém, não desarmam, sempre decididos a atacar, o que não obsta a que para fazerem o seu primeiro «goal» fôsse necessario um «brinde» do arbitro — um «penalty» injustificado que Galvão transformou.

Aos 29 minutos, finalmente, Peyroteo logra, na sua maneira caracteristica bater a defesa adversaria, atirando para as rêdes desertas, pois Jaguaré havia saído ao seu encontro.

Um «livre» assinalado dentro da grande area do Academico, a castigar falta de Jaguaré, provocou um lance em que o Sporting esteve prestres a obter o desempate, mas o mesmo Jaguaré conseguiu ainda segurar o empate.

Proximo do final, Pacheco teve de abandonar o campo em virtude de se ter magoado fortemente num pé.

O jogo decorre numa monotinia enervante — dum lado, um «team» lento e a dar andamento pouco vivo ao jogo; do outro, um grupo mais poderoso, mas em tarde de fraca inspiração.

E assim nesta toada terminou o encontro com um empate a duas bolas que contraria a sua marcha, pois os «leões» jogaram o bastante para ganhar.

No Academico, salientaram-se Jaguaré e Antonio Jorge, Pacheco e Tarrio, na linha média, Marques e Tellechea no ataque.

No Sporting, Cardoso fez um bom encontro e os restantes deram rendimento inferior ás suas possibilidades.

A arbitragem foi francamente má e com influencia no resultado do jogo, pois que mesmo o «goal» obtido por Peyroteo foi feito em posição de «off-side».

Academica, 2 -- Benfica, 1

A' hora de começar o segundo desafio a assistencia era mais numerosa, mas ainda inferior ao que poderia esperar-se.

Eis as linhas:

Academica—Acácio; José Maria e Cesar; Portugal, Carlos Silva e Octaviano; Manuel da Costa, Gomes, Joaquim João, Conceição e Pimenta.

Benfica—Martins; Gaspar Pinto e Eloy; José Ferreira, Albino e Alcobia; Espirito Santo, Rogerio, Rodrigues, Brito e Valadas.

Verifica-se a ausencia de Francisco Ferreira na linha do Benfica.

Arbitra o sr. Neves de Carvalho.

O jogo principiou ás 15 horas e 6 minutos, desenrolando-se as primeiras jogadas a meio do terreno. O grupo da Academica, fortemente encorajado pelos associados do Sporting, começou a empregar-es com energia, desenvolvendo os seus interiores jogadas de bom estilo, nomeadamente Gomes.

Foi a este jogador que pertenceu o primeiro remate do encontro, daqueles que dão sensação de «goal» e que arrebatam os aplausos do ...ico.

A linha média e a defesa benfiquense, porém, a despeito da ausencia de Francisco Ferreira, conjugavam bem os seus esforços, neutralizando os ataques dos academicos e fornecendo bom jogo aos seus avançados.

Assim, decorridos os primeiros dez minutos do encontro, as melhores jogadas tinham pertencido ao «team» do Benfica.

Aos 19 minutos, marcou-se o primeiro «goal» do encontro. Obteve-o Valadas, em aproveitamenot dum excelente «centro» de Espirito Santo.

O valoroso grupo da Academica não acusou o «goal» sofrido,—antes se empregou com a melhor vontade no sentido de a anular. Os seus avançados fizeram algumas descidas de regular urdidura, e uma delas, concluida por Pimenta, pôs o empate á vista,—mas o extremo esquerdo de Coimbra falhou por pouco o remate.

Em andamento moderado, energico mas correcto, o jogo continuou a desenvolver-se sem grandes rasgos de tecnica e despido de lances de emoção. Enfim,—uma partida a que faltou o espirito de competição.

Ao intervalo: 1-0, a fvor do Benfica, resultado que se ajusta ao jogo exibido pelos dois «teams».

A segunda parte

No recomeço, Rogerio não alinhou no «team» do Benfica, substituido por Francisco Baptista.

De inicio registou-se um forte remate de Brito—a dar a sensação de que o Benfica ia consolidar a sua vantagem.

Mas os academcos passaram rapidamente ao ataque e, aos três minutos, conseguiu o empate: Depois dum canto marcado por Manuel da Costa, Conceição rematou de cabeça de encontro ao poste, donde a bola ressaltou para dentro das redes, sem possibilidade de defesa para Martins.

O empate «espevitou» os estudantes, que puseram maior ardor na luta, logrando, aos oito minutos, alcançar o segundo «goal»: Pimenta, descendo pelo seu lado, atirou fortemente ás redes, e Martins apenas pôde desviar a bola para perto; Manuel da Costa acorreu—e fez o ponto.

Até á meia hora, a vantagem pendeu para o grupo visitante, que sem chegar a fazer bom «football» ,se empregou com maior entusiasmo e energia na disputa da bola.

A exibição do Benfica foi nitidamente inferior á do 1.º tempo, acusando a ausencia de Rogerio e a insuficiencia manifesta do seu avançado-centro.

No periodo final do encontro, o Benfica, forçando o andamento do jogo, teve vantagem sobre o seu adversario, empregando-se num ataque vigoroso em que chegaram a colaborar os defesas.

Mas o resultado teimou em não se modificar, e o encontro terminou com o «score» já feito: Academica, 2-Benfica, 1.

Foi um encontro vulgar este Benfica-Academica, que teve apenas alguns motivos de agrado pelo entusiasmo juvenil de alguns elementos da Academica.

O empate seria talvez a solução mais logica, mas dado o desinteresse do «team» benfiquense durante largo tmpo da 2.ª parte, o resultado justifica-se.

União, 2 -- Casa Pia, 2

No campo do Restelo, com regular assistencia, disputou-se hoje o jogo da segunda mão de passagem á II Divisão da A. F. L. Os grupos alinharam:

União — Gonçalves; Mendes e Viriato; Moura, Raul Baptista e Manuel da Silva; Mario Coelho, Valentim, Humberto, Augusto Santos e Salvaterra.

Casa Pia — Armando Jorge; Pedro e Frazão; Zeferino, Correia e Duartino; Carmo, Sergio, Pité, Marques e Ramos Dias.

Arbitro — Nuno de Freitas.

O desafio começou ás 15 e 11 minutos, cabendo a saída ao Casa Pia.

Os primeiros minutos foram inteiramente favoraveis aos visitantes, que tiveram alguns lances de ataque bem desenhados, com eficaz apoio da linha média.

Nesse periodo, um grande remate de Humberto esteve prestes a abrir o «score» e um «free» apontado por Salvaterra causou certo susto aos adeptos do clube do Restelo.

No entanto, aos 10 minutos, o Casa Pia saíu do seu meio campo e executou a sua primeira avançada do encontro, aliás bem conduzida pela esquerda, e Marques só não fez «goal» porque um pé milagroso de Mendes a tal se opôs em ultimo recurso...

A premiar o seu melhor labôr, os santamarenses marcaram, aos 18 minutos, o seu primeiro ponto — por sinal excelente.

Apanhando a bola vinda da sua defesa, Mario Coelho abriu rapido a Humberto, que ante a impassibilidade de Pedro, atirou em corrida um bom «shot» que bateu Armando Jorge sem remissão.

Perto dos vinte minutos, o Casa Pia fez uma alteração na sua linha, quasi aconselhavel desde inicio: Pité recuou para a defesa e Pedro passou a ocupar o seu antigo lugar.

A permuta deu certo resultado e por momentos os donos da casa mantiveram-se ao ataque, chegando mesmo á beira do empate, no lance em que Sergio, com um pouco mais de serenidade, poderia ter rematado um passe de Marques.

No ultimo quarto de hora, o União voltou a chamar a si, o comando da partida e aos 42 minutos conseguiu novo ponto, ainda da autoria de Humberto, que soube evitar com jeito a entrada de Correia.

Ao intervalo, 2-0 — resultado que premeia com justiça o melhor trabalho do campeão da II Divisão.

A segunda parte

Os casapianos voltaram ao campo com vontade evidente de modificar o resultado — e os primeiros lances assim o deixaram antever.

Aos 3 minutos, após avanço bem delineado pela direita, a bola foi a Ramos Dias, que aticou com conta, tornando inutil a estirada de Gonçalves.

Animado extraordinariamente com a marcação deste ponto, o Casa Pia intensificou os seus esforços, bem apoiados pela sua «falange», que não cansa.

O empate esteve á vista pouco depois, numa recarga de Frazão, que a decisão de Gonçalves evitou a tempo.

Decorridos 20 minutos deste segundo tempo, e após dominio intenso dos homens do Restelo, o Casa Pia conseguiu emfim empatar.

A defesa do União fez «corner» e Ramos Dias conseguiu aproveitar o castigo, marcando-o directo, e fazendo, assim, o 2.º ponto casapiano.

Com o empate feito, o Casa Pia procurou a vitoria — unico resultado que lhe serve.

Passou então a assistir-se a um verdadeiro duelo, entre os cinco casapianos da frente e o «keeper» santamarense.

Até á meia hora, porém, o resultado mantinha-se: 2-2.

No ultimo quarto de hora, além da expulsão de Sergio, no derradeiro minuto, por agressão a Gonçalves, nada houve digno de assinalar.

O empate aceita-se, porque se o Casa Pia foi superior na segunda parte, o União teve, porém, vantagem na primeira, além de que, duma maneira geral, pertenceu-lhe maior quinhão de dominio.

Com este resultado, os satamarenses ocupam na I Divisão o lugar que nela tinha o Casa Pia.

No União, o guarda-rêdes brilhou a grande altura, e Viriato, Baptista e Humberto agradaram. Entre os casapianos, Frazão, Zeferino, Correia e Sergio foram os melhores.

A arbitragem esteve imparcial, ainda que pouco atenta, por vezes.

O jogador Angelo, do Unidos, faleceu hoje no Porto

PORTO, 24. — (Pelo telefone). — Faleceu hoje nesta cidade o jogador Angelo, antigo elemento do F. C. P. e actualmente no Unidos Football Club.

CARTA DE MADRID

MADRID, dezembro — Ao sr. dr. Pedro Teotonio Pereira, embaixador de Portugal em Madrid, que já havia sido nomeado socio de honra da «Gran Peña», foi agora oferecido nêste aristocratico clube, e pelo seu presidente, o sr. marqués de Quintanar, um banquete, a que assistiram os srs. general Saliquet, duque de Hueta, marqueses de Sales, de Orellana e de Luca de Tena, conde de «las Qucmadas» e Barão de Castillo de Chirol, etc.

Na igreja de Santo André dos Flamengos, em Madrid, celebraram-se solenes exequias por alma do comandante José Quirino da Fonseca, sogro do consul de Portugal em Madrid, sr. José Xara Brasil Rodrigues. A' cerimonia assistiram elementos destacados da colonia portuguesa e da melhor sociedade madrilena.

A partir desta data, os estrangeiros residentes em Espanha têm que provar na Direcção Geral de Segurança os meios de que dispõem para custear a sua vida, os quais têm de ser de um minimo de quatro dolares diarios, ou seja, ao cambio oficial, cêrca de cinquenta pesetas.

Nos circulos universitarios comenta-se a noticia de que brevemente voltará a ocupar a sua catedra o conhecido sabio de prestigio universal indiscutivel, dr. Gregorio Marañon. Recorda-se que o dr. Marañon se encontrava em Madrid ao começar a revolução e conseguiu fugir uara França, depois de fazer declarações e ter uma atitude que poderia oferecer certas duvidas acêrca do seu ponto de vista politico. Uma vez chegado a Paris, voltou a fazer declarações, condenando severamente os vermelhos, após o que seguiu para a America do Sul. Actualmente está em Italia e diz-se que se apresentará brevemente em Madrid, regressando á sua catedra da Faculdade de Medicina.

O dr. Marañon, celebre pelas suas teorias psico-analiticas, que influem tanto nos diversos ramos da Medicina como no Direito penal, é considerado, por um lado como discipulo, por outro como antipoda da Escola Psico-analitica de Viena, a do famoso dr. Freud, recentemente falecido. As teorias de Marañon são opostas ás doutro sabio de Viena, o dr. Alfredo Adler, e um discipulo dêste, o dr. Oliver Brachfeld, que vivia em Barcelona, havia atacado Marañon num opusculo «Contra Marañon», muito comentado ao aparecer a sua primeira edição.

Até agora, o dr. Marañon, a quem o autor em questão acusou de haver divulgado aquelas teorias superficialmente e sem bases, ainda não respondeu ao ataque.

Numerosos aviadores italianos, entre os quais se encontram muitos excombatentes da Guerra de Espanha, seguiram para a Suécia, a-fim-de se incorporarem na Aviação da Finlandia.

Uma catedra de lingua portuguesa na Universidade de Madrid

O ministro da Educação Nacional vai criar uma cátedra de lingua e de literatura portuguesas na Universidade Central de Madrid.

Como de costume nos anos anteriores, não se publica amanhã o

Diario de Lisbôa

encontrando-se fechados os nossos escritorios e oficinas

de Natal

ARAUJO

Jantar do dia de Natal

— Telef. 24701

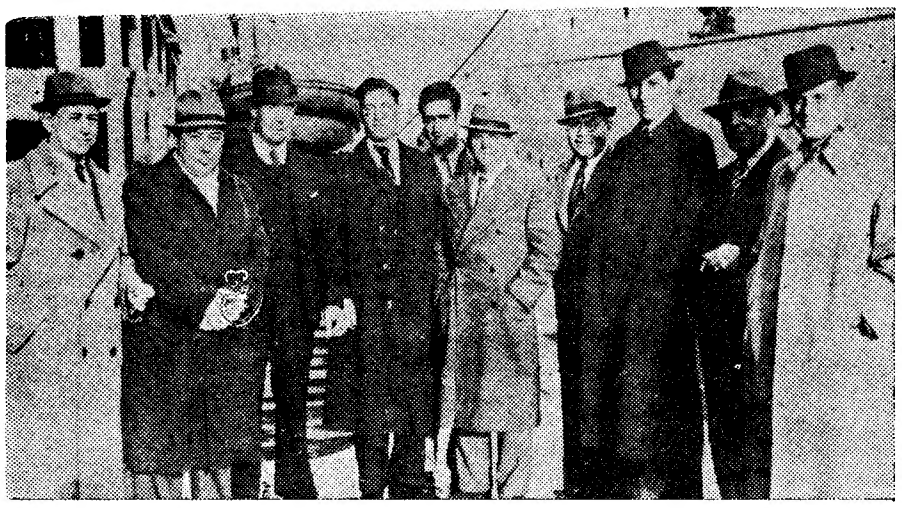
A Companhia de Seguros Açoreana

por intermedio da sua **Delegação Geral no Continente, Rua dos Fanqueiros, 150 — Lisboa,** deseja a todos os seus segurados e colaboradores BOAS FESTAS e um ano novo próspero e repleto de felicidades.

COMPANHIA DE SEGUROS AÇOREANA, RUA DOS FANQUEIROS, 150, em LISBOA

Telefone 2 4507

A CAMISA USADA PELOS ELEGANTES



Os toureiros Alejandro Saez «Ale», Antonio Dias e Joaquim Moça, que se vão exibir na praça de touros de Luanda, acompanhados dos amigos que lhes apresentaram cumprimentos de despedida

O PROMETIDO E' DEVIDO!

No nosso anuncio de domingo passado, prometemos aos nossos clientes a

SORTE GRANDE

e como vêem, não falhamos!

Os 6.000.000$00

da **LOTARIA DO NATAL** foram ontem vendidos na feliz

Casa Condeixa

2376..... 6.000 CONTOS

EM CAUTELAS

Além dêste soberbo prémio, muitos outros de menor valor foram distribuidos pelos nossos Ex.mos clientes.

Como estamos em Maré de Sorte, temos grande palpite em vender os

1.000.000$00

da LOTARIA DO FIM DO ANO

que se realiza a 30 do corrente.

Temos á venda:

Bilhetes a	420$00
Meios a	210$00
Quintos a	84$00
Décimos a	42$00
Cautelas a	11$00

(Pelo correio mais 1$00)

Pedidos á CASA CONDEIXA 217 — Rua do Arco Bandeira — 217 (proximo ao Rossio) — Telefone 26480

Jogar nesta casa é adquirir a vossa felicidade!

P. S - As cautelas da Sorte Grande foram compradas ao vendedor de lotarias Diogo Dias, do Bairro da Graça

Natal e Ano Novo nos Estoris

Estoril Palacio Hotel — Hotel do Parque
GRANDE HOTEL DE ITALIA

Esplendida situação e os melhores preços

Arvore do Natal e «Reveillon» no CASINO

Companhia Nacional de Navegação

PAQUETE

«ANGOLA»

Para o RIO DE JANEIRO e SANTOS

Avisam-se os Srs. Passageiros e Exportadores que a saída deste paquete de Lisboa foi adiada para 10 DE JANEIRO.

Os Agentes:

Orey, Antunes & C.ª, L.da

4, Praça Duque da Terceira

Casa Palissy Galvani

— DE —

Guilherme F. Simões, L.da

17-A, RUA SERPA PINTO, 17-B

Deseja aos seus amigos e fregueses umas festas felizes e um ano prospero.

APOLINAR CONTRERAS, SUC. DE

Viuva Contreras & Filho

IMPORTADORES DE TABACOS

Desejam um Natal muito feliz e um novo ano cheio de prosperidades aos seus Ex.mos Fregueses.

5, RUA 1.º DE DEZEMBRO, 7

CHAPELARIA ELITE

Carlos Augusto Pedro Marques

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos um NATAL FELIZ e um NOVO ANO muito próspero.

LISBOA 151, Rua Augusta, 153

Casa Travassos

de MANUEL MARTINS TRAVASSOS

Tabacos e Lotarias

RUA DA PALMA, 43

Deseja Boas Festas e Novo Ano feliz aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

Espumantes naturais? Vinhos de mesa e do Porto? Sim! Ha **muitos!**

Mas para os «reveillons», para as festas de **Natal, Ano Bom e Reis** assim como, para BRINDES e CONSOADAS prefira os productos da

REAL VINICOLA

FORNECEDORA DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA

porque são de confiança!!

E' um **prazer** bebê-los e uma **honra** oferecê-los!!!

APERITIVOS:

Vig (Quinado branco)
Vat (» tinto)
Maxim (Vermute)

VINHOS DO PORTO:

Senior
Porto N.º 3
Lacrima Christi
Particular Medalhas
Revinor
Old Tawny
W Superior
Exposição
Portugal Velho
Garrafeira 1916
» 1908
» 1890

VINHOS DE MESA:

Agulha (verde-branco e tinto)
Ermida (branco sêco)
Grandjó (» adamado)
» de garrafeira
Colares (branco 1935)
Colares (tinto 1934)
Evel (tinto leve)
» de garrafeira
Douro Clarête (tinto)
Rosi (rosete natural)

ESPUMANTES NATURAIS:

Victoria
Sucesso
Progredior
Assis Brasil
Primeira Reserva
Extra-Reserva

AGUARDENTES VELHAS DO DOURO

Bagaceira Velhissima — Revi-Brandy — Revi-Old-Brandy — Revi-Very-Old-Brandy

A's Ex.mas Donas de casa recomendamos os nossos vinhos de mesa (tinto branco e rosete) assim como, de Colares (tinto e branco) em garrafões de 5 litros

Tudo à venda nos bons estabelecimentos em todo o país

O DIA DE NATAL
no CASINO ESTORIL

Amanhã está o Casino em plena festa. Toda a petizada ali acorrerá de tarde, para se extasiar perante a tradicional Arvore do Natal que estará coberta de lindissimos brinquedos que serão distribuidos pelas crianças.

Junto da grande chaminé, em frente á Arvore do Natal, estará o Papá Natal, com os seus cestos carregados tambem de valiosissimos brindes, para regalo da petizada.

Muitas surprseas, variedades, baile infantil, com uma orquestra propria, de tudo haverá para que todas as crianças expandam a sua alegria.

A' noite, o jantar especial do Natal, grandemente concorrido, e baile.

CASINO ESTORIL
PROGRAMA DA SEMANA

Cinema ás 21 e 30 horas

Segunda-feira, 25 — «A canção da terra».

Terça-feira, 26 — «Ultima confissão», com Victor Mac Laglen e Joseph Calleia.

Quarta-feira, 27 — «Magia negra», com Adolf Menjou e Arlen Whelan—Documentario «Sua Majestade o Publico».

Quinta-feira, 28 — «O desaparecido de Santo Agil», com Eric Von Strohein e Armand Bernard.

Sexta-feira, 29 — «O culpado», com Gabriel Signoret, Pierre Blancher e Madeleine Ozerey.

Sabado, 30 — «Acorde final», com Willy Birgel e Sil Dagover.

Domingo, 31 — Grande «Reveillon» do Fim do Ano.

De tarde — Extraordinaria tarde infantil.

TODOS OS DIAS: De tarde, Chá dançante e á noite Baile.

Orquestra Almeida Cruz

POR EXCELENCIA

As Gabardines que vende a

Casa Inglesa

São gabardines
São inalteraveis.
São impermeaveis á chuva e permeaveis ao bom tempo.
São as melhores em forros e acabamentos.

SOBRETUDOS

genero gabardine e em variadissimos modelos que marcam pela sua actualidade! OS SEUS PREÇOS representam diferenças de 30 a 50 0|0 porque vende directamente ao publico.

ANTES DE FAZEREM AS SUAS COMPRAS pede-se a especial fineza de visitarem a

Casa Inglesa

Em Lisboa — RUA DE SANTA JUSTA, 95, 1.º (Esquina da Rua do Ouro). — Telef. 2 1758

No Porto — A maior e mais completa casa de confecções p.ª homem, senhora e criança. RUA DE SANTA CATARINA, 84 (Esquina da Rua Passos Manuel). — Teletone 6645

INSTANTA

A MODERNA CASA DE ARTIGOS FOTOGRAFICOS
UNICOS ESPECIALISTAS
EM PORTUGAL DO PEQUENO FORMATO

LEICA
CONTAX
RETINA
CINE 8m/m

R. NOVA DO ALMADA 55-57 TEL 2 9865
LISBOA

Desde 5$00

por semana, com bonus pela lotaria, todos podem comprar **Relogios** de todas as marcas. **Joias e Pratas**. Na **Ourivesaria F. de Sousa Torroais** — Rua de S. Paulo, n.º 106 — Telef. 2 6580.

PREGUNTA

QUE NOVIDADES TRAZ O STANDARD FORD V-8-1940?

RESPOSTA

22 IMPORTANTES APERFEIÇOAMENTOS

PARA MAIOR CONFÔRTO, SEGURANÇA, ESTILO E COMODIDADE.

22 IMPORTANTES APERFEIÇOAMENTOS

PARA MAIOR CONFÔRTO — Mais espaço interior. Nova ventilação regulável. Nova barra estabilizadora. Suspensão melhorada. Amortecedores de auto-regulação. Assento do condutor ajustável em dois sentidos. Frente elástica nas costas dos assentos. Almofadas dos assentos de bordos flutuantes.
PARA MAIOR COMODIDADE — Nova mudança de velocidades «Na ponta dos dedos». Motor mais acessível. Volante de direcção de dois raios.
PARA MAIOR ESTILO — Nova beleza exterior. Novos interiores luxuosos. Novo quadro de instrumentos.
PARA MAIOR SOSSÊGO — Transmissão aperfeiçoada anti-ruidosa. Rodas de disco curvo. Tambores melhorados para os grandes travões hidráulicos Ford.
PARA MAIOR SEGURANÇA — Novos faróis incrustados. Duplo limpa pára-brisas, montado na base do pára-brisas. Bateria de maior capacidade. Indicador das condições da bateria em todos os modelos.* Apenas em modelos de 85 HP.

Todos estes aperfeiçoamentos aliados ao grande motor de oito cilindros em V, grandes travões hidráulicos e à característica segurança e economia FORD.

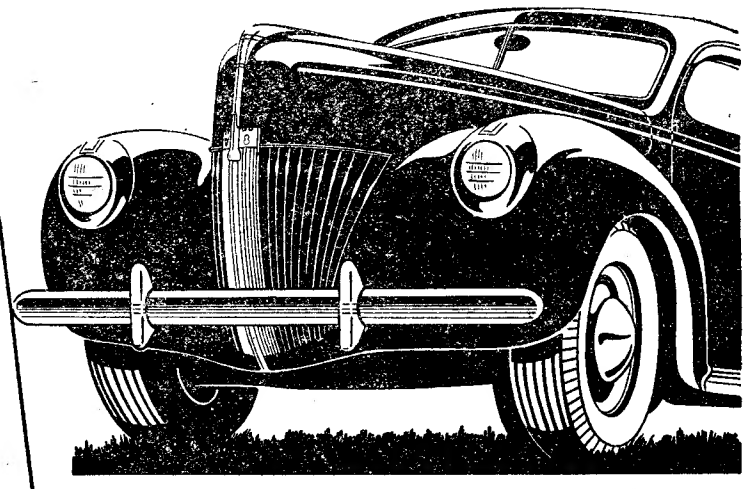
Ford

Possuir um STANDARD FORD V-8-1940 é motivo de justificado orgulho!

Em exposição permanente na Ford Lusitana e nos stands dos seus Concessionários em todo o País, demonstram a qualidade fundamental Ford e o valor que representam.

Orgulho pelo seu estilo, pela sua grandeza tanto interior como exteriormente, pelos seus grandes travões hidráulicos e económico motor de 8 cilindros em V. Mas orgulho, muito especialmente, porque êste «grande» oito cilindros tem 22 importantes aperfeiçoamentos — não modificações, mas aperfeiçoamentos efectivos que contribuem para maior confôrto, segurança, estilo e comodidade!

Manifeste-nos o desejo de conduzir um STANDARD FORD V-8-1940 e constatará a diferença que aqueles 22 aperfeiçoamentos proporcionam. Teremos muito gôsto em demonstrar-lhe êste facto, sem qualquer compromisso da sua parte.



FORD LUSITANA

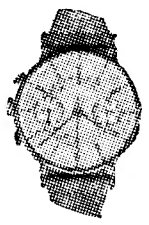
RUA CASTILHO, 149 LISBOA

CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

HAVAS

24-12-939

Nem a mudança de temperatura
Nem as maiores trepidações



INFLUEM NO REGULAMENTO do relógio cronografo suisso

BREITLING

aprovados pela Aviação Portuguesa

Modêlos de maior elegancia em aço e plaqué ouro

Gabardines IMPERIUM

a soberana das Gabardines impermeavel e inalteravel

Sobretudos IMPERIUM

os mais elegantes — Padrões exclusivos

Preços excepcionais por motivo de balanço

Vendem-se a pronto e a prestações

na Casa das Gravatas — R. do Ouro, 121
Loja da America — R. do Ouro, 208
Ateliers IMPERIUM — R. de S. Justa, 93-2.º

CIDELMIA

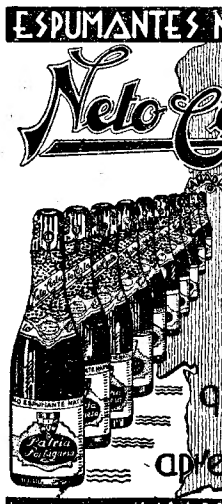
Estoril

10 — Av. ALMIRANTE REIS — 10

Essolube

ESPUMANTES NATURAIS

Neto Costa



A melhor qualidade e apresentação

CAVES EM ANADIA TELEG. NETO COSTA TELEF. n.º 13 Portugal

Representantes em Lisboa
Rua dos Fanqueiros, 122, 1.º, Esq.
Telefone 2 5141

DILIGENCIAS PACIFISTAS

Roosevelt nomeou um delegado

para acompanhar em seu nome os esforços do Papa a favor da paz

WASHINGTON, 24.—O Presidente Roosevelt nomeou Miron Taylor seu representante pessoal junto do Vaticano, para se associar aos esforços comuns pela paz e para alivio dos sofrimentos resultantes da situação anormal em que vive o mundo.

Roosevelt comunicou esta decisão ao Sumo Pontifice por uma carta que o Arcebispo de Nova York entregou, pessoalmente, ao Delegado Aposolicto em Washington.

Taylor, ex-presidente da United States Steel Corporation, é membro da Comissão Internacional dos Refugiados e terá categoria oficiosa de embaixador, com os respectivos emolumentos, mas sem categoria diplomatica. Os circulos oficias de Casa Branca sublinham que a decisão de Roosevelt não significa o reatamento de relações diplomaticas entre o Vaticano e os Estados Unidos, que se encontram interrompidas desde 1870. Taylor representará o Presidente Roosevelt e não os Estados Unidos.-(H).

Três cartas de Roosevelt

WASHINGTON, 24.—Hoje, vespera do Natal, Roosevelt mandou entregar três cartas importantes. A primeira dirigida ao Sumo Pontifice, por intermedio do arcebispo de Nova York, Mons. Spellmann, outra ao Chefe das Igrejas Evangelicas dos Estados Unidos e a terceira ao Grande Rabino dos Estados Unidos, pedindo-lhes que unam as forças espirituais das três grandes religiões para oferecer ao mundo, no momento oportuno, bases de paz duradoura. A-fim de assegurar, praticamente, a cooperação entre os esforços humanitarios do Vaticano e dos Estados Unidos, o Presidente sugere o envio dum representante pessoal, Miron Taylor, que se encarregará da colaboração americana á «edificação duma ordem nova».

Nesta carta, Roosevelt precisa o espirito da missão de Taylor: «Na hora presente—escreve—nenhum Chefe espiritual pede propôr a qualquer chefe de governo, um plano preciso destinado a pôr termo á destruição e a reconstruir o mundo. Entretanto, uma coisa é certa: chegará a hora para efectuar esta tarefa. E' esta a razão por que, embora não se possa ainda determinar quando ou como tal acção poderá dar-se, convém que estipulemos uma colaboração mais apertada entre todos aqueles que, no mundo inteiro, têm um objectivo comum, quer representem religiões ou governos. Por conseguinte sugiro a Vossa Santidade o envio do meu representante pessoal, a-fim de que os nossos esforços em prol da paz e alivio de sofrimentos, se desenvolvam paralelamente. Quando soar a hora do restabelecimento da paz mundial, sobre bases mais seguras, será da maior importancia para a Humanidade e a Religião que os ideais comuns se exprimam em unisono. Mais ainda; quando chegar esse dia ditoso, teremos, todos, grandes problemas de ordem pratica a resolver. Milhões de homens, de todas as raças, de todas as nacionalidades e religiões, terão talvez que refazer a sua vida, emigrando para outros países. Neste caso tambem os ideais comuns exigem acção paralela. Estou certo de que todas as igrejas do mundo, que crêem num mesmo Deus, usarão da sua grande influencia em favor desta causa».—(Havas).

O Papa convida os beligerantes a indicarem condições de paz

CIDADE DO VATICANO, 24—O Sumo Pontifice recebeu os membros do Sacro Colegio e altas personalidades religiosas de Roma, que lhes apresentaram felicitações pela passagem das festividades do Natal.

Pio XII discursou, aludindo claramente ao conflito europeu e ás possiveis consequencias no dominio social e economico. Recordou as tentativas vãs da Santa Sé para impedir a guerra e convidou os governos dos paises beligerantes a precisarem as condições em que estariam dispostos a concluir a paz, mas uma paz que seja honrosa para todos os povos.

O Santo Padre anunciou aos cardiais a nomeação de Taylor como representante pessoal de Roosevelt junto do Vaticano. Agradeceu ao Presidente americano o seu gesto de colaboração á causa da paz.—(Havas).

Um desmentido sobre a missão de Himmler á Italia

ROMA, 24. — São categoricamente desmentidos os boatos de que Himmler seria portador de propostas de paz dirigidas a Hitler. Mussolini permanece inflexivel na sua decisão de intervir sómente quando as circunstancias se mostrarem favoraveis e só se arriscaria a empregar os seus esforços quando estivesse certo de alcançar o resultado em vista.—(Exchange Tlegraph).

O acôrdo sobre a população do Alto Adigio

ZURICH, 24. — As provincias de Udino e Belluno estão incluidas no acôrdo concluido em Roma por Himmler para a repatriação dos individuos de origem alemã. Estes terão de decidir antes do fim do ano se desejam manter a nacionalidade italiana ou transferir a sua residencia para a Alemanha.—(E. T.).

Inglaterra e Dominios

Singapura é invulneravel

SINGAPURA, 24—«Sir» Shenton Thomas, governador dos Estreitos, afirmou que Singapura se encontra preparada para resistir a qualquer ataque por mar ou pelo ar e que será impossivel um desembarque de tropas em Singapura, por muito poderosa que fosse a esquadra atacante.

Acrescentou que as guarnições militares de Singapura foram ultimamente reforçadas com milhares de soldados britanicos, indianos e egipcios.

«Sir» Shenton Thomas disse ainda que Singapura possue poderosas forças aereas e dispõe de um sistema de batarias de artilharia de costa de grosso calibre que não deixaria aproximar quaisquer barcos inimigos.

Terminou dizendo que os abrigos contra «raids» aereos construidos em Singapura estão prontos e oferecem a maior segurança para a vida dos habitantes da cidade.—(U. P.).

Recrutamento de mulheres para os serviços de automoveis na Australia

CAMBERRA (Australia), 24—Margaret Ross, de 68 anos, foi a primeira mulher australiana a responder ao apelo dirigido pelo Governo da Australia, para 4.000 mulheres voluntarias destinadas a ser empregadas no serviço de condução de automoveis, em consequencia dos motoristas serem necessarios nas fabricas de material de guerra.

As mulheres que não sabem conduzir estão a receber instrução intensiva de motores e condução de automoveis ligeiros e pesados.—(United Press).

Prisão de espiões no Canadá

OTTAWA (Canadá), 24—Foram presos nesta cidade quatro espiões nazis, no momento em que tentavam introduzir-se numa as mais importantes fabricas de material de guerra.

Em poder destes espiões que preparavam a explosão da parte da fabrica, onde estão instalados os maquinismos mais importantes, foram encontradas poderosas bombas de relogio.

As autoridades policiais canadianas declaram que na ultima semana redobrou a actividade da espionagem nazi em todo o territorio do Canadá, tendo-se registado oito casos de sabotagem, durante aquele periodo.—(U. P.)

Para as fotografias do Natal e Ano Novo empregue peliculas *Gevaert*

Garcez, L.da

CHIADO

O HEROISMO FINLANDÊS

Tem havido muitas deserções

entre as tropas sovieticas que lutam no norte da Finlandia

ESTOCOLMO, 24. — Os correspondentes dos jornais suecos na Finlandia sublinham a importancia dos exitos finlandeses no extremo Norte. As tropas russas—noticiam—parece estarem desmoralizadas e são numerosas as deserções. Milhares de soldados russos teriam passado para as linhas finlandesas.

Um chefe de batalhão sovietico—acrescentam—entregou-se aos finlandeses, declarando que o moral das tropas vermelhas estava muito abalado.

Os oficiais russos têm medo dos homens que comandam. As munições são apenas distribuidas no momento de iniciar os ataques. Os tripulantes dos carros de assalto são, com frequencia, fechados dentro dêsses carros.—(Havas).

Novo ataque infrutifero á linha Mannerheim

HELSINKI, 24. — *(Do enviado da United Press).*—Os russos voltaram a atacar a linha Mannerheim, mas sem qualquer resultado positivo.

Todo o país se prepara para as festas do Natal, que este ano são dedicadas aos heroicos soldados, que lutam pela independencia da Patria. A organização patriotica das mulheres finlandesas prepara, activamente, o Natal do Soldado, com as encomendas que lhes vão enviar para as frentes de combate.

Das regiões mais distantes do país chegam inumeras encomendas para os soldados.

O comunicado do exercito russo mencionou a retirada das tropas sovieticas, classificando-a de estrategica.

A actividade da aviação

HELSINKI, 24.—Até ao meio dia, hora local, não houve alarme aereo na capital. Ontem avistaram-se alguns aviões inimigos nos arredores de Ekanees. Na localidade de Lapvik, a 10 quilometros de Ekanaes, aviões russos metralharam a população civil, causando ferimentos a varias pessoas. Certo numero de aviões sovieticos dirigiu-se para Viborg, onde, segundo noticias ainda não confirmadas, foram abatidos dois aparelhos inimigos. Em Abe houve ontem 5 alarmes; o primeiro começou ás 11 e 10 e o ultimo terminou ás 15 horas.

Aviões russos bombardearam tambem a aldeia de Naantali, situada a oeste de Abe. Observa-se que estes «raids» são dirigidos apenas contra regiões habitadas pela população civil. A aviação russa ataca objectivos que não são militares nem protegidos pela D. C. A. Nos ultimos 4 dias, os comunicados russos declaram que a aviação sovietica abateu 38 aparelhos finlandeses. Os finlandeses, por sua vez, declaram não ter perdido nenhum avião, neste lapso de tempo.—(Havas).

O comunicado russo

MOSCOVO, 24 — O comunicado do Estado Maior da circunscrição militar de Leninegrado anuncia: «Não se registou qualquer acontecimento importante no dia 23 de dezembro. Assinalam-se algumas operações da aviação em certo numero de distritos. Em combates aereos foram abatidos 16 aviões inimigos.—(Havas).

O apoio á Finlandia

100 mil dolares da America

NOVA YORK, 24—O ex-presidente Hoover enviou á Finlandia um segundo cheque de 100.000 dolares.—(H.).

Conferencia em Paris

PARIS, 24—Campinchi recebeu ontem no ministerio da Marinha, o ministro da Finlandia em Paris.—(H.).

As relações russo-bulgaras

SOFIA, 24—Partiu para Moscovo a delegação comercial bulgara presidida pelo ministro das Finanças, que vai concluir um tratado de comercio e uma convenção de navegação maritima bulgaro-sovietica.—(Havas).

Os acidentes ferroviarios

que tem havido no Reich

ZURICH, 24—A Administração dos Caminhos de Ferro alemães e o Governo nazi são alvo de indignadas recriminações pela serie de desastres ferroviarios que ultimamente se tem verificado na Alemanha. Na ultima semana a Administração protestou junto do governo contra as suas instruções no sentido de que os vagões fossem carregados ao maximo, atendendo apenas ao espaço, e fosse qual fosse a sua capaicdade de transporte. A causa que provocou estas instruções é a tremenda escassês de material rolante. A Administração entende que a adopção deste sistema constitue um perigo permanente, e que a sua continuação poderá causar novos desastres.

A lista definitiva das vitimas do ultimo acidente compreende 50 mortos e 70 feridos.—(E. T.).

Abel Bonnard

O sr. Antonio Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional, oferece, no proximo dia 28, ás 20 e 30, no Tavares, um jantar de homenagem ao ilustre academico francês Abel Bonnard, a que assistirão diversas personalidades em evidencia.

O notavel homem de letras francês visitou hoje, acompanhado pelos srs. dr. João Ameal e Guilherme Pereira de Carvalho, representante do S. P. N., Sintra, Cascais e os Estoris.

Esta noite ser-lhe-á oferecido um jantar na legação de França.

O COMUNISMO EM FRANÇA

PARIS, 24—O juiz instrutor do Tribunal Militar Especial terminou o interrogatorio dos deputados comunistas. Dos 36 presos, só um foi posto em liberdade provisoria.—(U. P.).

Expulso por indesejavel

O Dr. Nascimento Guimarães expulsou ontem do seu lar, por indesejavel, o seu isqueiro de ouro. De futuro só utilizará fosforos e ficará assim sempre satisfeito.

O TEMPORAL DA NOITE PASSADA

Naufragou no Algarve

o barco espanhol «Anita Perez» parecendo que ha 59 mortos

MONTE GORDO, 24. (Pelo telefone) —Quando o temporal da noite passada era mais violento, arribou á barra de Vila Real de Santo Antonio um vapor de pesca com tanta infelicidade que encalhou nos baixios e em poucos momentos foi tragado pelo mar, com toda a sua tripulação.

Esta manhã deram á costa, ef frente da praia de Monte Gôrdo, dois cadaveres, tendo aparecido mais quatro proximo de Vila Real de Santo Antonio.

Noticias recebidas de Isla Cristina (Espanha) dizem tratar-se do cêrco espanhol «Anita Perez», o qual parece que trazia a bordo sessenta tripulantes.

O unico sobrevivente foi o mestre de bordo José Carpena que se encontra em perigo de vida, no hospital de Isla Cristina.

O msetre de pesca do «Anita Perez» era Manuel Lopez, mais conhecido pelo «Cara dura», que tinha muitos amigos em Monte Gôrdo.

A LOTARIA DE ONTEM

Como sempre o Quiosque Tivoli continua a distribuir pelos seus clientes grande numero de premios em todas as extracções. Na lotaria do Natal foi o vendedor do 4.º premio que coube ao numero 583 com 101.600$00. Para maior facilidade dos contemplados o proprietario do Quiosque Tivoli sr. José B. Cunha, resolveu rebater hoje e todos os dias até á meia noite, qualquer fracção de qualquer premio, tanto em Lisboa como na sua Sucursal do Porto, na praça da Liberdade, 33.

Sem rumo...

a lembrar

Não sabemos a razão — ou, talvez, mesmo por isso, dado o momento — vele á memoria um canto do inclito Camões, irmanado ao de Dante, em o «Inferno»

Chegai *desesperados* para ouvir-me;
E fujam os que vivendo esperança,
Ou aquelles que nela se imaginão;
Porque Amor e Fortuna determinão,
De lhe deixar poder para entenderem
A' medida dos males que tiverem.

E curioso é que, na ultima «Variéte IV» do eminente filosofo Paul Valery, entregando-se ás melhores virtuosidades da retorica verdadeira, se encontra uma meditação profunda de igual alcance «sobre as instabilidades incessantes de que a vida é objecto». De perdição, como o amor.

Desesperados de ontem, fortunados de hoje! E quem o não deva estar!

Os belos espiritos encontram-se sempre, como diz Rópmebio.

* * *

Entre a vida civilizada e a vida selvagem, a diferença é a mesma que a do direito e da força. — Cicero.

Desgraçadamente, a desventura do tempo a fugir é que a força do direito não vale nada sem o direito da força, como todos os dias se está vendo — até que sem diferenças, aguardando-se que a violencia seja, tambem, justiçada. Ai, contudo, dos pequenos, sempre, sem remedio, por falta de força e do merito inerente ao poderio.

* * *

Os agentes do principe que se compraz com a lisonja são todos os celerados. — Salomão.

* * *

Dois pensamentos de Shakespeare, em esse supremo «Rei Lar» ou seja uma biblia de diversas psicoses sociais, *desde a basofia* á insensatez:

«E' a desgraça deste tempo que os loucos guiem os cegos».

«Desde que nascemos, nós choramos de ter vindo sobre este grande teatro de doidos».

* * *

E desculpe-se, se a equivalencia na linguagem lusa deixa a desejar—mas, a sublimidade do espirito lá está e a inteligencia suprirá o que necessario fôr.

* * *

A verdadeira coragem é uma confiança esclarecida que não ha nada que a perturbe. — Condillac.

Pelo visto, ha diversas coragens e dificil, portanto, distinguir a falsa da séria! Corajosos é que ha muitos e bons, na audacia e arriscado.

* * *

Corrige-se um mêdo com outro mêdo; o mêdo da morte pelo da vergonha. — Diderot.

Pior é haver quem não tenha mêdo seja do que fôr, nem pôderia usar da vergonha por esta se lhe ter afastado para outras regiões incompreendidas.

* * *

Do prestigioso e lembrado cabo de guerra da historica peleja de 1914, Foch:

«A realidade do campo de batalha é que nele não se estuda; simplesmente, faz-se o que se pode e com o que se sabe. Desde logo, para lá se voltar um pouco, é preciso saber muito e bem».

Ripostando a um conselho que para defesa dum certo oficial dissera que ele «tinha muito fosforo»:

— Mas, é necessario fosforizar...

Por certo, o comandante actual seria elogiado pelo de ontem: sabe muito e bem, no conceito geral; e os oficiais acendem magnificamente o seu fosforo, como de «élite» que são.

* * *

Por menos cultura tida, sabe-se que, para os alemães, Spengler é principe nazi no intelectualismo. E o que o ocidente lhe merece! A ideia suprema da sabedoria está, porém, sem totalitarismos no passado: em Goethe e principalmente em Nietzsche, e o bom criterio manda recordar o que ele escreveu:

«Tudo o que ha de nobre na Europa na ordem do sentimento, dos gostos e dos costumes é a invenção da França».

Esta excepcional clarividencia é igualmente justa homenagem a todos os que com a França comungam no mundo superior do espirito.

JOSÉ PARREIRA

A saude escolar

A revista deste nome publica, em longo artigo (n.º 29), a historia desta instituição, criada em 1933 e que funciona desde abril de 1934, depois de terem feito concurso de provas publicas os novos medicos. Tem a Saude Escolar 5 anos de existencia pratica, laboriosa e produtiva tanto no continente como nas ilhas, mas a-pesar de muito nova tem experimentado já as suas provações. O artigo expõe todas as resistencias e suspeições que ela encontrou e diz tambem a grandeza dos resultados obtidos e as suas perspectivas de futuro.

Foram escolhidos, dentre toda a instrução publica, os liceus para o serviço da medicina escolar, não porque as outras escolas não carecessem da assistencia medica, mas por motivos de economia. Alguns medicos aprovados em concurso foram ocupar os lugares vagos e de antiga criação nas escolas primarias e nas escolas chamadas técnicas.

Porque motivo se escolheu o liceu? O autor do supracitado artigo (Fernando Correia) responde: «dada a circunstancia de frequentarem este (liceus) os que mais tarde hão de ser os dirigentes de Portugal ou no ensino, ou no exercito, ou em cargos do Estado e das corporações, ou no alto comercio e industria, entendeu-se logicamente que os liceus, por onde passa a futura «elite» do país, era o campo de acção onde a empresa tinha mais probabilidades de exito». E com efeito assim é. Quasi todos os dirigentes do trabalho—agricultura, industria e comercio—por ali passam, porque quasi toda a classe média e superior, dos 11 aos 18 anos, recebe a instrução secundaria naqueles estabelecimentos ou, ao menos, ali fazem os seus exames. O liceu podia e devia ser casa de educação integral e não se limitar a simples instrução menemonica para fazer o exame.

Falar á memoria, constantemente, á memoria, e nunca á inteligencia não pode ser a maneira de fazer a educação intelectual capaz, de formar a disciplina da inteligencia. E como o ensino secundario (e quasi todo o outro) e essencial dirigido á memoria, os nossos estudantes não sabem raciocinar, não se habilitam nas escolas a pôr em equação os diversos problemas da vida.

Mal postos são necessariamente mal resolvidos. Ao lado da formação intelectual deveria fazer-se a formação moral que depende do conhecimento dos deveres (operação da inteligencia) e por igual da inclinação do querer (operação da vontade). E' o caracter que se exprime pela formação de habitos salutares.

A Saude escolar quis tomar o aluno integralmente, corpo e alma, e tratar da sua saude fisica, do equilibrio e resistencia do corpo e bem assim da saude moral e intelectual, isto é, do equilibrio resistencia do espirito. Já não eram só os catarros, as gripes e os sarampos; não era só o perimetro toracico, a altura e o peso; não era só a tuberculose e a sifilis hereditaria; era tambem a largura da inteligencia, a capacidade da atenção, a qualidade da memoria, o peso do senso comum, o valor do poder critico, a resistencia da vontade ás sugestões da sensibilidade e aos devaneios da imaginação, as taras psiquicas e os hábitos doentios. Ao lado da mecanica do corpo tomaria lugar a mecanica do espirito. O conhecimento das leis da fisiologia seria acompanhado pelo conhecimento das leis que regem o funcionamento do espirito, porque todo o ser humano é regido por leis, com as quais joga a nossa liberdade, o nosso livre arbitrio, e joga tanto melhor quanto melhor as conhecer, souber tirar partido deste conhecimento. Ignorar as leis do espirito humano, é, para efeitos de higiene moral o equivalente de ignorar a fisiologia para efeitos da higiene fisica.

Foi novidade para muita gente esta expressão — higiene moral. Pareceu reacionaria a expressão mas não foi só o escandalo de novidade, foi mais alguma coisa que a injuria feita á rotina, foi o receio para alguns de ficar depreciado o papel da religião. No supracitado artigo diz-se: «houve quem temesse que os medicos, ao ocupar-se da higiene moral fôssem tornar desnecessaria a religião». Era compreender mal a religião e fazer muito fraca ideia da higiene moral.

Faz-se higiene moral quando se cultivam as virtudes naturais por meios educativos que são meios naturais. A observação mostra que estas virtudes naturais, especificamente humanas, prepara o terreno para a eficacia das ideias religiosas. Amanhar o terreno é a missão dos educadores, e, neste amanho, o medico pode ser excelente operario, porque deve conhecer e saber manejar utilmente as leis naturais que regem a vida fisiologia e psiquica. Preparar o terreno humano pertence ao medico, aplicar a religião é tarefa para outros. Cada um conforme as suas aptidões e capacidades, mas em colaboração o que não significa concorrencia e muito menos oposição. Para que serve baralhar e confundir coisas que são distintas por natureza?

Ha lugar para todos e todos os competentes são ainda poucos. A este numero pertencem os medicos escolares que desde a primeira hora se lançaram na obra com método, tenacidade e amor, tendo nesta hora realizado trabalho que é mal conhecido, porque não faz barulho, mas que o deve ser e que o ha-de ser para bem da educação nacional.

SERRAS E SILVA

A' margem da semana

Europeus

André Bellessort, ainda antes de ter rebentado a nova guerra europeia, numa conferencia que realizou na Université des Annales, *começou por formular a seguinte pregunta:*

— «*O que é um Europeu?*». «*A resposta teria sido simples na Idade Média*», *acrescenta ele e dá-nos essa resposta que supõe receberiamos então:*

«*O Europeu é um homem que em toda a parte para onde vá, na Europa, será entendido por aqueles que compreendem e falam o latim; o Europeu pertence á Cristandade pela sua fé e á Latinidade pela sua cultura*».

«*A época da Idade Média, diz-nos ainda Bellessort, foi a que melhor realizou o que nós chamamos* européismo. *Os homens sentiam-se igualmente presos á sua pequena ou grande patria, mas com um orgulho menos vivo, menos exclusivo, menos agressivo. Sobretudo, acima das diferentes patrias, havia uma onde se juntavam os espiritos — pensadores, artistas, sábios — uma patria espiritual, que tinha a sua linguagem propria, a de Cicero e de Virgilio, a sua filosofia, as suas crenças, os seus simbolos, os seus meios de comunicação. Essa patria era a Europa. Os arquitectos, os escultores, os artifices habeis nas artes da pedra vinham de todos os paises trazer o seu concurso á edificação duma catedral. Não reservavam o seu trabalho e o seu talento para a sua patria. Onde uma catedral se levantasse estava a patria das suas almas*».

Devemos concordar que esta concepção da Idade Média, que nos apresenta o conferente francês, é a mais bela, a mais elevada. Mostra-nos o pouco que temos progredido espiritualmente, porque de facto o amor da nossa patria, dedicado e profundo, não impede os laços de respeito e estima com os outros países, sobretudo na comunhão de crenças, de ciencias, de arte.

Se predominasse esse criterio, em vez do criterio ambicioso e guerreiro, o que poderia ser o mundo?...

«*O grande inimigo desta ordem de coisas é o hereje, observa Bellessort, porque, como diz Bossuet, sai da comunhão religiosa e social*».

Eu creio que estas palavras quasi não carecem de comentario. A nossa época é o melhor comentario que elas podem ter. Foram pronunciadas em março deste ano; os acontecimentos que depois disso se têm desenrolado são eloquentes.

MARIA DE CARVALHO

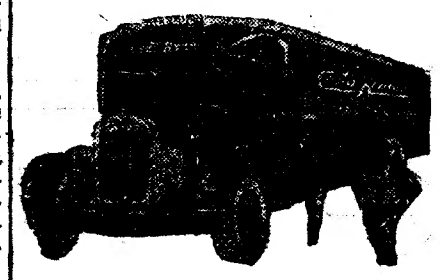
Telef. 2 4937

Arthur Portugal, L.da

Alfaiates-Mercadores

CALÇADA DO CARMO, 7, 1.º

Cumprimentam os seus Ex.mos clientes e amigos desejando-lhes boas festas e Novo Ano muito prospero.



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.

PORTO — R. Guerra Junqueiro, 7 — Telef. 15061-15062

LISBOA — R. S. Julião, 34, 36 — Telef. 27002

«CAMPIÃO DAS MEIAS»

M. DUARTE SILVA

Rua Serpa Pinto, 16-D. (ao Chiado)

Agradece a preferencia que as suas Ex.mas clientes têm dado aos seus artigos e aproveita a oportunidade para lhes desejar festas muito felizes.

Electro Lisboa, L.da

R. Augusta, 246-248

Telef. 2 0568

Candeeiros de suspensão e de meza, em todos os generos e para todas as bolsas

A pronto e a prestações

Reparações em todos os receptores de Radio

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º

TELEFONE 2 6519

Medic. coração, pulmões—Dr. A. Narciso, 5 h.
Cirurgia. Operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, v. urinarias—Dr. M. Magalhães, 1 h.
Pele e Sifilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenç. nerv. electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Garg. nariz, ouv.—Dr. F. Calheiros, 3 e 30. h.
Doenças sr.as operações—Dr. C. Afonso, 3 h.
Doenç. das crianças—Dr. Silva Nunes, 5 e 30.
Boca, dentes, protese—Dr. A. Lima, 2 h.
Raios X—Dr. Alen Saldanha, 4 h.

TAMARIZ

ESTORIL

Mariscos, Aperitivos, Refrescos e Chás

Aprazivel recinto com divertimentos, para creanças

R. OYARZUN, L.DA

57 — Rua da Misericordia — 59

Concessionarios exclusivos dos:

Productos **HOBART,** Refrigeração electrica **«OYARZUN»,** balanças **«BIZERBA»** e basculas **«TOLEDO»**

Apresentam aos seus clientes e amigos os seus cumprimentos de Boas Festas e um Novo Ano muito prospero.

Refinaria Brasileira, L.da

R. DO FERREGIAL DE BAIXO, 42 a 44 — LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos clientes e amigos dasejando-lhes Festas Felizes.

Monteiro Paes & Silva, L.da

Torrefacção ESTRELA

FABRICA MECANICA

Desejam á sua Clientela muito boas Festas

Rua Nova do Loureiro, 21 a 25 **T. 2 5243**

A Mariazinha

Sauda todos os seus dignos clientes e amigos, fazendo votos sinceros para que gosem festas felizes e para que o novo ano lhes traga, saude, dinheiro... e gôsto de viver.

Café e Chá

R. Barros Queiroz, 26 e 28

O PELEIRO

Alexandre Augusto de Jesus

Proprietario da Pelaria Confiança

RUA DA PALMA, 3

gratissimo para com as suas Ex.mas Freguesas, deseja-lhes um feliz Natal e o Novo Ano muito prospero e a suas Ex.mas familias.

A pelaria Confiança é a casa que bate o «récord» em preços e qualidade (isto sem mentir)

R. DA PALMA, 3 **TELEF. 2 8157**

Telefone 2 4643
Rua do Carmo, 21 — LISBOA

MANTEIGARIA E FRUTARIA DO CHIADO

DE

MELLO & SIMÕES, L.DA

Cumprimentam os seus Ex.mos clientes e amigos desejando-lhes muito boas festas.

fénix

camisaria

novidades para homem e senhora

r. augusta, 125-129
lisboa
tel. — 27228

Cumprimenta a sua Ex.ma clientela desejando-lhe Boas Festas e um Novo Ano feliz

A NACIONAL

de Antonio Ferreira Veiga

A casa que mais barato vende os artigos da sua especialidade

TELEFONE 2 7928

84-1.º — R. da Palma — 84-1.º

(em frente á Casa Alemã) — **LISBOA**

O proprietario deseja festas felizes e um Novo Ano muito prospero aos seus amigos e Ex.mos clientes.

ANGELO PEREIRA

proprietario e «barman» do

"YORK-BAR"

Rua Serpa Pinto, 17-F. (ao Chiado) — Telefone 2 7793

deseja aos seus numerosos clientes um novo ano cheio de felicidades.

Lopes dos Santos, L.da

OLEADOS, CARPETTES, PAPEIS PINTADOS, ETC.

82 — Rua Augusta — 84

Aos seus Ex.mos clientes e amigos desejam boas festas e um ano feliz.

Ao Ultimo Figurino

Antonio Gonçalves Marques

Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela, desejando-lhe boas festas e um Ano feliz.

CASA PIRES D'ALMEIDA

TECIDOS DE NOVIDADE

Lãs, Sedas, Veludos, Algodões

RUA AUGUSTA, 271 a 275 — Telefone 2 0700

Desejam Boas Festas e ano feliz a todas as suas Ex.mas Clientes.

PATISSERIE BIJOU

— DE —

A. C. ALVES & C.A

84-88 — Avenida da Liberdade — 87-89

Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela desejando-lhe Boas Festas e um Novo Ano feliz.

GRANDES ARMAZENS DE VIVERES

TAVARES DA SILVA, Ld.a

33, Praça Luiz de Camões, 35 — LISBOA

Secção especial de chá, café, bolos e artigos de novidade

A todos os seus Ex.mos amigos e fregueses desejam felizes festas e Ano Novo de prosperidades.

João Gomes

Compra e vende papeis novos e usados aos melhores preços do mercado

Armazem: **RUA S. BENTO, 132 — Telef. 6 2367**

Deseja aos seus clientes e amigos muito boas festas

Queiroz & Paredes, Lda.

Peles e Confecções

Poço do Borratem, 25, 1.º Dir.
Telefone 2 7754

Cumprimentam as suas Ex.mas Clientes com os votos de Festas muito Felizes.

TERRAS PORTUGUESAS

Sesimbra e Arrabida

De toda a formosissima região de maravilha que mereceu ser considerada «Terra de sonho e poesia, tens o Atlantico enlevado, nos dois filhos que te deu e te beijam: Tejo e Sado», deve destacar-se como verdadeiros primores dêste mimoso rincão Sesimbra e Arrabida.

Sesimbra, a linda praia de caprichosos recortes espreguiçada docemente no colo da encantadora baía oceanica, oferece condições especialissimas para ser a preferida praia de todo o Alentejo e da vasta região de entre Tejo e Sado. Torna-se, porém, urgente atrair a ela os estrangeiros que aos milhares visitam a capital durante a epoca balnear.

A Arrabida é o Eden da beleza natural portuguesa onde o engenho humano ainda não pôs qualquer atavio e que a-pesar-de tal indiferença conserva em si mesma, por prodigalidade da Natura, o fascimio maximo da beleza de Portugal continental. Sim.—Do Minho ao Algarve a Arrabida é a maravilha suprema que a Natureza, e só ela, primorosamente trabalhou. Se o Buçaco é uma maravilha, a Arrabida pode superá-lo e considerar-se, depois de urbanizada, um Buçaco á beira do Atlantico. Mas não façamos, jámais, Arrabida uma praia de banhos. Para tal lá tem a sua vizinha e belissima praia de Sesimbra.

A Arrabida deverá ser sempre uma estancia de repouso para atrair, com permanencia, não o grande numero mas a boa qualidade, e nunca uma praia que forçosamente chamaria a quantidade, o que lhe tiraria aquele ar embevecedor e repousante de mansão de quietude e prazer espiritual.

Sesimbra, que é a mais antiga praia de banhos de Portugal, embora esta importante industria durante tempo tivesse quasi desaparecido, é, de facto, a praia predestinada para servir a vasta zona referida. E destinemos á Arrabida um outro fim de menos bulicio e animação, se bem que com a urbanização conjunta das duas formosas estancias todos ali encontrariam ambinte propicio ao gôsto de cada um. Os que quisessem o ruido e diversões proprias de uma boa praia teriam Sesimbra; os que preferissem a tranquilidade duma vilegiatura em ambiente de absoluto repouso fisico e deleite espiritual escolheriam a Arrabida.

Mas para isto urge que tanto Sesimbra como a Arrabida sejam convenientemente urbanizadas e que dois bons hoteis as vão engrandecer. E' por aqui que devem começar os urbanistas dêste encantador rincão. Primeiro e antes de tudo, um bom e confortavel hotel na Arrabida e outro em Sesimbra.

Depois: na Arrabida o aformoseamento da sua bela serra e a conservação de tudo que de belo a ornamente: como as grutas, Lapa do Medico, convento, Santuario do Bom Jesus, Guaritas, etc.

Em Sesimbra muito ha a fazer além do hotel e do casino: a urbanização da «Piscosa Vila» no dizer de Camões, mas sem alterar o seu caracter tipico de povoação de pescadores; a projectada avenida central antecedida por um vasto largo que seria a entrada principal da vila; o prolongamento da Esplanada do Atlantico até á Praia da California; o alargamento da Via Mar-e-Sol através e sobranceira ao Logradouro do Macorrilho e Passadiço do Alcatraz, prolongando-se até ao Farol de S. Teodosio e aproveitando-se o morro sobranceiro á Praia da Agua Doce para um grande miradouro, visto que a construção do hotel aí seria dispendiosissima; o aproveitamento do monte denominado «O Sintrão»; a reconstituição historica da Fortaleza de S. Tiago, que data de 1648 e que serviu de residencia de verão dos «Meninos de Palhavã»; a construção dum ajardinado caminho que ziguezagueando fôsse directamente da vila ao castelo que D. Afonso Henriques, em 1165, reduziu ao poder eristão e do alto do qual se disfruta uma vista de ineditas perspectivas para o lado do Cabo Espichel, para além da Arrabida e ao longe beijando o horizonte distante a fita de areia de oiro da remota Troia, que é tambem, hoje, praia de banhos para a população de Setubal.

Ora nós cremos que se Sesimbra e Arrabida actualmente ainda se conservam apenas com os primores com que a Natureza as dotou, não é sómente porque os empresarios do Turismo as desconheçam, mas porque não tem havido o cuidado de atrair para esta deslumbrante circunvizinha de Lisboa as atenções oficiais.

A nova estrada que vai ligar o Outão a Arrabida é um grande passo para entrar-se a valer no engrandecimento e aproveitamento turistico desta bela zona da nossa costa oceanica.

Quem pelo assunto verdadeiramente se interessar leia o belissimo artigo de fundo do *Diario de Noticias* de 19 de agosto, o qual atribuimos á pena ilustre do seu dignissimo director, dr. Augusto de Castro, e da sua leitura inferirá que a indiferença a que esta riquissima zona de turismo por explorar tem estado votada constitue um crime de lesa-patriotismo.

Com o patrocinio do Estado e a concorrencia do capital particuar a zona turistica—Arrabida e Sesimbra—dentro de pouco tempo tornar-se-ia para portugueses e estrangeiros, com toda a justiça, uma das mais preferidas de todo o Portugal continental.

SANTOS CRAVINA

CRUZ & LINHARES, L.A
Pateo do Tijolo, 17 e 19
Reparações mecanicas
Especialidade em motores-Diesel
Telef. 2 0762

Chuva!
ENCANTO DAS CRIANÇAS

Dia de chuva, dia de festa para as crianças. Com que alegria elas recebem os primeiros pingos nos cabelos e chapinham nas poças! Mas cuidado, não devem molhar os vestidos ou fatinhos porque seria perigoso. Compre-lhes uma capa feita com o novo tecido OILED SILK PARIS, transparente e de côres alegres com modernos desenhos e aspecto gracioso. Deixe-as depois apanhar chuva à vontade! É absolutamente impermeável e de longa duração por não ser um derivado da borracha.

OILED SILK
"PARIS"

Representante
ANTONIO MADUREIRA
602, Rua Heróis de Chaves — PORTO

Agente em Lisboa:
ALVARO DE CASTRO TEIXEIRA — Rua da Conceição, 35, 2.º — Tel. 2 5048

OS ESCRITORES PERANTE A GUERRA

Mensagem de Jules Romain

Jules Romains, um dos primeiros entre os melhores escritores franceses da actualidade, autor de tantas obras universalmente conhecidas, romances, ensaios, teatro, poesia, de entre as quais destacaremos esse fresco monumental, que intitulou «Os homens de boa vontade», dirigiu aos membros da Federação dos «P. E. N. Clubs», associação internacional de escritores, de que é ha dois anos o presidente, uma mensagem da qual transcrevemos, a seguir, as passagens mais significativas. A 4 de setembró, devia realizar-se em Estocolmo o XVII Congresso Internacional dos «P. E. N. Clubs»; impossivel de efectuar devido á guerra, não quis Jules Romains deixar de manifestar, em nome dos inumeros escritores do mundo inteiro, agrupados naquela agremiação, o sentimento deles todos perante o actual conflito. E necessario é recordar que os «P. E. N. Clubs» não se têm cansado de trabalhar pela paz, lutando contra todas as divisões e hostilidades entre os povos.

Depois de ter afirmado mais uma vez que, desde que existem os «P. E. N. Clubes» não cessaram de lutar contra a guerra e o espirito de guerra, Jules Romains diz:

«Tinha adquirido a certeza de que os governos dos países livres do mundo estavam sinceramente decididos a manter a paz, usando de todos os meios ao seu alcance, e a procurar conseguir, graças a generosas e largas negociações, as condições dum apaziguamento susceptivel de durar. Sabia que, para atingir essa finalidade, estavam prontos a calar as suas preferencias politicas ou doutrinarias, a pôr de parte desconfianças, aliás bem legitimas, a passar a esponja por sôbre agravos de importancia, a sacrificar interesses de primeira grandeza. A parte pessoal que tive ocasião de tomar em certos contactos prévios. permite-me afirmar que, sob esse ponto de vista, não havia a menor divergencia entre as intenções profundas dêsses governos e a atitude que afirmavam publicamente. Mesmo aquelas das suas diligencias que, por motivos de conveniencia se conservaram ignoradas do publico, corresponderam inteira e honestamente á vontade de paz que manifestaram nas suas declarações solénes. Posso garantir ainda que foi bem contra vontade, e sómente quando forçadas pelo perigo que, no ultimo periodo anterior á guerra, as democracias ocidentais se resignaram a organizar uma serie de alianças e de garantias mutuas contra a agressão iminente, sistema ao qual bem teriam preferido um vasto trabalho de colaboração construtiva entre todos os povos, no genero daquele que o Presidente Roosevelt esboçou na sua mensagem de abril.

«Não existia, pois, no meu espirito, assim como no de todos os homens bem informados. a menor duvida havia já longos meses: a paz só era ameaçada dum lado, isto é, pelos governos totalitarios, e em primeiro lugar pelo governo do Reich alemão e pelo seu actual chefe

«Tanto os governos como a opinião publica dos países livres estavam prontos a ir até o extremo limite das concessões razoaveis, e talvez mais além delas. *Nada mais, portanto, era admissivel pedir-se-lhes em nome da humanidade e em nome da paz.* Todos os nossos pedidos, todas as nossas suplicas, eram aos dirigentes dos países totalitarios que havia que os dirigir. Mas bem sabiamos que apenas seriam recebidos com um encolher de ombros e sorrisos de escarneo.

«Desde ha muitos meses, tudo quanto, em boa consciencia, se podia dizer aos países livres, era: «Se quereis conservar alguma possibilidade de salvar ainda a paz e as liberdades no mundo, mostrai firmeza e sêde fortes». Tudo quanto, em boa consciencia, se podia dizer aos escritores e intelectuais dos países livres, era: «Ajudai os vossos governos a salvar a paz, apoiando-os com todas as vossas forças, pois que é realmente a paz que eles pretendem salvar».

E algumas linhas adiante: «Todos os homens que seguiram de perto os acontecimentos podem dar o seu testemunho formal de que os governos democraticos conservaram até o derradeiro minuto, não apenas todo o sangue frio, mas a activa vontade de salvar a paz. A isso os ajudavam as respectivas opiniões publicas, pelo horror com que viam aproximar-se a guerra. E até o país que estava mais do que todos os outros a perder o sangue-frio, para o que teria todas as razões, a Polonia, não cessou por um omento de seguir fielmente os conselhos de calma que lhe davam os seus amigos, e é uma verdade de facto que todas as responsabilidades, sem excepção, couberam ao agressor.

«Nós, escritores de todo o mundo, fizemos tudo quanto estava ao nosso alcance para diminuir as probabilidades de guerra. Recusamo-nos a atiçar as paixões nacionais e as querelas ideologicas. Mostramo-nos tolerantes até para com aquelas doutrinas cujo caracter perigoso muito bem viamos, com a esperança de que ao fim e ao cabo os seus zeladores, dementados ou iludidos, se cansassem do fanatismo, e vissem os seus inconvenientes.

«As nossas esperanças, que eram as de todos os homens de boa vontade, todas as culturas, de todas as filosofias, de todas as igrejas, não se realizaram. A guerra estalou porque certos homens—na sua maior parte desclassificados da inteligencia—tornados cegos pelos conselhos dum orgulho e de uma cultura tão rudimentares um como outro, ouporventura arrastados pelos seus erros anteriores ás resoluções extremas, quiseram a guerra, tal como a teriam querido qualquer que fôsse a docilidade, ou até a fraqueza dos povos pacificos que tinham na sua frente».

E algumas linhas adiante, Jules Romains afirma: «Não é admissivel que por um instante sequer os representantes qualificados e organizados do espirito em todo o mundo, permaneçam neutrais perante esta tragica luta na qual estão em jogo o destino da civilização e todos os valores do espirito. Os vossos respectivos países podem ter razões para permanecerem neutrais, no sentido estricto e politico da palavra, durante o tempo e na medida em que o julgarem conveniente. E' natural que os vossos actos de cidadãos se conformem á atitude dos vossos países. Mas, como não é possivel que a vossa consciencia e o vosso intimo pensamento permaneçam neutrais; como por outro lado inscrevemos entre os nossos principios fundamentais e repetimos amiudadas vezes nas nossas reuniões solenes que o escritor tem o direito e o dever de exprimir totalmente a sua opinião, não é possivel, consequentemente, que os vossos actos de escritores deixem de ser conformes ao que vos ditar a consciencia; é impossivel que as vossas vozes de escritores não se ergam contra aqueles que, depois de terem ressuscitado a era das perseguições e enchido os caminhos do mundo com refugiados, muitos dos quais são nossos gloriosos irmãos no espirito e na literatura, desencadeiem agora, deliberadamente, os horrores duma nova guerra das nações».

E depois de ter afirmado mais uma vez a indole pacifista que sempre caracterizou os «P. E. N. Clubes», e de pôr em destaque as razões nobilissimas que levaram a França e a Inglaterra a declarar a guerra á Alemanha, conclue com estas palavras:

«E', pois, em nome de todas as culturas e civilizações do mundo que dizemos á França, á Grã-Bretanha e á Polonia, a todos os países que já se lhes juntaram ou a eles se irão juntar: «Sois os nossos campeões. A vossa vitoria será a nossa.»

«A alta categoria intelectual de Jules Romains e a sua autoridade como presidente dos «P. E. N. Clubs», dão á sua mensagem, que resumimos acima, um significado muito especial. A voz de Jules Romains ergue-se num momento excepcional para a historia do mundo e bem representa, na realidade, a propria encarnação de outras vozes eternas que, através dos seculos, defenderam sôbre a terra o primado da inteligencia e as virtudes superiores do Espirito.

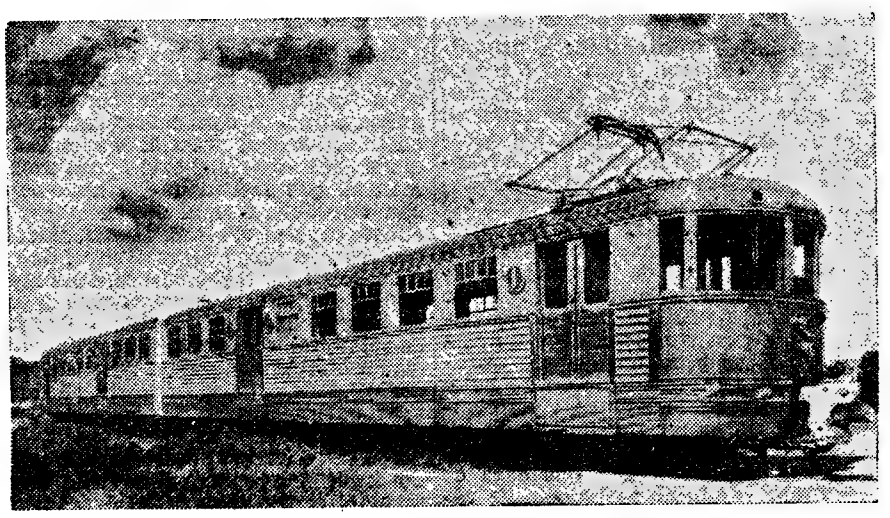
MAPLES
ULTIMOS MODELOS, A 125$00
Marceneiro & Decorador
Só na ANTIGA CASA SOARES & COELHO
R. Academia das Ciencias, 21 (ao Seculo) T. 26550

Espumante Natural
Borges

Nas festas de familia e nas festas elegantes, companheiros inseparáveis...

AS AUTOMOTORAS ELECTRICAS RAPIDAS

DA SOCIEDADE NACIONAL DOS CAMINHOS DE FERRO FRANCESES



Automotora electrica rapida em serviço nos arredores de Paris

Na linha que liga Paris a Mans (211 quilometros) circulam simultaneamente comboios pesados que servem, no verão, as praias da Bretanha e, comboios de trafego reduzido, muito frequentes. São portanto necessarias velocidades comerciais elevadas, o que levou a adoptar uma formula inteiramente inédita de automotoras electricas.

Construiram-se 20 destas maquinas que pesam carregadas 80 toneladas e têm 6 motores cuja potencia total de 1.400 cavalos permite uma velocidade maxima de utilização de 150 quilometros á hora. Note-se desde já que se verificou, quando das primeiras experiencias, que esta velocidade pode ser sensivelmente aumentada sem inconveniente algum.

Construidas inteiramente em aço especial com cromo-niquel, as novas automotoras electricas desenvolvem uma potencia de 1.400 cavalos por tonelada, ao passo que se tivessem sido construidas com aço vulgar teriam pesado mais 25 toneladas, o que teria obrigado a aumentar 350 cavalos á potencia dos seus motores uma vez que se desejasse manter a mesma velocidade.

Sem entrar em todos os pormenores tecnicos, digamos sómente que para as automotoras poderem assegurar ao mesmo tempo o serviço de tramways e os percursos directos a grande velocidade (130 quilometros á hora) era necessario dispôr de 42 contactos de arranque. O problema foi resilvido de tal forma que estes 42 contactos podem ser vencidos em 6 e meio segundos, quando seja necessario passar rapidamente á velocidade maxima. O sistema adoptado baseia-se num veio de cames o qual assegura uma ligação perfeita entre todas as peças. E' accionado em cada ponto de contacto por um servo motor e o seu sistema de comando, extremamente engenhoso, assenta na combinação dum prato circular entalhado ligado a um eixo com uma manivela cujas ranhuras engatam nos entalhes do prato. Quando o servo motor dá uma volta, o prato é destravado, gira um ponto á frente e fica de novo travado, sem que se dê o mais pequeno choque. Foi isto que permitiu dar ao veio de cames grandes velocidades e obter a passagem rapida pelos 42 contactos de arranque. Logo que seja cortada a alimentação electrica, o servo motor converte-se em gerador serie, em curto circuito, e daí provém uma travagem progressiva com absoluta segurança.

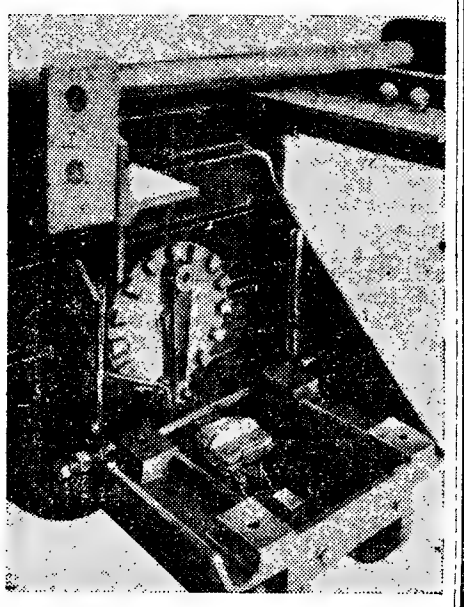
Este equipamento possue a propriedade notavel de não necessitar nenhuma afinação, salvo a dos relais de aceleração e de sobrecarga. Com efeito:

1.º—As diversas posições da arvore de cames acham-se fixadas duma vez para sempre.

2.º—A corrente do servo motor é controlada por ele proprio. Nenhum cuidado é portanto necessario para accioná-lo e a sua travagem efectua-se por si propria sem orgãos acessorios.

3.º—Cada um dos rélais assegura um só contacto e margens importantes são reservadas para que possa funcionar bem, sem afinação.

4.º—As ligações entre os diversos orgãos comandados pela arvore de cames fazem-se automaticamente não sendo possivel manobra alguma em carga, do inversor.



Equipamento de tracção. Sistema JEUMONT HEIDMANN (J. H.) Mecanismo de comando

Em resumo:—custo de conservação reduzido ao minimo e orgãos rigorosamente intermutaveis. Assinalemos a ausencia de electroválvulas cujo funcionamento é delicado sobretudo por tempo frio.

Para todas as informações dirigir-se ao «Syndicat Général de la Construction Eletrique», 11, rue Hamelin, Paris (16.e) França.

Cruz, Fernandes, L.da

Leiria

Transporte de passageiros, bagagens e mercadorias. (Serviço combinado com a C. P.). Horario das carreiras diarias:

Leiria-cidade — P.: 7,30; 13.30; 19,55 e 22,50 — C.: 8,10; 14,10; 20,40 e 23,30.

Leiria-gare — C.: 7,40; 13,40; 20,05 e 23,00 — P.: 8,00; 14,00; 20,30 e 23,20.

Comboios em ligação: 204-203-210 e 209 da linha de Oeste.

Rebuçados Peitorais de S. Paulo

Os melhores contra a tosse

Oito medalhas de ouro

A' venda em toda a parte e na Fabrica

«A PRIMOROSA»

Rua de S. Paulo, 126 — T. 26511

SHEFFIELD HOUSE

Casa Especializada em Cutelaria Fina

Sortido completo de artigos para barbeiro, cabeleireiro e manucure

Grandiso sortido de tesouras para todos os usos

Canivetes de Rodger, e outras marcas

REPRESENTANTE das afamadas navalhas de barba suécas «C. V. Heljestrand»

Manoel Antonio Fernandes (Herdeira)

26—Rua Garrett—Lisboa

Telf. 2 8824

O ARCO IRIS

DROGARIA E PERFUMARIA

Vicente, Silva e Real, L.da

127 — Rua da Misericordia — 129

(Antiga Rua do Mundo)

LISBOA

Frutaria Costa

ÀS MELHORES FRUTAS VERDES E CONSERVADAS — OS SEUS DOCES PRIMOROSOS — AS MERCEARIAS MAIS ESCOLHIDAS — OSTRAS — LAMPREIAS — SALMÃO FRESCO, ETC.

TELEFONE 2 5214

39, Rua do Carmo, 41 — LISBOA

TECIDOS INGLESES

RILEYTEX

Acaba de chegar mais uma consignação destes famosos tecidos para homens e senhoras

T.R.A.N.S.I.M.P.E.X, L.DA R. Comercio, 28-3.º-Telef. 27403

CASA DAVID

Completo sortido em:

Gabardines e Sobretudos - Gabardine

Panos para Casacos Senhora.

Tecidos lã para vestidos Senhora.

MALHAS para homens, Senhora e crianças.

Pijamas e Camurcines.

Confrontem os seus preços.

259, Rua dos Fanqueiros, 261

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ

Repr. Victor Chaskeltmann & C.ª

Rua da Palma, 268—Lisboa

Em **5**

prestações iguais sem aumento de preço

Fatos, Sobretudos, Gabardines, Casacas e Smokings.

Sempre novidades

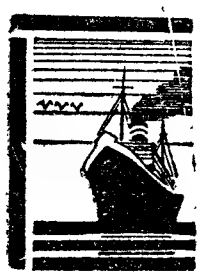
ULTIMOS FIGURINOS

Alfaiataria

RIGOR DA MODA

18—Rua de S. Nicolau—20

LISBOA Telef. 25023



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Saidas em Janeiro

No dia 13, pelas 12 horas,

PAQUETE

Mouzinho

recebendo carga e passageiros para

Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Moçambique e Beira e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

AVISO AOS SRS. CARREGADORES:

Este vapor recebe carga até as 20 horas do dia 9 e desta data até as 20 horas do dia 12, com o aumento de 20 0/0 e sujeitas as ordens de embarque ao visto do Conselho de Tarifas.

No dia 16, pelas 12 horas,

PAQUETE

GUINE'

recebendo carga e passageiros para:

Funchal, S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama

AVISO AOS SRS. CARREGADORES:

Este vapor recebe carga até as 20 horas do dia 13 e desta data até as 20 horas do dia 15, com o aumento de 20 0/0 e sujeitas as ordens de embarque ao visto do Conselho de Tarifas.

Para tratar:

LISBOA—Rua do Instituto Vergilio Machado, 14

Telefone 2 0052

PORTO — Rua do Infante D. Henrique, n.º 9

Telefone 2342

Fausto Sampaio

Pintor d'Aquem e d'Alem-Mar

Fausto Sampaio que, em sucessivas apresentações nos vem dando, de ha anos a esta parte, o saudavel espectaculo duma ascensão segura, tranquila, gloriosa, acaba agora de encerrar a sua exposição de paisagens e assuntos do Oriente e da Ilha de S. Tomé, que marcou no marasmo da nossa vida artistica um acontecimento invulgar.

Foi essa exposição de pintura valorizada por uma brilhante serie de conferencias que até nós trouxeram, nêste lugubre inverno de guerra, uma lufada de ar vivo, carregado de todas as fragrancias e de todos os encantamentos do prestigioso Oriente.

Mas a-pesar do brilho, do valor e da elevação dessa serie de palestras e de lições que comentaram literariamente a forte lição do pintor, ousamos afirmar que, felizmente, essa intervenção da literatura e da cultura colonialista não teria sido indispensavel para chamar a atenção das gentes de bom gosto sobre a soberba colecção de telas que durante a ultima quinzena se mostraram no salão grande da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Se não tivessem constituido tambem, por si mesmas, outras tantas lições de alto valor cultural para um publico, na sua maioria desconhecedor das remotas belezas do Imperio, essas conferencias teriam talvez diminuido o alto valor do artista, pela ilacção simplista de que sem essa especie de preparação mental o publico não entenderia o pintor.

Porque o que ali está, o que ali se mostra, meus senhores, é simplesmente um soberbo, maravilhoso paisagista, um pintor de marinhas como não conheço outro entre nós, depois de mestre João Vaz, um pintor de ar livre, que mergulha na vastidão dos horizontes com a volupia e a confiança das aves migradoras.

O que ali se nos revela é, pois, antes de mais nada, um pintor. Pintor que sente e vê como pintor, que respira e sorve o esplendor das coisas como pintor, que desenha e pinta como pintor, e que é, por todos os seus poros, apenas pintor.

Não se extraviou, não se desgarrou, por temperamento, por preconceito, por indigencia de meios, por excentricidade de feitio, nas aberrações, nos absurdos ou nas audacias dos extremistas?

Ficou-se honrada e serenamente no seu velho mundo das dimensões classicas, como de Andréa del Sarto e de Rafael para cá os pintores de toda a Europa aprenderam e ensinaram a pintar?

Não inovou nada, não impôs teorias, nem processos, nem exigencias de temperamento ou de sensibilidade? Limitou-se a descrever com tintas e contornos os tipos humanos e os trechos de natureza de que os seus olhos se namoraram limpidamente, ingenuamente, como a sua alma candida e a sua sensibilidade pura os viram e amaram?

Embora! Nem por isso deixa de ser um grande pintor moderno, como no seu tempo o foi Giolto, o foi Millet, o foi Silva Porto.

E se a galeria dos seus assuntos pôde alargar-se desde os aspectos caseiros da ria de Aveiro, da Costa Nova, do Vale do Vouga ou das risonhas veigas de Anadia até ás latitudes fantasticas das Ilhas-Flores do Equador, dos deslumbramentos da milenaria China e da longinqua Polinesia, é de bendizer o acaso ou a fortuna que tão longe o levaram, para aí medir o potencial de sua fôrça e trazer até nós tão reaes e verdadeiros como em sua natureza se contêm os aspectos de beleza, as orgias de côr e de luz que assim se ofereceram virginais e desnudas á voluptuosa guia dos seus olhos e dos seus dedos.

E' optimo, decerto, que a par do seu magnifico talento e da incontestavel beleza das suas telas, se possa tambem acrescentar-lhe mais essa virtude lusiada de pintor das paisagens e costumes das *terras apartadas* por onde Camões vagueou sonhando, passeando a sua transcendente nostalgia de semideus desterrado.

Mas o que é melhor ainda é que esteja ali mais um grande pintor da nossa terra e do nosso sangue, cujos quadros valem por si mesmos, independentemente da qualidade do assunto e das conveniencias da nossa politica imperial.

Pierre Loti, quando aguarelava as suas frescas paginas do *Roman d'un Spahi*. Ruddiard Kippling quando traçava os seus humorêscos *Contos das Colinas*, não cuidavam de valorizar, nem de fazer propaganda imperial. Entregavam-se livremente á sua inspiração de artistas. O artista, o escritor é senhor soberano da escolha e do trato dos seus assuntos. O que se lhes exige é que extraiam deles toda a beleza que neles se contem. Ao Estado é que depois compete, como laborioso obreiro, utilizar em seu proveito e no serviço das suas conveniencias soberanas, toda a porção de sonho e de embriaguez estetica que o artista pôs em obra.

Essa função utilitaria competiria agora tambem ao Estado, diante da soberba exposição de Fausto Sampaio, distinguindo e adquirindo os quadros que pelo seu significado politico, pelo seu valor iconografico ou documental, mais mereçam figurar nos seus museus coloniais ou nas suas colecções etnograficas ou geograficas, ou mesmo ainda, mais simplesmente, nos seus museus de pintura.

A nós-outros, meros visitantes ou modestos amadores das coisas belas, cumpre-nos apenas, a exemplo do que fizeram tantos criticos, saudar e aclamar Fausto Sampaio como um saudavel e admiravel pintor da nossa terra — da nossa terra d'Aquém e d'Além-mar.

CARLOS SELVAGEM

Inglaterra, 1939

Winston Churchill

Descendente de uma das familias mais nobres de Inglaterra, da infeliz Maria Stuart e de lord Marlborough pelo lado paterno e de uma sólida e antiga familia americana pelo lado materno, Winston Churchill, «o grande homem bom»; herdou de ambos os lados qualidades que o tornam exemplo raro na vida inglesa e lhe emprestaram faculdades psicologicas que muito lhe facilitam o rapido conhecimento dos homens e dos povos, e o profundo sentido de melhor do que ninguem sondar as almas e os sentimentos ocultos.

Winston Churchill é, dentro da Inglaterra tradicionalista e fechada, o mais tradicionalista de todos os politicos britanicos e, ao mesmo tempo, alma aberta a todas as reformas da mentalidade humana.

Churchill, que seus numerosos inimigos, internos e externos, alcunham de esquerdista e combatente tenaz das ditaduras, é o imperialista nato, o inglês que melhor reflecte todas as virtudes e defeitos do proprio Imperio que ele defendeu e ajudou a ampliar, em horas bem incertas, realizando a sua propaganda ou combatendo duramente por ele, em todos os sitios onde era necessario estar presente, tendo participado em 7 guerras, e obtendo em todas elas, pela sua bravura e heroismo, citações que lhe grangearam a profunda estima de todos os povos do Imperio.

Deve-se ao merito pessoal de Churchill, á sua quasi milagrosa pré-visão dos acontecimentos, a manutenção e desenvolvimento da gloriosa armada de S. M. Britanica, a cujo progresso e modernização ele tem pacientemente dedicado toda a sua vida de escritor, de historiador, de jornalista contundente e de politico perigoso e combatente.

Quando por mero acaso o vi a primeira vez na rua, e depois atravessar os Jardins de St. James, alto, espadaudo, pesado, caminhando lentamente, adivinhei no seu rosto, naturalmente preocupado pelo fatidico desenrolar da crise europeia, certa expressão napoleonica e profundamente autoritaria que dificilmente os meus olhos podem esquecer, e compreendi a razão por que a sua figura estranha, enorme, sempre desencadou á sua volta um especial enervamento da opinião publica, na Inglaterra e no continente, na Inglaterra e no mundo.

Winston Churchill, cuja figura soergo nêste momento, nasceu para ser discutido com odio ou paixão. Ele possue no seu rosto expressivo, bem experimentado pela vida, seculos de historia inglesa, vagos traços da tragedia que abraçou alguns dos seus ascendentes e a graça, bem americana, que generosamente lhe emprestou sua mãe, e suaviza a dureza da sua figura.

Foi esse politico, como Primeiro Lord Civil do Almirantado, que ordenou a mobilização da Armada britanica, em 1914, mantendo-a sempre á altura da sua gloria secular.

As expedições de Anvers e a dos Dardanelos, ambas necessarias, mas precipitadas, são as unicas sombras que existem na vida politica dêste extraordinario homem de Estado, duas sombras que existem na vida politica dêste extraordinario homem de Estado, duas sombras que o tempo esfumou.

Porque é frequente a historia repetir-se na vida inglesa, foi Churchill, como Primeiro Lord Civil do Almirantado, que ordenou a mobilização da Armada nos primeiros e tragicos dias de setembro dêste ano.

Ninguem melhor do que ele conhece a vida intima, os segredos do Almirantado. Sabe de cor o nome de quasi todos os oficiais do seu Departamento e quando os recebe durante cinco ou vinte minutos, tempo dependente da importancia da conferencia, recorda com muita facilidade as façanhas militares de cada um.

Foi ainda ele que introduziu na Real Armada o canhão de quinze polegadas e o cruzador do tipo, ligeiro e rapido, «Queen Elisabeth», arma moderna destinada a combater os cruzadores de algibeira.

Pois quando vi Churchill atravessar pesadamente os Jardins Imperiais de St. James, não sei por que razão subconsciente me lembrei, e acudiu ao meu espirito o tumulo de Maria Stuart, que vi certa manhã apagado e escondido na penumbra da Abadia de Westminster, e recordei esta frase, escrita algures sôbre a figura esguia e tragica da infeliz rainha: «Comme la première partie de la vie de la reine, la seconde finit par un depart en mer, un bateau qui fuit».

A vingança disfarça-se muitas vezes entre os becos da historia. O sentido da conquista e dominio dos mares tem, pois, razão de ser na alma de Winston Churchill, descendente de Maria Stuart e de Lord Marlborough, a primeira Grande de França e da Escocia, o segundo de Inglaterra...

AUGUSTO D'ESAGUY

EM TORNO DUM CRIME

O drama da Poça das Feiticeiras

Se no portentoso palco da vida se agitam a virtude e a miseria, o amor e o odio, seja-me permitido afirmar esta verdade: como advogado, nada conheço de mais belo e profundamente comovedor de que a sepultura dum inocente. Esquecida de todas as ambições, singelamente solitaria no meio das outras campas, juncam-na apenas de flores as almas generosas, só junto dela palpitam os corações compadecidos, e cada petala de rosa, no silencio das noites estreladas, parece rezar baixinho...

Sim, junto da modesta cruz, no cemiterio do Alto de S. João, certamente labios piedosos saberão orar: é o coval onde descansa um dos mais celebres desventurados de Portugal—Claudino Lopes Ribeiro. Neste nome ficou gravada a maior tragedia humana, tragedia em que a dôr e a revolta moral atingiram proporções tão desmesuradas que hoje ultrapassam os umbrais do Esquecimento em busca do genio criador dum novo Shakespeare. Eu que o conheci e vi chorar, eu que escutei os seus juramentos e o defendi com aquela estranha coragem que a inocencia alheia nos dá, experimento a mais dolorosa impressão ao recordar a sua figura aureolada pela tremenda desgraça, mas cada vez mais digna e nobre á medida que o tempo corre.

Claudino Lopes Ribeiro, vitima da maldade humana e duma fatalidade de que os tribunais não têm culpa, viveu durante catorze anos entregue á sua propria angustia, afastado da justiça dos homens, mas com os olhos sempre postos em Deus. Para que o infortunio fosse completo, tambem nas Monicas cumpria dura pena a fiel companheira da sua vida, a infeliz D. Silvina Lopes Ribeiro.

No relembrar o passado, surge a triste noite de julho de 1925. No ceu ha o pestanejar das estrelas, na terra o sossêgo das coisas adormecidas. De repente, na Quinta de S. Caetano, até as sombras parecem perder a poetica imobilidade: um velho, com a cabeça ensanguentada, cai desamparadamente, da altura de quatro metros, nas pedras do antigo patio. Depois, o corpo do pobre morto é levado para a «Pôça das Feiticeiras»...

O horrendo crime emociona o país inteiro, e logo se afirma que João Alves Trindade fôra assassinado pelo genro e pela filha.

No entanto, nenhum deles cometera o crime. Claudino Lopes Ribeiro era um homem de bem e D. Silvina a mais virtuosa das mulheres.

Quando se inventavam subtilezas, quando as paixões se transformavam em labareda alta e brava, uma voz prodigiosa se ergueu em defesa de duas almas levadas ao Calvario da pior desesperança: essa voz de santa eloquencia, cujos ecos se não perderam ainda nas quebradas dos anos em fuga, foi a do meu notavel colega dr. Marques Loureiro. Nunca a advocacia portuguesa se encontrou mais nobremente prestigiada: o exemplo do eminente causidico apresentar-se-á, na arena do tempo, como luz que não empalidece, como precioso diamante que tocou de claridade quasi celestial as lagrimas vertidas por milhares de olhos, diamante que ha de encastoar-se, mais tarde, no formoso diadema da Justiça.

Pobre Claudino Lopes Ribeiro!

Morreu longe das ternuras da esposa, que lhe não pôde pousar na face fria o derradeiro beijo de saudade, que não conseguiu cerrar com os seus dedos tremulos aqueles olhos tão cansados de chorar.

D. Silvina Lopes Ribeiro, presa nas Monicas, evocando o passado e sentindo o peso do presente e as incertezas do futuro, perdeu com a morte do marido o unico amparo do seu coração, e se, nos escombros da existencia terrena, a fé pode consolar, só lhe resta a ela rezar pela alma que se foi de longada para as misteriosas paragens da Eternidade.

Acompanhei o cadaver de Claudino Lopes Ribeiro até ao cemiterio do Alto de S. João.

Não mais ouvirei a sua voz apregoar a inocencia que os homens converteram em crime, não mais as suas mãos esguias se levantarão em suplica veemente. Se Claudino Lopes Ribeiro deixou de existir, vive ainda sua esposa, envelhecida e amarfanhada pela dôr: para ela vai, neste momento, o pensamento generoso de todas as portuguesas que sabem dignificar a bondade.

No meu artigo ficam tambem as flores que depus sobre a modesta sepultura do mais celebre desventurado de Portugal e que eu quisera nunca emmurchecidas diante da maldade humana e duma fatalidade de que os tribunais não têm culpa.

O meu artigo é, pois, a ultima homenagem prestada ao desventurado Claudino, que soube perdoar aos que o acusaram e perderam.

ALVARO DE MAGALHÃES

GMP

Cumprimenta todos os seus estimados clientes, lembrando-lhes que tem uma linda colecção de tecidos para todas as decorações

Avenida da Liberdade, 7

Telefone 2 5027

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Cecilia Van-Zeller de Castro Pereira, D. Carlota de Serpa Pinto Santos Moreira, D. Lucrecia Julia Ferreira da Silva Brito (Ermida), D. Berta Augusta Viana de Lemos Peixoto, D. Natalia de Vasconcelos Pereira Coutinho Seabra de Lacerda, D. Maria Natalia Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Josefina da Conceição Correia de Lacerda de Melo e Castro, D. Maria Margarida da Cunha Freire Soares de Albergaria de Magalhães (Alijó) e D. Natalina Fernandes.

E depois de amanhã as senhoras:

D. Maria das Dores de La Cerda Lobo de Vasconcelos, D. Margarida Hintze Ribeiro da Cunha da Silveira, D. Maria Emilia Almeida Brito Romas, D. Cacilda Faria Lapa e Portugal, D. Maria da Gloria de Magalhães Lobato Guerra e D. Maria Augusta Alegrim Ascensão.

CASAMENTOS

Na paroquial da Graça, com a maior intimidade celebrou-se, presidido pelo prior da freguesia reverendo Joaquim Frazão, que no fim da msisa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria Clotilde Salgado Ferreira, gentil filha da sr.ª D. Clotilde Otero Ferreira, e enteada do medico e capitão de infantaria sr. dr. Manuel Otero Ferreira, com o sr. D. Luiz Eduardo Braga de Borges de Castro, estudante de medicina e secretario geral da Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira, filho da sr.ª D. Ofelia Braga, de Borges de Castro e do sr. D. José de Borges de Castro, ausente no Brasil. Serviram de madrinhas as sr.as D. Sara Otero Salgado e D. Julia Ferreira Otero, e de padrinhos o sr. Policarpo de Sousa Otero Salgado e o padrasto da noiva.

Finda a cerimonia, foi servido na elegante residencia da mãi e do padrasto da noiva e um finissimo lanche. Os noivos, a quem foram oferecidas valiosas e artisticas prendas, partiram para o Estoril, seguindo de ali para uma digressão pelo país.

JANTAR INTIMO

O sr. Otto von Riedemann e sua esposa ofereceram, no salão de mesa do Palacio Hotel do Estoril, um jantar intimo, a que assistiram o ministro de Holanda e a senhora de Sillem, principe Ladislas Sapiele e princesa Matilde Sapiele, conde e condessa de Saldanha, principe René de Bourbon e baronesa Louise Borpemisza.

EM VIAGEM

— Regressou a Lisboa o sr. conselheiro Eduardo de Sousa Magalhães.

— Partiu para Tomar a sr.ª D. Maria Inês Forjaz de Vasconcelos e Sousa.

DOENTES

Da clinica do sr. dr. Bastos Gonçalves, onde, com felizes resultados, foi ha dias operada de apendicite por este distinto cirurgião, retirou para sua casa, já restabelecida, a sr.ª D. Ana Maria Duff Burnay de Carvalhosa e Oliveira.

DR. BASTOS GONÇALVES
Calçada da Estrela, n.º 129 r/c.

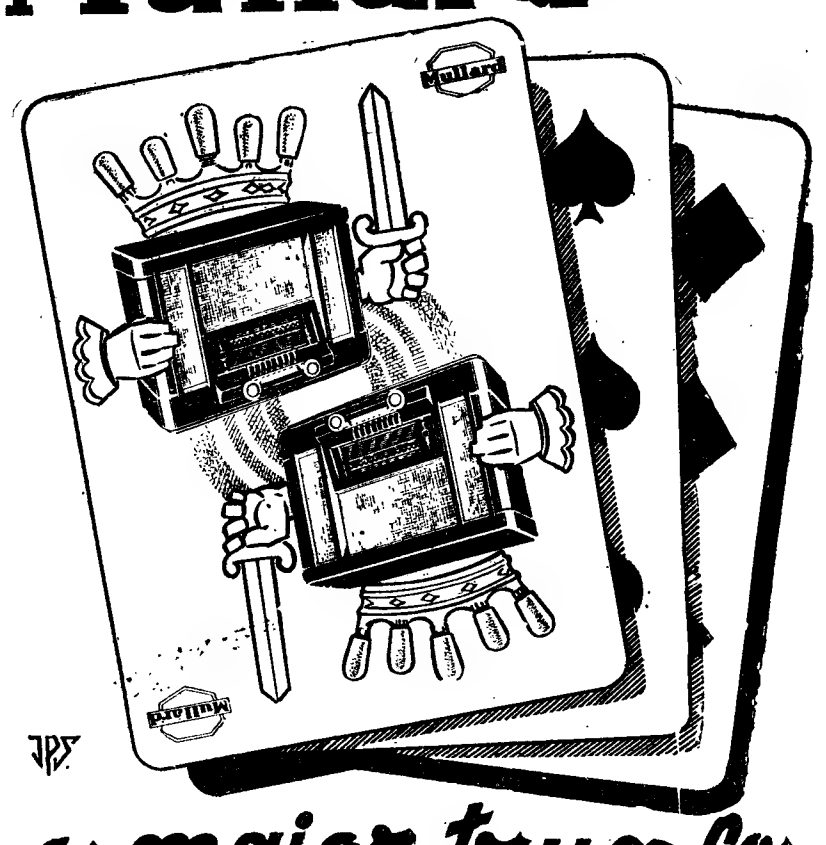
ADÃO

felicita todos os clientes da sua casa, desejando um ano muito prospero.

Fabrica Portuguesa de Produtos Quimicos
"SULFUR,,
Travessa da Horta Navia (Alcantara)
Telef. 8 1403
Acidos puros e comerciais. Electrolite, e agua destilada
Desejam boas festas aos seus Ex.mos Clientes e um ano novo cheio de prosperidades.

Anselmo Torres e Filhos
Proprietarios da Ourivesaria
BARATEIRO PIMENTA
Rua da Palma, 2
Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e amigos desejando-lhes Festas Felizes

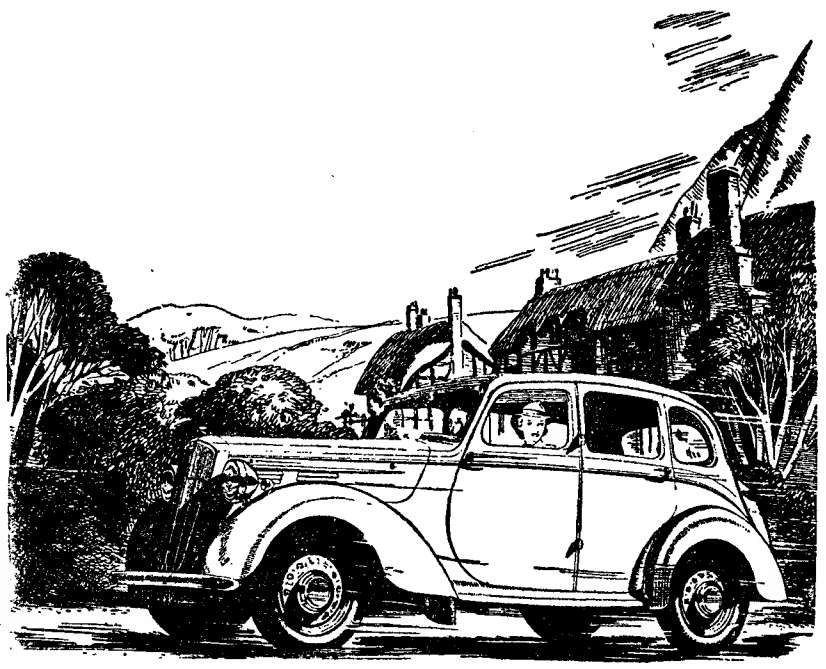
Mullard



o maior trunfo da T.S.F!

REPRESENTANTES GERAIS
J. PINHEIRO DAVID, L.DA
Rua dos Fanqueiros, 62, 2.º, Esq. — Telefone 2 6546

Morris "10"



UNICOS no seu conjunto de

apresentação — economia — comodidade

Nova suspensão
Quatro velocidades
Travões hidraulicos

9 litros aos 100 quilometros

DISTRIBUIDORES GERAIS:
A. M. Almeida, L.da
39, R. Escola Politecnica — LISBOA

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 25 — Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Lausperene, sai da igreja de Nossa Senhora de Fátima para a de Santo Estevão.

Paroquial de Nossa Senhora de Fátima, ás 11 e 30, missa solene e reposição do Santissimo.

Santo Estevão, ás 11 e 30, missa solene, por musica; ás 18, Terço de bemditos.

DEPOIS DE AMANHÃ, 26. — Santo Estevão, primeiro martir do cristianismo.

Lausperene, está na igreja de Santo Estevão; ás 12, missa solene, por instrumental; ás 18, «Te-Deum».

BOLO REI

Receita da antiga **Casa Macieira** o legitimo encontra-se á venda na R. Alves Correia, 1 a 7 telefone 2 2065 (frente ao elevador do Lavra).

Este estabelecimento fecha hoje ás 21 horas.

Frutaria Bristol
Casa especializada em Frutas
Salmão, Lampreia, Trutas, Lagostas, Camarão e Mariscos
Rua Eugenio dos Santos, 57 -- LISBOA
Telefone 24637

Armazem de Moveis Novos e Usados
DE
Manuel Lopes Coelho
69, Rua da Atalaia, 71
e 39, T. do Poço da Cidade, 49
TELEFONE 2 4127
Vendas a pronto e a prestações
Seriedade e garantia nas suas transacções
Encarrega-se de ENCERAMENTOS, DECORAÇÕES, etc.

Empresa Industrial de Tintas Limitada
Tintas para Imprensa e Litografia
VERNISES TIPOGRAFICOS E LITOGRAFICOS
MASSAS PARA ROLOS
Rua da Cascalheira 33
Telef. 81 669
ALCANTARA — LISBOA

Banco Lisboa & Açores
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
FUNDADA EM 1875
Capital — Escudos 10.000.000$00
Fundo de Reserva — Esc. 11.100.000$00
Sede: RUA AUREA, N.º 88
LISBOA
Filial: Avenida das Nações Aliadas, n.º 48
PORTO
Agencia: COIMBRA-Entroncamento-Parque Estoril-Estoril
Todas as operações de comercio bancario. Correspondentes no País, Ilhas, principais cidades do Estrangeiro. Instalações especiais para guarda de titulos e valores. Cofres fortes para alugar.

Grupo de Beneficencia "José Alberto de Oliveira Canellas,,
Rua Correia Teles n.º 40

Por ordem do Ex.mo Sr. Presidente da mesa da Assembleia Geral, são convocados os socios efectivos deste Grupo a reunirem no dia 27 do corrente, para apreciação do orçamento para o ano de 1940 e eleição dos novos Corpos Gerentes, pelas 20 e 30 horas, reunindo ás 21 e 30 em 2.ª convocação caso na primeira não haja numero legal de socios.

O 1.º Secretario
José da Silva Fraga

TEMAS DE EDUCAÇÃO FISICA

"ULTIMA VERBA"

Não é talvez totalmente descabido após os dois ultimos artigos esboçarmos algumas considerações sobre um assunto simultaneamente oportuno e delicado; oportuno porquanto do caminho que se adoptar dependerá fundamentalmente a moral das gerações vindouras. Delicado porque este, como outros assuntos, é de molde a apaixonar as opiniões e daí desvios da razão e confusões nos criterios. Referimo-nos ás duas correntes, as quais partindo do mesmo ponto,—*a doutrina de Ling*—se afastam já de tal modo que por vezes difícil se torna encontrar, numa delas, traços sequer da escola que lhe deu origem.

De facto, do que inicialmente foi o metodo de Ling, tal como o autor o concebeu e em elevada visão o idealizou, começa a destacar-se uma corrente que muito embora não faça aparentemente com a primitiva direcção, traçada pelo Mestre, pronunciado angulo, nem por isso deixa de ser profundamente divergente, quer nos meios a empregar, quer nos fins a atingir.

Esta moderna escola, a qual se propõe «aperfeiçoar» o metodo de Ling, iniciou os seus primeiros passos logo após a guerra, e constituiram o seu ponto de partida umas lições executadas ao ar livre sob a dirceção do professor capitão Armgarth, o qual tinha principalmente em vista—no seu proprio dizer—tornar essas lições divertidas e faceis.

A despeito dos resultados que pela mesma epoca o dr. Sven Wallgren obtinha nos cursos que regia na Policlinica do Instituto Central de Estocolmo á custa de lições classicas moldadas e orientadas consoante o metodo de Ling, o capitão Armgarth entendeu por bem seguir nova orientação nas lições que professava a numerosos discipulos no grande campo de Ljungbihed.

De inicio os movimentos destas ultimas lições eram pouco mais ou menos identicos aos das lições de Sven Wallgren; contudo pouco a pouco, e *como a afluencia de alunos se tornasse cada vez maior*, Armgarth começou a aumentar as series de movimentos da lição e a introduzir-lhes novos movimentos a-fim de as tornar—como ele proprio dizia—sobremaneira agradaveis, interessantes e divertidas. Daqui o denominar «gimnastica dietetica» este conjunto de movimentos os quais, entre outras coisas, deveriam ser *divertidos*. As lições dum modo geral constavam duns quarenta exercicios, cuja designação era adequada aos meios empregados ou aos fins que imediatamente tinham em vista. Eis os nomes de alguns:—O Semeador; Esperguiçar; Movimentos pendulares; A vela do moinho; A roda do fogo de artificio, etc., etc.

Para a boa execução das suas lições preconizava, entre outras coisas:

1.º—A posição de pé deve ser uma posição «á vontade», sem contudo ser desleixada nem tão pouco hirta; bem correcta, sem esforço aparente; com os calcanhares unidos e as extremidades anteriores dos pés voltadas para fora, formando um angulo de 60 a 80º.

2.º—A atitude final de qualquer exercicio pode ser a posição inicial dum novo movimento a executar; isto é, não se torna forçoso no fim de cada movimento retomar a posição inicial.

3.º—Os movimentos de «espreguiçar» (flexão posterior do tronco com movimento simultaneo de braços constituido pela elevação anterior e abaixamento lateral, sem a sua extensão) devem ser introduzidos no decurso da lição entre os exercicios das varias series.

4.º—Na flexão posterior do tronco a cabeça e o pescoço devem ser levados para trás.

5.º—Cada aluno deve ser o seu proprio barometro; quere isto dizer que cada aluno deve executar os exercicios com o vigor e na cadencia que lhe permitam as suas forças e o seu estado de saude.

6.º—Se a lição fôr dada em classe sob a direcção dum professor, os alunos colocar-se-ão em circulo ou em muitos circulos concentricos, voltados para o centro, no qual se colocará o professor para comandar a lição. Respeitar-se-ão entre os alunos espaços suficientes para a execução dos movimentos.

7.º—Se houver aparelhos de gimnastica devem ser escolhidos um ou mais exercicios para neles serem executados, começando-se sempre pelos movimentos de suspensão, introduzidos a meio da lição.

O simples enunciado destes principos é suficientemente elucidativo para se fazer justa ideia até que ponto foi relegado o espirito educativo que anima o metodo de Ling.

Estas lições do capitão Armgarth, tais como ele as delineou, pouco tempo subsistiram; mas os varios movimentos que introduziu nas séries das lições deram lugar a outras variantes que foram sucessivamente aparecendo até que finalmente surgiram novos renovadores a organizar lições modernas, as quais —muito embora não adoptadas no Instituto Central de Estocolmo—estão sendo mais ou menos vulgarizadas sob o pretexto de não só serem mais interessantes e divertidas, como ainda de por seu intermedio ser muito facil mobilizar articulações a individuos que, como os recrutas, por deficiencia de preparação ou por qualquer outra circunstancia, são pesados de formas e lentos de movimentos. Por elas, diz-se, consegue-se em pouco tempo torná-los ageis e desembaraçados além de que os movimentos destas lições, segundo afirmam ainda, são de mais facil execução.

E' inegavel a maior facilidade destas lições, subordinadas todas elas á lei do menor esforço, donde foi banido todo o sentido pedagogico que, se constituia dificuldade para o discipulo, mais complexa ainda se tornava para o professor—atribuindo a este termo todo o seu valor.

A luta que cada aluno consigo proprio estabelece, no metodo de Ling, afim-de poder vencer-se e *conscientemente* dominar-se a ponto de executar correctamente os exercicios da sua lição a despeito das suas proprias dificuldades, essa gimnastica constante de atenção e da vontade—esteios das qualidades morais do individuo—desaparece na moderna doutrina onde os movimentos são comandados pela lei do menor esforço.

Assim se criou nova escola a qual, a par da primitiva, procura vencer e recrutar adeptos; tarefa facilitada pelo cunho de superficialidade de criterio da grande massa.

O principal interesse da doutrina de Ling—e que se outras razões não existissem, bastava para o impôr á memoria e á consideração das gerações vindouras—é o fundo eminentemente pedagogico, altamente educativo e profundamente moral do seu metodo.

Assim, na forma de dizer por ele escolhida e que ficará consagrada como exteriorizando bem toda a sua ideia—«todo o movimento é um pensamento expresso pelo corpo»—Ling dá bem a nota do substrato da sua doutrina.

Interessava ao Mestre, é certo, o desenvolvimento fisico do individuo; e nem podia desinteressá-lo esse problema quanto é certo que ele foi solicitado a estudar estes assuntos em face do depauperamento fisico, progressivamente verificado entre os seus compatriotas Todavia, bem depressa um outro fim mais elevado e complexo chamou a sua atenção de pensador: a educação da moral, a disciplina da vontade e a atenção do raciocinio-resultados obtidos através do ensino gimnastico, o qual, visando directamente o fisico, traria necessariamente como corolário uma repercussão psiquico-intelectual notavel.

E' deste caminho que a moderna escola se afasta, e muito, na pretensão, ao que parece, de impressionar pelos resultados que objectivamente deixa transparecer como conseguidos, e desprezando todo aquele conjunto de resultados subjectivos certamente de mais delicada e dificil apreciação mas, seguramente, de mais alto valor e de mais elevado interesse.

FURTADO COELHO

NOTA—Ling aos 62 anos de idade, pouco antes de morrer (3 de maio de 1839) escreveu uma carta ao Rei e ao governo do seu país, da qual destacamos os seguintes periodos:—«Trabalhei durante 35 anos para a realização de um pensamento cuja utilidade me impressionára; sem ser compreendido, faltando-me o necessario, tinha apenas a esperança de um melhor futuro, quando o Rei e os Estados Gerais vieram em meu auxilio. Com um pessoal pouco numeroso procurei fazer progredir a *ciencia da gimnastica*, tal como a concebera, em todos os seus ramos. Hoje, que a morte põe termo aos meus trabalhos, declaro que quanto fiz ficará perdido, se S. M. e os Estados Gerais, desdenhando o pedido de um moribundo, não sustentarem sem se afastar do plano que tracei, o Instituto confiado á minha direcção.

De *cem* mestres que eu procurei *educar* como *professores* de gimnastica apenas dois (!) são capazes de continuar a minha obra e ambos infelizmente doentes; se viessem a morrer antes de terem formado professores capazes de os substituir, o Instituto na sua real significação ficaria perdido. E' pois necessario nomear um destes imediatamente director; e se assim se não fizer, talvez depois já seja tarde».

TEMAS DO MOMENTO

As brôas de Natal santarenas

De longe vinha o grande anseio, o magno desejo santareno.

Ser cidade era o Ideal-Sonho. Não datava, evidentemente, da epoca da tomada em 15 de Março de 1147.

Não germinára no espirito de D. Afonso I, ao engendrar o plano nos conimbricenses Campos do Armado.

Não o pensára sequer Mendo Moniz ao esfacelar á machada a porta rija da Alcaçova mauritana e nobilitando a terra de origem, a bracarense Amares.

Mas, desde, por assim dizer, os reinados brigantinos, a Scalabis forcejou pela realização dessa vontade.

Trabalharam por ela os maiores vultos.

Sucessivamente adiado o remate por diversidade de razões—embaraços, decorrendo foram os rogos de soberano a soberano, chegando a pisar solo dos impetrantes em Janeiro de 1824, D. João VI e em 1785, D. Maria II.

Ascenderam e cairam governos.

De 1866 a 1868 a campanha intensificou-se.

Reevocou-se ser patria de três Santos: Felix, Frei Gil e Narciso.

Não só berço de grandes no agiologio, mas nas letras e nas ciencias, no missionarismo e nos guerreiros.

Citada em livros multiplos desde o do Padre Inacio da Piedade Vasconcelos da «Historia de Santarem Edificada» ao de Frei Claudio da Conceição do «Memorias do que aconteceu ao Santo Milagre de Santarem pela invasão dos franceses em 1810»; de Garrett a Ramalho.

O autor das «Viagens na minha terra» actuou e intercedeu.

Houve o empenho de Herculano, do Barão de Castelo de Paiva, de Anselmo Braamcamp Freire, de Oliveira Marreca, do depois reitor do Liceu, João Rdorigues Ribeiro e até, convem sabe-lo, do Padre Chiquito, o benemerito Reverendo Francisco Nunes da Silva prestes a extinguir-se a 13 de Janeiro de 1869.

Joaquim Antonio de Aguiar dera, desde Janeiro de 1868 o curto estagio governativo.

Nos fins do ano estava no poder o escritor e diplomata, marquês de Sá da Bandeira.

Bernardo Sá Nogueira de Figueiredo nascido em Santarem a 26 de Setembro de 1795, resolve com o bispo de Viseu, o erudito D. Antonio Alves Marfins, vencer preconceitos e incongruencias.

Este, dissera mesmo, pretender o facto de prenda de aniversario, os sessenta feitos desde 18 de Fevereiro.

Ele e o marquês, cumpriram, bem merecendo o segundo o nome dado ao vasto Campo Scalabitano a 13 de Fevereiro de 1869 e a estatua de 1 de Maio de 1919.

A Lei assinara-se na vespera solene da comemoração do Nascimento de Jesus:

«Atendendo a que, ilustre por sua remotissima antiguidade e memorias nobilissimas, veneranda pela primazia que lhe anda autenticada pela Historia, já como colonia militar a que Julio Cesar deu o seu nome, já como convento juridico, ou cabeça de uma das três grandes circunscrições judiciais instituidas pelo Imperador Augusto na Lusitania, já como sede do governo e residencia real, nos primeiros seculos da monarquia portuguesa, é a muito nobre Vila de Santarem, uma das insignissimas povoações do Reino.

«Atendendo, outros sim, á importancia da sua posição, á fertilidade do seu territorio, aos gloriosos brasões do seu passado, em todos os tempos, ás numerosas provas de patriotismo dadas pelos seus habitantes em diversas epocas; considerando finalmente que, por todas as referidas condições e demais predicamentos bem conhecidos, é esta povoação inteiramente digna de subir em proeminencia, não lhe faltando elementos para sustentar a correspondente dignidade.

«Hei por bem fazer mercê á dita Vila de Santarem, de a elevar á categoria de Cidade, com a denominação de Cidade de Santarem, e me praz que nesta qualidade goze de todas as prerogativas, liberdades e franquias que direitamente lhe pertencerem devendo portanto expedir-se á Camara Municipal respectiva, a Carta Competente, em dois exemplares, um para titulo daquela corporação, outro para ser depositado no Real Arquivo de Torre do Tombo.

O presidente do Conselho de Ministros e o Ministro e secretario de estado dos Negocios do Reino, assim o tenham entendido e façam executar.

Paço, 24 de Dezembro de 1868—Rei—Marquês de Sá da Bandeira—Antonio, Bispo de Viseu.

Estalam ruidosos na cidade nova os morteiros, os «bumbões», no local denominio.

Ha agradecimentos a D. Luiz, rei desde 1861 e o soberano, com a sua bonomia, justifica, satisfeito:

—Foi o brinde de anos ao bispo, a gratidão ao marquês, e, a Santarem, as «brôas do Natal...»

ARMANDO RIBEIRO
(Do Instituto de Coimbra)

Bôlbo Capilar

Restitue cabelos aos calvos, suspende a queda do cabelo, cura radical da caspa. E' ao mesmo tempo um requintado produto de toucador, perfume inebriante e persistente, dá brilho e fixa, dispensa brilhantinas aos que pintam o cabelo. Anula o efeito nocivo do nitrato de prata, aplicado após a pintura, tornando o cabelo sedoso e brilhante. Embalagem em frascos de luxo cl 250 gr. A' venda na casa Silva Pires, R. 1.º de Dezembro, n.º 130, e em todas as Drogarias, nas Farmacias Estacio, Rossio, 61-62, e Azevedo, Filhos, Rossio, 31-32, Barral, Normal, Ferreira Pinto, Cortez. Perfumaria Benamôr e nas boas farmacias e em todas as drogarias da Baixa. **PROVAS:** Estão expostas algumas fotografias na montra da Drogaria Costa & Conde, rua da Prata, 175-177, de pessoas curadas com o **BOLBO CAPILAR** de enormes e horriveis calvas. Distribuidor geral para Portugal e colonias: M. A. Torres, Avenida Rovisco Pais, 14-A, Lisboa. telef. 46526—manda á cobrança. O Bôlbo capilar vende-se em todo o país por Esc. 22$50 cada frasco.

Leia o

sempre fixe

PROSA BOEMIA

Os humildes na obra de Fialho de Almeida

por Cesar dos Santos

Fialho de Almeida, «o artista dos mais altos e imaculados sonhos», no conceito luminoso de Eugenio de Castro, é um dos grandes escritores injustamente olvidados.

Depreciado por uns, mal querido de outros, ignorado de muitos que o interpretam vagamente como impressionista de coloridos estravagantes e exuberante fantasia e quasi sempre incompreendido nas suas mais nobres intenções, o mestre prosador não logrou, ainda, a compreensão do intuito social da sua obra, profundamente vincado em paginas emocionantes, através das quais se sentem dores a latejar, lagrimas borbulhando, e as paixões e os sentimentos se entrechocam num tumultuar de angustias que reflecte a tortura das almas inquietas, o sofrimento humano em toda a extensão do drama da gente humilde.

Fialho de Almeida foi, incontestavelmente, uma das mais solidas organizações de escritor que fez dêle panfletario ardente e temido e jornalista de garra, sem esquecer a personalidade do critico eminente, ainda que nem sempre justo e, muitas vezes, sacrificando ao comentario mordente, repassado de ironia a descambar em troça grotesca, a opinião do observador de sensibilidade vibratil ou o reparo judicioso do analista profundo.

As suas atitudes, não isentas de erros, valeram-lhe antipatias e inimizades que o torturaram pela vida fora e o conduziram á melancolia do exilio voluntario na vila alentejana de Cuba. Mas, poder-se-á compreender melhor o caso do escritor, se o observarmos em relação á sua epoca, no meio de uma sociedade envilecida, atolada no vicio, cujos defeitos e torpezas lhe inspiraram acrimoniosas censuras e a desprezivel indiferença dos espiritos superiores. Depois, a recordação inapagavel de uma juventude angustiada de privações e maus tratos, contrariada nos seus anseios de liberdade, nas suas aspirações intimas, desviada da sua tendencia natural para um meio triste, onde a submissão e a timidez geraram nessa alma cativa o despeito e a humana revolta, tudo isso explica a psicologia do homem de talento que cumpriu o seu destino, «solitario e nostalgico, com a saudade brumosa dos que nunca tiveram «chanse» na vida».

«Está vendo já—explica o escritor na sua magistral autobiografia—de onde procedem algumas das sensibilidades que, melhor ou pior, contem a minha prosa: o sentimento da paisagem nascido da minha origem de aldeão contemplador; as predilecções por assuntos humildes, inspiradas numa longa e quasi exclusiva convivencia entre as classes chamadas infimas; e, enfim, todas as minhas sêdes asperas de justiça, reacção natural da minha indole singela contra os despotismos de uma sociedade que, durante anos, a trouxe enrodilhada nos pés, continuamente.

«Quinze anos deste regime, escravo de quantos obstaculos a pobreza e o orgulho põem nos «rails» de uma vida laboriosa e continuamente orientada na evitação de faceis triunfos, das lisonjas pulhas e das recompensas servilmente obtidas no desprezivel mister de engraxador, se, por um lado, me têm mostrado a inutilidade material e moral de toda a especie de protesto isolado, deixaram-me vêr, por outro, na convivencia de milhares de individuos de todas as categorias e de todas as especies, a porção comum de velharia e de baixeza que quasi todos eles precisaram desenvolver para instalar na vida o seu talher.»

Semelhantes liberdades de linguagem na apreciação da vida e dos actos dos contemporaneos, mesmo quando são ditadas pelo espirito de revolta de um homem de talento, pagam-nas caro os seus autores.

* * *

Sem duvida, o mestre estilista de «O Pais das Uvas», foi um artista singular, portentoso no descritivo, original e magnifico na forma, com personalidade inconfundivel e tão destacada entre os maiores artifices das letras, que, ao prantear o seu desaparecimento, dizia dêle um dos seus biografos: «Morre com Fialho de Almeida a alma juvenil, plena de viço e graça, de côr e de harmonia da estilistica portuguesa, cuja igrégia estirpe se vai enraizar, pelo silencio do tempo, na lingua milagrosa do padre Manuel Bernardes. Fecha-se com Fialho a serie dos grandes artistas-prosadores da nossa lingua.»

Foi ele o maior nessa dificilima modalidade de contista e os seus contos, onde a sensibilidade percorre toda a gama de emoções, como as suas cronicas de fino recorte e estilo primoroso são modelares na antologia dos maiores escritores portugueses de todas as epocas.

Ninguem como ele—nascido na provincia alentejana, «numa casinha de taipa, construida por pedreiros da sua gente»—soube descrever a paisagem dessa região arida e triste, quasi deserta, causticada pelo sol abrasador, onde o homem sente o drama da terra e sofre num ambiente hostil de desolação e tristeza infinita.

E' aí, na vastidão do plaino ressequido, aspero e tortuoso, onde, apenas, de longe em longe, alguma rustica pousada ou arvore de minguada ramagem, a estalar de sêde, quebra a monotonia do descampado, através do qual os olhos se cansam de correr em busca de lugar propicio ao repouso, até perderem-se nas fimbrias dos horisontes longinquos; é ante esse panorama de grandeza esmagadora, que o formidavel escritor nos deslumbra, a poder do seu talento.

Em «Os ceifeiros», por exemplo, abre-se diante de nós um cenario amplo que patenteia toda a imponencia da terra trástagana, requeimada e vibrante de luz, repetindo-se os aspectos, as impressões, as vistas do panorama, com minuciosos pormenores e tão rigorosa observação que dir-se-ia sentir-se, até, as ardencias do sol, cujos raios causticantes põem a bailar, por efeitos do fenomeno oftalmico, as coisas, entre laminas de fogo.

São os tipos caracteristicos que ocultam a sua tragedia no fundo da alma; os camponeses alentejanos, de «chapeirão braguez e jaqueta ao ombro», rostos trigueiros que exprimem amarguras, entre as searas ondulando ao sopro do vento que queima a epiderme; as longas jornadas dos trabalhadores heroicos, arrastando a pesada cruz de uma existencia martir, á soalheira, pelos caminhos sinuosos; a epopeia dos ceifeiros que cantam numa toada monotona e tristonha, enquanto curvados, no movimento continuo da faina dolorosa, derramam bagas de suor, como pingos de sangue logo absorvidos pela terra sequiosa; a odisseia dos humildes, a vida miseravel e triste dos vagabundos e dos mendigos, o drama cruel da gente pobre.

Todas estas personagens vivem e movem-se em ambientes proprios que o artista genial descreve com impressionante realidade: os longos desterros do inverno, quando, por toda a parte, a paisagem desguarnecida se mostra agressiva e lugubre e do céu, forrado de crepes, desabam as grandes chuvadas que tudo destroem e arrastam em torrentes devastadoras; a angustia dos poentes, naquelas tardes outonais em que os outeiros escalvados projectam sombras de melancolia nos descampados; a nostalgia do mar que se ouve rugir, ao longe, anunciando tempestades; as noites calmas de luar perturbante, os retalhos de paisagens coloridas, como aguarelas exoticas, os panoramas de «uma orgulhosa e rude majestade»; a alegria pagã da Primavera nos campos, tudo isso o grande Fialho nos descreve em paginas que ficam como das melhores da literautra portuguesa.

* * *

O que mais impressiona nêste artista sonhador, que não oculta a sua origem plebeia, é o seu grande amor pelos desprotegidos, a sua predilecção pelos humildes.

Sempre que fala dos torturados, daquelas existencias ignoradas que se consomem numa agonia lenta, sem uma palavra de humana solidariedade, sem um carinho, sem uma lagrima de compaixão; dos humilhados pela indiferença, pelo egoismo e pela ingratidão dos semelhantes, o escritor não esconde o sentimento de revolta e faz-nos pensar quando clama contra as injustiças e desigualdades sociais.

E' que no intimo dêsse homem, impetuoso e, aparentemente, desapiedado, quando a sua pena de oiro se transformava em azorrague, capaz de delir uma alma pelo escarneo, de correr um cretino a chicote ou a pontapé, como a um mastim, injuriando-o e cobrindo-o de chufas, havia um ser dotado dos mais nobres ideais, vibrava um coração de sensibilidade delicada, agitavam-se sentimentos de bondade e compaixão que trasbordavam piedade infinita; palpitavam anseios de perfeição humana, entusiasmos de amor fraternal, o desejo elevado de contribuir para tornar melhor a sociedade imperfeita.

CESAR DOS SANTOS

TEMAS ARTISTICOS

O culto pela musi

na civilizaç

Se aos etruscos se pode atribuir uma civilização que legaram aos romanos, tambem não a devemos negar aos celtiberos, fusão das raças iberica e celta.

Segundo os mais autorizados geografos e historiadores, os celtas tiveram a sua origem na Siberia, e difundiram-se por varios povos, como: a Germania, a Iliria e parte da Grecia; passando ao Ocidente, vieram ocupar as Galias desde o Sena ao Garona, a Italia e a Peninsula Iberica.

Estrabão, referindo-se aos turdenanos, habitantes da Andaluzia, disse que eles fizeram uso do estudo da gramatica, conservando, pela escrita, memorias antigas onde tinham poemas e leis em versos, com mais de 6.000 anos. E' claro que estes anos não tinham doze meses.

Ptolomeu chamou turdeanos aos que habitavam a terra desde a boca do Guadiana, pelo promontorio Sacro, até ao cabo Espichel.

Os livros de historia, especialmente do ramo musical, inclusive a Historia do notavel professor dr. Hugo Riemann, da Universidade de Leipzig, passam sôbre a civilização iberica como se fôsse uma bola de sabão que se desfez sem deixar vestigios no planeta que habitamos. Mas a verdade é esta: os iberos foram um povo culto, tanto nas artes como nas letras, e de que os romanos tambem apriveitaram. Masdeu era de opinião de que os celtiberos só começaram a cultivar as ciencias pelo ano de 1500 a. C., contando o ano a 12 meses, data em que fixa a vinda dos fenicios á Peninsula, onde fundaram a cidade de Gádiz (Cádiz) e na qual existiu um templo consagrado ao deus Melcar, antes do fenicio Cadmo ir á Beocia, em 1450 a. C., a quem alguns historiadores atribuem ter lá introduzido a musica, possivelmente por sua mulher Armonia ser eximia cantora e tocadora de lira.

Sôbre a vinda dos fenicios á Peninsula sugerem-se-nos duvidas, porquanto ha quem a localize no sec. XIII, isto é, no periodo de Tiro que sucedeu ao de Sidon, ou melhor ainda, no reinado de Hirão I, contemporaneos de David e Salomão, a quem forneceu materiais e artistas para a construção do Templo de Jerusalem.

Os Moedanos, na sua «Historia de Espanha», são da opinião de que os iberos escreviam e cantavam com sinais e genóglifilos antes de ter recebido contacto com os fenicios. Ora se foram estes os grandes elementos de contacto entre a civilização oriental e ocidental, pelas suas comunicações maritimas; e se a civilização fenicia já se tornou sensivel a partir do sec. XV a. C., não nos repugna aceitar a ideia de que os celtiberos cultivassem as ciencias e as artes ao mesmo tempo que os gregos.

Nos tempos dos reis David e Salomão os hebreus visitaram, conjuntamente com os fenicios (seus aliados e de lingua familiar semelhante), a Peninsula, trazendo na sua bagagem elementos de cultura que tornaram bem notaveis os nomes de David, Salomão, Ruth, Job, Ezequiel e Jeremias, e dos musicos Asaf, Emau, Edothum e Ethan, e assim o bom gosto pela musica que teve verdadeiro esplendor no povo de Israel.

Depois dos fenicios e hebreus, encaminham-se do séc. VIII ao IV apara a Iberia os gregos, onde fundaram varias povoações no litoral, como: Málaga, Hispális, (Sevilha); na costa catalã: Valencia, Murcia e ainda ao sul Granada e a historica Sagunto que se tornou aliada de Roma, e cujo cêrco, feito pelo general cartaginês Anibal, teve o condão de trazer á Peninsula muitos romanos, que Blasco Ibañes, no seu livro «Sónnica, la cortesana», bem o confirma.

Se a vinda dos gregos á Peninsula Iberica proporcionou a esta novos conhecimentos a juntar aos já existentes, tudo leva a crer, pela logica dos factos vitais, que dado o estado de civilização em que a Peninsula se encontrava, fizessem como uma especie de permuta, levando para a Grecia novidades e delas resultassem polémicas no campo da arte dos sons pela alegria excepcional das canções celtiberas, contrastando essa estetica com os rigores classicos das consonancias pitagoricas, nas quais só se praticavam *unisonos, oitavas, quintas justas* e possivelmente a *quarta,* como inversão da quinta, intervalos estes pelos quais se afinavam os instrumentos.

Plutarco, ao descrever a musica jónica, graciosa, brilhante e cheia de adornos, levada para Atenas no tempo de Platão (IV sec.), está em plena concordancia com aquela que Estrabão fez da musica iberica mais antiga, e desta comparação se pode deduzir que os gregos habitantes da Peninsula é que, possivelmente, deram motivo á revolução da musica helenica, levando para lá essas innovações, sendo delas representante Timoteo de Mileto, o qual fez cair o prestigio dos antigos modos dórico e cário.

De quem teria recebido Timoteo de Mileto influencias para essas innovações?

Mas, no campo das possibilidades, temos mais, visto que ha historiadores espanhois. (quanto a nós com certo exagero) inclinados a que a *poesia ditirambica* teve raizes na musica e lingua vasca, representada na Grecia pelos nomes de Milanipine, Einesias, Poliesdes, autor da tragedia «Efigenia» e Timoteo de Mileto.

O padre Larramendi no seu «Diccionario — Vasco — Castelhano — latino afirma que os gregos não introduziram nenhuma palavra á lingua da Biscaia, o idioma mais antigo de toda a Peninsula, e que teve a sua origem no celta.

O vasco é, sem duvida, a lingua mais pura da Peninsula, visto que as montanhas das Asturias e das Vasconcadas foram os grandes baluartes onde se refugiaram sempre os celtas.

Segundo os mais autorizados filologos portugueses, muitas das palavras que embelezam os nossos dicionarios antigos e modernos têm a sua origem no celta.

A designação de Tejo é atribuida a origem celtica pela terminação *ejo* ou *eijo.*

As palavras terminadas em *ança,* como abastança, em *ença,* como *avença,* em *iça* ou *issa* como carniça, etc., são, segundo Ribeiro dos Santos, de origem celta.

Esta é, portanto, a raiz das linguas peninsulares; e uma das afinidades bem salientes é a estetica suave, graciosa e doce da sua pronuncia, que nada tem de gutural; de resto, os proprios romanos, segundo Ariano, na sua tactica militar, tambem têm muitos vocabulos da lingua iberica e celta.

Tendo os turdetanos, e bem assim os celtiberos, cultivado a musica com especial interesse, é de supôr que das letras do seu alfabeto formassem tambem uma notação musical, como fizeram outros povos da antiguidade.

João Condeixa

(Proprietario da Casa Condeixa)

Deseja felizes festas e um novo ano cheio de prosperidades aos seus Ex.mos clientes e amigos.

R. ARCO DO BANDEIRA, 217 — LISBOA

LA PRÉSE

COMPANHIA

Deseja aos

Sequeira

Proprietarios da casa

"A COMI

18, T. DA TR

Desejam aos seus

ca e pelas letras

o iberica antes da invasão dos barbaros

A confirmar esta hipotese parece ter existido no velho arquivo da cidade de Pamplona, uma canção em idioma vasco—«Romance de Pacho»—cuja melodia estava escrita com uma notação da epoca.

Segundo D. Luiz Vasques—«Ensayos de los alfabetos desconocidos»—desde a mais remota antiguidade havia três alfabetos diversos: Turdetano, Bástulo—Fenicio e Celtibero, não podendo assegurar-se a que qualquer dêles correspondiam as notas musicais, se bem que se assemelhem algumas delas aos caracteres do alfabeto fenicio-hispanico, publicado pelo infante D. Gabriel.

Do que ha a certeza absoluta (pois que decerto com factos antigos só se faz a historia muitos seculos depois, e a maior parte das coisas só se conseguiu pela tradição oral, cantos populares ou religiosos, etc.), é que os romanos, ao pisarem a Peninsula Iberica, ficaram admirados ao ouvirem as cantoras, a ponto de Metello ter enviado como presente a Roma um côro de artistas espanhois, que tal sucesso obtiveram nas suas audições que todo o Imperio Romano passou a procurar na Iberia os artistas musicos para embelezar as suas festas.

O interesse foi de tal natureza que, numa ocasião de crise conomica em que tiveram de sair de Roma todos os estrangeiros, sem distinção de categorias, só os musicos e as bailarinas, num total de 3.000, não sairam da cidade de Romulo.

Parece que os musicos da Iberia chegaram a ser preferidos aos da Grecia, pela suavidade dos intervalos que compunham a sua musica, intervalos estes que os gregos desprezavam, desde a epoca de Pitágoras (VI sec. a. C.) que se empregava as consonancias, ás quais já se fez referencia.

Na época de Platão já existia a citara de Polimnestes, de Colofon, que passa por ser o inventor duma notação. Tinha uma afinação diferente, de que resultavam novas harmonias, que eram classificadas de barbaras, e daí Platão (sec. IV) a dirigir ao povo esta frase historica: «Oh gregos! tende cuidado com a nossa musica, porque, se ela se altera, corrompem-se os vossos costumes, e porque a musica, mãi universal de todas as proporções, da decencia e do agrado, não foi dada aos homens para estabelecer o deleite, mas para estabelecer a ordem e a harmonia nas faculdades humanas.»

E' possivel que muitos que nos lêem suponham que haja exagero nêstes conceitos filosoficos dos gregos antigos, da envergadura de Platão. Não ha, e a razão cifra-se, simplesmente, no seguinte: Pitágoras, que fôra discipulo dos homens mais notaveis do seu tempo, extraiu do fenomeno da corda vibrante a razão de toda a sua ciencia, quer aritmetica, fisica, matematica, astronomica e até moral, e entendia, vamos lá, com certa logica, que, alterando a pureza dos fenomenos artisticos, alterava a perfeição de tudo que estivesse inherente á ciencia.

De resto, esta doutrina não era completamente nova, visto que os egipcios, seus percursores, deduziam da musica todas as ciencias humanas, havendo até um hino, chamado das Sete Vogais, de grande superstição, ligado aos sete planetas que já conheciam: Venus, Marte, Terra, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno.

De resto, a propria Igreja Catolica, desde a sua fundação, e especialmente desde S. Gregorio (VI sec.), compartilha, em parte, de doutrinas psicofisiologicas semelhantes, visto ter repudiado o *cromatismo* musical até aos nossos dias, por não se ligar com o ambiente severo da liturgia catolica-romana.

As doutrinas de Pitágoras fizeram escola até á Idade Média, nas quais se salientam os nomes de: Filolau, Arquitos de Tarento, Erastótenes (276-196) Didimo (sec. I) Boecio (sec. V) e por ultimo Huchaldo e Scotus Erigena.

A «terceira maior», representada na escala dos geómetras pelo harmonico 5, ou pelo quebrado 5/4, foi introduzida, segundo uns historiadores, por Didimo, e segundo outros, por Cláudio Ptolomeu.

A verdade, porém, é que, teórica ou práticamente , o emprego da «terceira» abriu novos horisontes á musica, como qualquer numero poderia ter aberto á aritmetica, e tudo leva a crer que antes da «terceira» estar consagrada na Idade Média, os iberos, por excepcional intuição artistica, a aplicaram á sua musica, tal como, nas nossas regiões alentejanas, desde os nossos avoengos, o povo cantava em *terceiras sobrepostas*.

Muitos foram os escritores romanos que fizeram referencias elogiosas á musica iberica no Imperio Romano, que não adquiriu maior desenvolvimento devido á notação ser diferente da grega, que estava em primeiro plano.

Os iberos, assim que sofreram o dominio absoluto dos romanos, adoptaram a contento, ou sem alguns dos seus costumes, o idioma latino e parte da cultura helenica, bem como os modos musicais que os romanos haviam recebido.

O culto pela musica, na Iberia, era comum a todas as classes, e não só aos profissionais, porque a musica era indispensavel á educação, como o fôra na Grecia, e porque o estudo da musica fazia parte das ciencias, e não se compreendia a poesia sem a musica, visto serem gemeas.

Entre os varios poetas iberos, desde que os romanos introduziram na Peninsula o idioma latino, os mais admirados em Roma, desde o I sec. a. C., até á queda do Imperio em 409, são: da *primeira epoca*, os poetas musicos cordoveses e gitanos: Cornélio Balbo, que introduziu a musica espanhola nos teatros de Roma; Emilio Severiano, autor de farsas; Julio Secundo, cantor; Sextilo, Hena, Columela, Lucano (39-65); Argenária, sua esposa, e Séneca, o grande filosofo, a quem atribuiram um sistema musical.

Da segunda epoca: Marcial, Caio Rufo, compositor de tragédias; Théplica, cantora notavel: Lucio de Tuy; Unico, cantor de poesias funebres; Unico, o primeiro cantor de versos de amor; Caio; Silio Italico; os imperadores Trajano, Adriano e Caio Voconio.

Terceira epoca: Juvenco, o primeiro cantor de poesias sacras no Ocidente, e Aurelio Prudencio, contemporaneos, cristãos; S. Damaso, ou Damasio, filho de um escritor que fôra para Roma exercer a sua profissão; Latróniano; Acilio Severo; Rufo Festo e Aécio Tiron, mestres de retorica, poesia e musica, *gentilés* S. Paulino, de origem francesa, mas educados nas escolas espanholas, e sua esposa Terásia, de Barcelona, que foi notavel.

TEOPHILO SAGUER

PROBLEMAS OPERARIOS

Contratos colectivos de trabalho

e a organização obrigatoria

Um dos assuntos mais discutidos, tlvez porque oferece mais interesse presentemente, é o das corporações—fórmula de organização social do trabalho que vigorou durante as ultimas décadas da brumosa idade media e que actualmente se pretende estabelecer como sistema politico da estrutura social vigente, embora adaptado ás necessidades de momento.

As corporações antigas que em França terminaram em 1789 e no nosso país por volta de 1830, restringiam-se á defesa das artes e oficios, para cujo prestigio e aperfeiçoamento gozaram de privilegios reais e estadoais que os colocava ao abrigo de qualquer concorrencia ou invasão de artifices congeneres.

Organismos hermeticamente fechados, o seu ingresso só era permitido pelos laços de parentesco muito proximo dos seus componentes e consoante os interesses da corporação o consentissem. Fruiam, portanto, tais organizações prerogativas de verdadeiros monopolios de trabalho.

Se sob o ponto de vista social, os privilegios das corporações ofendiam os principios de liberdade de trabalho que ao tempo a nova escola politica inscrevia no seu estandarte reivindicador dos direitos do homem, de dispôrem de si mesmos, segundo as suas tendencias artisticas e profissionais, debaixo do ponto de vista profissional as corporações tinham a vantagem de defender os respectivos profissionais (artifices e mestres) no dominio economico, permitindo-lhes poderem desenvolver e aperfeiçoar as suas especialidades de serviço.

Com efeito, por esse sistema de trabalho, o artifice tinha a noção completa da obra que produzia, gôsto pela sua arte, entusiasmo pela sua perfeição, e esta estimulava-o tanto mais quanto mais ela se desenvolvia, adquiria novas formas e conquistava novos processos de execução.

No dominio moral e social as corporações estabeleciam um ambiente de confiança e de segurança nos seus componentes, e por elas uma disciplina no trabalho, que é a caracteristica fundamental das mesmas corporações, e que tem subsistido através dos lustros e das mutações politicas.

Tiveram ainda as corporações antigas o raro condão de impregnar o ambiente operario dum sentido absolutamente solidarista em que o ponto convergente e determinante era a defesa da corporação que consubstanciava a sua propria.

E de tal forma este sentimento de solidariedade se arreigou na alma e compreensão dos trabalhadores, que, quando mais tarde quasi um seculo, se constituiram os primeiros sindicatos e associações de classe, se definiram logo organismos corporativos.

Convém aqui esclarecer que a primeira legislação autorizando o funcionamento dos sindicatos foi promulgada em França em 1880, ratificada depois em 1884, tendo-se a partir deste ano, por deliberação dum congresso socialista, começado a constituir os sindicatos operarios e associações de classe; no nosso país a legislação que autorizou as associações de classe data de 1891, aparecendo mais tarde os sindicatos que é um titulo francês.

Como se vê, tem sido a França a nossa mãi espiritual e mental, donde nos vem tudo e até nós, pois, segundo a lenda, de lá somos importados, o que parecendo um dito ingenuo, tem, no entanto, um grande significado social.

A verdade é que as corporações antigas fizeram escola e formaram doutrina.

Aparte os exagerados privilegios que as revestiam e de que os seus componentes se aproveitavam em beneficio proprio—uma manifestação de egoismo que afinal é tão natural e peculiar á maioria dos mortais—as corporações definiram principios na ordem social que hoje se reputam exequiveis e conducentes a uma elevada objectividade politica tão racional e necessaria que não podemos deixar de lhe dispensar a nossa atenção e manifesta concordancia.

E' que elas dizendo-nos que o homem não pode viver isolado, e que só se pode e deve elevar com o seu desenvolvimento, sem que a sua personalidade desapareça no conjunto colectivo ensinou-nos a compreender que não podemos nem devemos firmar interesses pessoais contra os da colectividade, que, representando superiormente o de todos, se convertem singularmente em supremos e que por isso não podem ser demandados.

JOSE' NETO

RVATRICE
E SEGUROS
eus Ex.mos Amigos e Segurados
um Ano Novo muito próspero.

Leopoldino
de emprestimos e ourivesaria
ERCIAL"
IDADE, 22
ntes e amigos muito boas festas

AOS SEUS EX.MOS
CLIENTES E AMIGOS
José Santos, L.da
Compra e venda de Propriedades
Empréstimos Hipotecários
AGENTE OFICIAL
Rua dos Correeiros, 101, 1.º
LISBOA — Telefone 27616
Deseja festas felizes
e um Novo Ano
muito prospero

Gouveia & Silva
Casa de Cambio, lotarias e papeis de credito
Deseja Festas Felizes e um Ano Bom aos seus clientes e amigos.
SEDE — Rua da Assunção, 84-86.

CURIOSIDADES HISTORICAS

A carreira militar de Santo Antonio

De Santo Antonio, milagroso santo, ascético e ardendo em fé, sonhando novos trabalhos e ansiando por novas provações ao serviço de Deus — diz o agiologio cristão e o corroboram os multiplos estudos historicos que, entre nós e na Italia, principalmente, têm vindo a lume.

De Santo Antoninho milagreiro e quebra-bilhas, do santo casamenteiro e jovial, coradinho, jocundo e facecioso — está cheio o nosso folclore, que na tradição popular assim o recolheu, com um mais amoravel e doce e ingenuo enlêvo do que respeita pela verdade historica da figura moral (e até do fisico) de Frei Antonio.

Menos conhecidas são por certo as suas tradições militares e as ligações do seu nome e virtudes com alguns factos militares e historicos nacionais.

E isso me propus: ir buscar a velhos papeis e documentos uma despretenciosa noticia da vida, da carreira militar do nosso Santo Antonio.

Comecemos, naturalmente, pelo seu alistamento, como praça, no Regimento de Infantaria de Lagos.

Durante a Guerra da Restauração, de 1640 a 1668, de tal sorte a fé dos soldados algarvios atribuia a Santo Antonio o exito das acções militares em que as tropas se empenharam, que D. Pedro II, por alvará de 24 de janeiro de 1668, determinou que, «por tão patriotico serviço», fôsse alistado como praça naquele regimento. Mas como, segundo as leis desse tempo, todo o individuo que se alistasse devia apresentar um fiador, deram por fiador idoneo do novo recruta a Virgem Maria.

E Santo Antonio sentou praça no Regimento de Infantaria de Lagos a 24 de janeiro de 1668, conforme nos diz o certificado do almoxarife do mesmo regimento, D. Hercules Antonio Carlos Luiz Joseph Maria de Albuquerque e Araujo Magalhães.

Alguns anos depois era promovido a capitão, em 12 de setembro de 1683, com o soldo de 10.000 réis, que lhe foi abonado até 1779, ano em que passou a vencer o de 15.000 réis, como consta do livro de vencimentos e de varios mapas do regimento, existentes no Arquivo Historico Militar, continuando a «servir» na mesma unidade, não apenas em espirito, mas tambem em... imagem. Porque sempre a sua imagem acompanhou o Regimento de Lagos, nomeadamente numa marcha de Juromenha para Olivença, debaixo da ameaça duma surpresa das tropas de Badajoz, surpresa desagradavel que se frustrou.

«O que — diz o ilustre escritor militar general Martins de Carvalho, na sua obra «*Subsidios para a Historia dos Regimentos de Infantaria e Caçadores* — o que não causou espanto a ninguem, porque muitos soldados afiançaram ter visto Santo Antonio fazer toda a marcha a pé, na frente do primeiro pelotão».

Por esta acção militar foi o nosso Santo promovido a capitão, como consta do certificado a que já me referi, passado pelo dito almoxarife no regimento, o tal senhor D. Hercules, etc., etc., etc., certificado que, pelo seu pitoresco e interesse, não resisto a copiar, parcialmente:

«*Certifico que a 24 de janeiro de 1668, por ordem de S. M. D. Pedro II, que Deus tem na gloria, então principe regente do reino de Portugal, notificado ao governador deste reino dos Algarves, assentou praça o milagroso Padre Santo Antonio neste Regimento de Infanteria de Lagos, logo no primeiro tempo em que se constituiu, por determinação do mesmo principe, e de tal alistamento se deu nota no livro de registos do regimento, folha 143 verso, sendo seu fiador a Rainha dos Anjos no respeitante ao compromisso tomado de não desertar e servir fielmente debaixo de bandeiras; que é verdade terse conservado no dito regimento na qualidade de soldado raso até 12 de setembro de 1683, data em que o mesmo principe foi elevado a rei pelo fallecimento de seu irmão D. Afonso VI e que nesse mesmo dia S. M. promoveu Santo Antonio ao posto de capitão por ter pouco antes, á testa dum destacamento do mesmo corpo, que marchava de Juromenha para Olivença, desbaratado uma força quatro vezes maior de castelhanos que, advertidos pelos espiões, o esperavam em emboscada com o fim de vencer e conduzir prisioneiro para Badajoz*».

Do mesmo certificado consta ainda que o Santo tinha a «*caderneta limpa*» de castigos, sem nunca ter sido preso ou sofrido punição alguma, jámais tendo sido açoutado e «*em tudo se tendo comportado sempre como fidalgo e oficial*».

Como capitão ia sendo abonado o Santo dos soldos que campetiam á sua patente, soldos que eram pontualmente entregues á Irmandade de Santo Antonio, existente no mesmo regimento e cujos primeiros estatutos foram aprovados em 1702 e reformados posteriormente em 1796, como consta dos avisos régios de 15 de dezembro de 1733 e 7 de agosto de 1780.

Esses soldos foram sempre pagos até...

Até que o Marquês de Pombal, num dos seus admirados rasgos administrativos, determinou que deixassem de o ser, continuando o bom do Santo-capitão a «servir» gratuitamente.

Mas logo no reinado seguinte de Maria I o coronel do Regimento de Lagos, zelôso dos direitos dos seus subordinados, requereu, em janeiro de 1780, que ao seu capitão Santo Antonio fôssem pagos os soldos em atraso e ainda (em virtude de o referido capitão, «o mais antigo dos reais exercitos», se achar, de ha muito, preterido na promoção) que o mesmo fôsse promovido a tenente-coronel.

Assim foi. Assim se decretou, mais tarde.

Com data de 31 de agosto de 1814, o Principe-Regente D. João assinou o decreto (registado a folhas 46 do livro 6.º de patentes) promovendo a tenente-coronel o capitão Santo Antonio, que foi tambem condecorado com a medalha de ouro n.º 5 da Guerra Peninsular, o que tudo ficou devidamente averbado nos registos competentes. O decreto referido é o seguinte:

«D. João, por graça de Deus, principe regente de Portugal e dos Algarves, de áquem e de além mar em Africa, Senhor da Guiné e da conquista, navegação e comercio na Ethyopia, Arabia, Persia e da India, etc.

Faço saber aos que esta minha carta patente virem, que, sendo da minha particular devoção o glorioso Santo Antonio, a quem o povo desta côrte incessantemente e com a maior fé dedica os seus votos, e tendo o ceu abençoado os esforços dos meus exercitos, com a paz que se dignou conceder á monarquia portuguesa, crendo eu piamente que a eficaz intercessão do mesmo santo tem concorrido para tão felizes resultados: Hei por bem se eleve ao posto de tenente-coronel de infantaria, e com elle haverá o respectivo soldo, que lhe será pago na forma das minhas reais ordens, pelo que o marechal de campo Ricardo Xavier Cabral da Cunha que na qualidade de ajudante general e encarregado interinamente do commando das armas desta côrte e capitania, assim o cumpra; e o soldo referido se assentará nos livros a que pertencer, para lhe ser pago em seus devidos tempos. Em firmeza do que lhe mandei passar carta, por mim assinada e selada com o selo grande de minhas armas.

Dado nesta cidade do Rio de Janeiro aos trinta e um dias do mês de agosto do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1814. O principe com guarda—Gaspar José de Matos Ferreira e Lucena—José Caetano de Lima—Por decreto de S. A. Real de 26 de junho de 1815 e aviso de 22 de agosto do mesmo ano: Pedro Vieira da Silva Teles a fez escrever. Antonio José Pinto a fez. Registrada a fl. 46 no L. 6.º de patentes».

Anteriormente já o proprio Junot, em 1807, ao examinar os livros de matricula do Regimento de Lagos, ordenara que continuasse a ser pago ao Santo oficial o devido soldo. Assim o diz o general Foy na sua *Historia da Guerra Peninsular*.

Isto pelo que se refere á carreira de Santo Antonio no regimento de Infantaria de Lagos, cuja imagem se venerava na capela do seu nome, em Lagos, e actualmente está no Museu Regional da mesma cidade.

Porque tambem o regimento de Infantaria de Peniche (que, mais tarde, pela organização militar de 1806, passou a ser o n.º 13) tinha Santo Antonio como seu protector, servindo igualmente nas suas fileiras, embora no posto mais modesto de alferes, com o soldo de seis mil reis mensais.

O bom Santo, que, pelo visto, não tinha mãos a medir, foi ainda o padroeiro do regimento de Infantaria de Cascais (depois Infantaria n.º 19). Nesta unidade não tinha graduação militar efectiva (sendo considerado capitão-honorario) mas a sua imagem, alentando os soldados, acompanhou sempre o regimento, quer na campanha do Russilhão, quer durante a Guerra Peninsular.

Na batalha do Buçaco, por exemplo, carregando á baioneta os aguerridos e famosos soldados de Massena, os soldadinhos do 19 de infantaria gritavam com vibrante entusiasmo: «Santo Antonio vai connosco»! Com esse brado de crença e de fé, Infantaria 19 cobriu-se de gloria no Buçaco.

Por isso o regimento continuou levando sempre consigo, acompanhando-o durante o resto da campanha, a imagem do seu padroeiro, imagem que se conserva ainda hoje na capela de Nossa Senhora da Vitoria da cidadela de Cascais, onde Infantaria 19 teve, por muito tempo, a sua sede.

* * *

Mas não foi só na Metropole que Santo Antonio teve honras militares. Tambem na India e no Brasil, que eu saiba, a sua «carreira militar» foi um facto historico. A ele se refere Cotinneau de Kloguem no seu *Bosquejo historico*, confirmando em absoluto a sua autenticidade, na India.

Quanto ao Brasil, á carreira militar de Santo Antonio no Brasil, diremos da sua «vida militar» na Baia, em Goyaz, em Ouro Preto e no Rio de Janeiro.

A carta régia de 7 de abril de 1707 confere o posto de capitão a Santo Antonio da Baia, que foi promovido a major por decreto de 13 de setembro de 1810, sendo o seu vencimento considerado soldo e, como tal, pago pela repartição da Guerra, por aviso régio de 29 de julho de 1859.

Santo Antonio de Goyaz era tambem capitão, por provisão de 19 de setembro de 1750, confirmada em 29 de outubro do mesmo ano.

O aviso régio de 26 de fevereiro de 1799 concedeu a Santo Antonio de Ouro Preto o posto de capitão, com o soldo anual de 480$00 reis.

A quando do ataque ao Rio de Janeiro pelos franceses, comandados por Duclerc, o governador, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, por motivo da ocasional intercessão e valimento espiritual de Santo Antonio, tambem conferiu ao bom Santo o posto de capitão, nomeação que foi confirmada pela carta régia de 21 de março de 1711. Santo Antonio do Rio de Janeiro foi depois promovido a sargento-mór (major, na actual designação hierarquica militar) por decreto de 14 de julho de 1810 e a tenente-coronel pelo decreto de 26 de julho de 1814, sendo dispensado o pagamento das despesas da patente pelo aviso régio de 22 de agosto de 1814. Por decreto de 13 do mesmo mês e ano fôra Santo Antonio condecorado com a Grã-Cruz de Cristo.

Parece que depois e durante alguns anos (desde a saida de D. João VI do Brasil e nos primeiros tempos da embriaguês da independencia brasileira) deixou de ser pago a Santo Antonio o seu soldo de tenente-coronel, como se depreende da doutrina do aviso régio de 13 de agosto de 1833 (de D. Pedro II) que mandou continuar o pagamento do mesmo soldo.

Ainda no tempo do imperio (nomeadamente em 1885, pelo deputado baiano Aristides Spinola) foi por varias vezes pedida no parlamento, por zelosos economistas muitissimo liberais, a redução da despesa que se fazia com o soldo pago a Santo Antonio—o qual, pelo visto, parece que fazia periclitar o orçamento brasileiro.

Os governos imperiais porém opuseram-se sempre a essa ridicula e mesquinha economia, eminentemente liberalista. Em 1891 aparece mesmo, no proprio «Diario Oficial», o seguinte documento «*Atendendo á reclamação do provincial dos franciscanos, fr. João do Amor Divino Costa; atendendo a que nenhum decreto anulou o de 26 de julho de 1814, nomeando á patente de tenente-coronel Santo Antonio do Rio de Janeiro, o ministro ordena que se lhe continue a pagar o soldo da patente*».

Quando da queda do Imperio, em 1899, foi suprimido ao tenente-coronel Santo Antonio o abono do respectivo soldo, abono que aliás foi restabelecido logo no ano seguinte pelo marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente da Republica brasileira, o qual, simultaneamente, promoveu a general, passando-o á reserva, o bom Santo Antonio—*que servira* nas fileiras quasi três seculos!

* * *

Respeitantes a Santo Antonio militar conheço as seguintes composições poeticas, total ou parcialmente ineditas:

«A' batalha de Montes Claros e A Santo Antonio soldado pago. Dessimas»—Sete decimas sem indicação de autor (Fr. Jeronimo Vahia)—A fls. 220 do Manuscrito n.º 393 da Biblioteca da Universidade de Coimbra (Miscelanea).

«A S. Antonio alistando-se por soldado. Decimas»—Idem, no Manuscrito n.º 382, fls. 167 Vº. (As seis primeiras decimas vêm na «Fenix Renascida»—Tomo I—pag. 370. A ultima decima no Tomo III—pag. 96).

«Decima P. em q S.º Ant.º fez ao Gou.º das armas do minho»—A fls. 301 do Manuscrito n.º 356 da Biblioteca da Universidade de Coimbra. (Referente á Guerra da Restauração).

JOSE' BRANDÃO PEREIRA DE MELO
Capitão

Campião & C.ª
Rua do Amparo, 116 — LISBOA
Dão as Boas Festas aos Exmos Clientes

H. VAULTIER & C.ª
Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal muito feliz.

TEMAS DE ARTE

Um problema de iconografia sebastianista

De ha muito temos tentado pôr diante dos curiosos da arte — e dos peritos, que infelizmente não abundam na «fremosa estribaria» de que falava o Cavaleiro de Oliveira, (ao censurar os nossos lusiados costumes setecentistas) um problema importante e fundamental para a solução iconografica do periodo sebastianista.

A nossa introdução dentro desse «clima» alcacer-kibiriano, assenta em dois motivos duplamente imperiosos: A propria autoria dum trabalho «veoslibrista» sobre «Dom Sebastião», publicado em fins de 1923, com uma capa, síntese felicissima do grande pintor Antonio Soares, ao qual três espiritos nobremente latinos deram uma compreensão absoluta, D. Andrés Gonzales-Blanco, tradutor de Eça de Queiroz, em espanhol, num luminoso artigo ilustrado em «La Esfera» de Madrid, Philéas Lebesgue com o «Mercure de France», e Marcel Brion na sua rubrica das «Letras estrangeiras» em «Les Nouvelles Littéraires», pondo este ultimo a tese de que esse poema modernista e «veos-librista» mais não era do que liricamente uma sobrevivencia do barroco português; e uma assimilação, tanto quanto possivel completa do periodo de áquem e além Alcacer-Kibir em dezasseis anos de leituras, de documentos coévos e literatura consequente, sobretudo na Biblioteca de Santa Genoveva em Paris, onde se encontram alguns dos mais notaveis documentos do periodo sinistro da «apagada e vil tristeza» camoneana da dominação aviltante de Castela e dos sessenta anos funestos.

Portanto, a logica, a derivante desse clima deram-nos a síntese, a intuição e a assimilação de essa «atmosfera» psicologica de antes e depois 1580.

Além da parte dramatica, da parte historica e do periodo do interregno filipino, surge para nós, o problema fundamental, o problema que olhos de áquem procuram ver com olhos de além.

Como seria D. Sebastião? Seria como o pintou Cristovam de Morais no Museu de Arte Antiga? Seria como o pintaram no Paço de Sintra? Seria como nas «Descalzas Reales»?

A identificação mais notavel e mais logica, a que é mais paralela aos testemunhos coévos, Amador Rebelo, Bernardo da Cruz, Jeronimo de Mendonça e na «Evolução do Sebastianismo», de Lucio de Azevedo, livro admiravel, sobretudo no documento inconfundivel dum neto de D. João de Castro, neto do vice-rei da India e nessa tese tão lusiada e inquietante de «O encoberto», de Sampaio Bruno, achamo-la no quadro de Cristovam de Morais.

O progratismo da Casa de Austria, a côr fulva do cabelo, a infirmeza do rictus labial, o olhar faiscante e asal de joia, a beleza irreal, a predestinação de super-raça, o sentido fatidico, o porte medieval de heroi virgem tão nobremente incarnado nessa figura tragica de vitral do Rei de Sempre, como lhe chamou o d'annunziano espirito lusiada de Antonio Patricio, têm um espelho perturbante e real na tábua de Cristovam de Morais.

Nos retratos de Cinta e de Espanha, a figura adolescente surge-nos numa especie de virilismo e numa desenvoltura de mascara que não têm correspondencia nas cronicas coévas nem nos testemunhos fidedignos.

A verdade quinhentista, a verdade-lendaria, a verdade-historica estão em Cristovam de Morais, pena sendo que tantos espiritos criticos portugueses escrevendo sobre a nossa pintura classica não tenham acompanhado esse problema, e não tenham posto perante a investigação e a logica historicas, um postulado iconografico de tanta transcendencia.

Têm visitado Portugal, ultimamente, alguns dos maiores criticos de pintura italiana, francesa e espanhola. No Museu do Jeu de Paume, em 1931, nas Tulherias, esteve exposto o D. Sebastião, de Cristovam de Morais. Mas a critica chefiada por René Jean apenas se preocupa com as tábuas de Nuno Gonçalves ás quais em uma nota publicada no «Imperio Português», numa reprodução dum artigo nosso inserto nas «Nouvelles Littéraires» sobre a comparticipação de Portugal na Exposição de Paris, fizemos uma nobre reparação critica, nota essa que achamos justissima como reflexão dum outro problema, o dos Painéis do Infante, que tanta tinta e tanta opinião divergente tem feito correr mundo adentro da paisagem e do «clima» a da arte pictural do nosso décimo quinto seculo, ao afirmarmos: «Nuno Gonsalvés gloire de la peinture portugaise du XVéme siècle, si grand et important comme Jan van Eyck, comme Memling, comme les grands italiens».

Ultimamente em releituras, em varias e aturadas visitas no Museu de Arte Antiga encontrámos a chave dum novo problema, a identificação dum outro retrato de D. Sebastião, ainda menino e moço, em plena adolescencia soberbil e enquadrado mais do que o do quadro de Cristovam de Morais no periodo bandarriano da lenda e da nevoa poetica, que enchem ainda hoje a nossa historia de fins do seculo XVI, da mais inquietante, da mais perturbadora e misteriosa lenda de que ha memoria na peninsula hispanica, a lenda do Rei-Nevôa, do Rei de Sempre, do Rei-Misterio, do Rei Menino, do rei que ainda hoje ha-de sobreviver, na evocação perturbadora de Antonio Nobre:

Virá um dia, carregado de oiros,
Marfins e pratas que do ceu herdou,
O Rei-Menino que se foi aos moiros
Que foi aos moiros e ainda não voltou.
Tem olhos verdes e cabelos loiros.
Ah, não se enganem (ainda não chegou)
Virá El-Rei menino do Estrangeiro,
Numa certa manhã de nevoeiro...

Esperai, Esperai ó Portugueses!
Que ele ha de vir, um dia! Esperai.
Para os mortos os seculos são meses,
Ou menos que isso nem um dia, um ai.
Tende paciencia! Finarão reveses;
E até lá portugueses! Trabalhai.
Que El-Rei Menino não tarda a surgir,
Que ele ha de vir, ha de vir, ha de vir!

O espirito de Gabriel D'Annunzio definiu melhor essa certeza na incerteza, essa certeza em nós proprios, na sobrevivencia camoneana da nossa perpetuidade, na nossa constancia historica, em toda essa lança de Deus, que é a Historia Portuguesa, a historia cristianissima da paisagem e da grei lusiadas, ao definir Dom Sebastião, como «Le Roi-Demain» o Rei de Amanhã, o rei que surge um Dia!

Esse rei Esperado, esse rei-Subtil, esse rei Impossivel e Impalpavel da Esperança, julgando tê-lo identificado na sua idade doirada, na sua idade post-gótica, na sua idade lendaria e rei-asturiano, está no Museu de Arte Antiga, mais certamente do que provavelmente, reflectindo D. Sebastião na plenitude da sua infancia.

O pintor que pintou seu avô D. João III e sua avó D. Catarina pintou-o a ele aos 10, aos 12 anos, com o mais perturbador e lusiado dos semblantes, com o mais divino e duende dos olhares, com o rosto de alguem que se foi aos moiros e ainda não voltou, com a figura de heroi-quasi-gótico, amamentado e cuidado pelas mãos fatidicas das três implacaveis e incansaveis Parcas, pelas mãos enfeitiçadas e malfadadas do destino.

Esse pintor é Cristovam Lopes, e o retrato um personagem desconhecido mais não é do que o de D. Sebastião, menino e moço, como na sintese pastoril de Bernardim.

A sua parecença, a sua identificação somatica e fisionomica, a mesma similitude olhar, o mesmo rosto, o paralelismo no desenho da figura com o retrato de sua avó D. Catarina e com o proprio avô D. João III, pintadas pelo mesmo pintor Cristovam Lopes, resolvem logicamente o problema.

Pintaria Cristovam Lopes D. João III, a rainha D. Catarina e ao mesmo tempo um *adolescente desconhecido*, estando o neto no Palacio em convivio diario com os avós e excluindo-o a ele?

Pode um pintor pintar no seculo XVI um personagem da côrte *desconhecido*, preterindo assim o futuro herdeiro?

Quem pôs esse distico—personagem desconhecido—no Museu das Janelas Verdes? Com que alcance tecnico e pericial? Mas haveria na côrte um *personagem desconhecido?*

Não o procuramos saber, nem quem pôs esse distico nas melhor das intenções.

Além disso, é mais facil encontrar um retrato identificado (no seculo XVI) dum pintor desconhecido, do que o dum personagem *desconhecido* dum pintor identificado.

Cristovam Lopes, adentro da côrte tendo pintado o avô e a avó, não podia deixar de pintar na logica dessa devoção ou obrigação profissional e pictorica—o neto. E muito menos preferia pintar um *personagem desconhecido* em detrimento de D. Sebastião. E a similitude de iconografia e de ambiente nos retratos?

A sua fisionomia, o seu olhar, o seu instinto, essa doçura de pré-tragedia quasi medióva, a sua indumentaria, a faixa que lhe dá um ar de grande categoria social, o garbo verdadeiramente camoneano e epopeico, a sua gola dum porte tão altivo, a sua majestade e o seu quasi desdem, precoces, tudo lhe dá, lhe confere, a identificação, a personalização, *a insofismavel parecença*, que mais não é do que a verdade pictorica, a verdade real, a verdade historica e econografica. Em resumo, uma verdade sem contestação, sem contra-verdade.

Nós proprios nestas simples notas e nestas deduções, outro intuito não tivemos do que pretender resolver um *possivel* problema de iconografia sebastianista, lançando-lhe as suas perspectivas, e dando-lhe um ar votivo, um ar lusiada, um sentido verdadeiramente lusitasante e exvotiano.

Nesta hora de quasi 1940, nesta hora tão coincidentemente centenaria, na hora em que Portugal parece viver entre a certeza camoneana e universal dos «Lusiadas» e a incerteza e o drama hamletico de Oliveira Martins na sua «Historia de Portugal» e em «Portugal Contemporaneo», o grande refugio dos espiritos bem nascidos, como dizia Sá de Miranda, é de encontrar cada vez mais Portugal em todos os nossos actos e atitudes, em todas as nossas meditações e ansiedades.

Adentro desse complexo, adentro de oito seculos de sobrevivencia, de historia e de lenda, de territorio fisico e de territorio animico, nos lindes duma *constante* de celtismo e de racismo inconfundiveis quisemos apenas, espontaneamente, e na limitada posse das nossas meras possibilidades individuais, expôr um problema, procurar aumentar o nosso patrimonio artistico e de inteligencia perscrutadora, fazendo a «politica de espirito» idealizada e criada por Paulo Valéry.

Tê-lo-emos conseguido?

Só nos apraz esperar que os peritos e os criticos idoneos de historia de arte, entre nós, digam da sua justiça e procurem encontrar a solução concludente e insofismavel desse problema de arte e de iconografia sebastianista, de tão flagrante actualidade na hora plena dos centenarios.

CORREIA DA COSTA

POLICLINICA DAS AVENIDAS
Avenida da Republica, 6, 1.º E. Telefone 4 1990
Cirurgia geral, operações e ginecologia — Dr. Dias da Silva — 11 h.
Estomago, intestinos, figado e clinica geral — Dr. Mario Teixeira Bastos — 13 1/2 h.
Clinica geral, coração e pulmões — Dr. Raul de Faria — 13 1/2 h.
Bôca, dentes e prothese - Dr. Gonçalves Viterbo — das 10 ás 12 h.
Senhoras e Crianças — Banhos de luz — Diatermia — Dr. Adeodato — 14 h.
Olhos — Dr. Fernando Alves 14 h.
Ouvidos, nariz e garganta — Dr. Joaquim Prior — 16 h.
Rins e vias urinarias Dr. Emilio Faro 17 h.
Pele e sifilis - Dr. Augusto d'Esaguy — 13 h.
Analises clinicas — Dr. Raul de Carvalho.

A União
Fabrica de Espelhos de
Antonio da Silva Dores, L.da
R. Luz Soriano, 23-A
Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos boas festas e um novo ano prospero.

Rosas & Carvalho, L.da
«CASA RIO DE JANEIRO»
Camisaria—Malhas—Meias
264, Rua Augusta, 266
Telef. 2 2107
Desejam Boas Festas e Ano muito prospero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

A SAPATARIA VERSAILLES, L.DA
Rua de Santa Justa, 96
Cumprimentam os seus amigos e clientes, desejando-lhes um novo ano muito prospero.

A gerencia da
CONFEITARIA AUREA
260—Rua do Ouro—264
Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela, desejando-lhe boas festas e ano feliz.

Pastelaria Ferrari
Rua Nova do Almada, 93
Deseja aos seus Ex.mos clientes e amigos festas felizes e um novo ano muito prospero.

Café Restaurante
Martinho da Arcada
A Gerencia apresenta aos seus Ex.mos clientes os melhores desejos de Boas Festas, esperando a continuação das suas estimadas ordens.

João Lopes, Ld.a
Calçada do Duque, 31 e 43
Tel. 2 6289
RELOJOARIA E OURIVESARIA
Desejam aos seus Ex.mos clientes e amigos festas felizes e um novo ano de prosperidades.

Leica
A CASA A. CABRAL, Ld.a
Agradece a preferencia que o Ex.mo publico tem dado aos seus artigos, e deseja aos seus clientes e amigos as melhores BOAS FESTAS.

PEROLA DAS AVENIDAS
DE
DAVID DA SILVA
MERCEARIA E LEITARIA
101, Av. Duque de Loulé, 107
Deseja a todos os seus Ex.mos fregueses e amigos, muito boas festas.

A. Lemos, L.da

ALFAIATES-mercadores

113—R. Augusta—115

Telef. 2 6956 Lisboa

Desejam boas festas aos seus Ex.mos clientes e amigos.

Oficina Gráfica, Limitada

Trabalhos Lito e Tipograficos em todos os generos encadernação e pautação

Rua da Oliveira, ao Carmo, 8

Telefone 2 2886—LISBOA

Cumprimentam os seus clientes e amigos desejando-lhes boas festas.

Santos Catita, Limitada

Ourivesaria-Joalharia

Rua Eugenio dos Santos, 44

Desejam a todos os seus Ex.mos fregueses e amigos festas felizes e um ano de prosperidades.

Pelaria PAMPAS

PAMPAS

Deseja Boas Festas a todas as suas clientes.

Pampas, 65. Rua dos Retroseiros

Telef. 2 1004

Joalharia Corrêa

ANTONIO CORRÊA & FILHO, Limitada

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos a quem desejam um feliz Ano Novo.

245—R. Aurea, 247

Telef. 2 8155

M. Anão, L.da

PELES E CONFECÇÕES

R. dos Fanqueiros, 376, 2.º

Desejam as Boas Festas aos seus Ex.mos fregueses e um Novo Ano feliz.

Perola do Rossio

105 — ROSSIO — 105

Especialidade em chás e cafés

Deseja Boas Festas e um ano de muitas felicidades aos seus Ex.mos fregueses e amigos.

Dinheiro!!

Empresta-se, ao juro da lei, sôbre todos os artigos que ofereçam garantia. Compra e vende antiguidades, ouro, joias, etc.

JOSE' MAYER

Deseja boas festas aos seus Ex.mos clientes e amigos.

18—Rua do Loreto—20—Telefone 2 2881

DESPENSA IDEAL

JOSE' ANTONIO TRINDADE

186 - Rua da Prata - 188

Cumprimenta os seus Ex.mos clientes, desejando-lhes Boas Festas e um feliz ano novo.

a Casa »Bayer«

apresenta os seus três medicamentos mais conhecidos

ASPIRINA
existente ha cerca de 50 anos no arsenal terapêutico, comprovada em muitos milhões de casos de gripe, resfriamentos e dores reumáticas.

Cafiaspirina
o medicamento ideal, que anima e refresca, eliminando enxaqueca e todo a especie de dores.

INSTANTINA
o novo produto »Bayer« de boa e pronta eficácia contra constipações e dores.

A Casa »Bayer« é uma empreza mundial, cuja reputação está firmemente estabelecida nas cinco partes do mundo, graças a mais de meio séculc de éxitos no campo científico.—Todo o valor deste progresso científico é representado pela »Cruz Bayer«.

GABARDINES

150$ SOBRETUDO GABARDINE, contra todos os temporais, vale o dôbro

240$ GABARDINES, FORMIDAVEL BAIXA DE PREÇOS

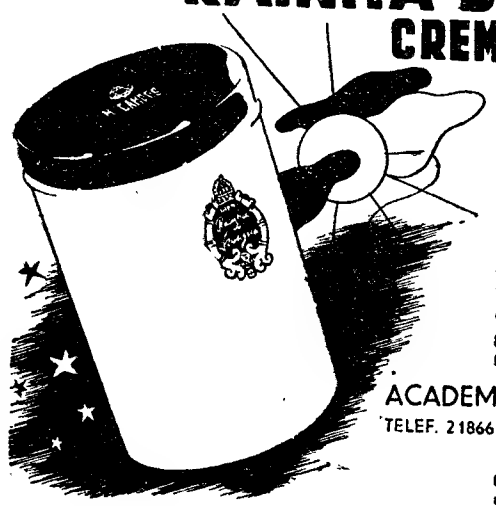
60 % mais barato do que na epoca passada

Não compre, de forma alguma, Gabardines — Sobretudos — Capas e Casacos de Cabedal e Capas de Borracha sem visitar este armazem. Creia que quem tem o maior sortido e as melhores marcas aos preços mais baratos e que honram o estabelecimento que as vende é o ARMAZEM DE LANIFICIOS LINO — Sede: Calçada do Carmo, 17, 1.º

Esquinada Rua Primeiro de Dezembro (ao Rossio) — Telef. 2 2206 — LISBOA

RAINHA DA HUNGRIA

CREMES DE DIA E DE NOITE



A preparação dum creme de beleza destinado a reagir sôbre a epiderme e não apenas a provocar um simples aspecto de embelezamento, merece aquele estudo e cuidados excepcionais com que são fabricados estes dois preparados.

Assim, êste creme de dia e o de noite ou de massagem, simultaneamente usados, evitam de facto a formação de rugas, tonificam o rosto e aveludam a epiderme, embelezando-a. Para epidermes sêcas, gordas, ou com quaisquer outros defeitos temos produtos e tratamentos especiais.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

TELEF. 21866 — AVENIDA DA LIBERDADE, 35 — LISBOA

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

O TEMPLO DE DIANA

é um dos grandes monumentos de Evora. Pode vê-lo e a muitos mais no proximo fim de semana.

Bilhetes de ida e volta de fim de semana

Joias, Pratas e Relogios

sem aumento de preço

PEIXOTO & JARDIM, L.da

RUA DA PALMA, 14 e 16

A MONTANHEZA

S. Pessôa, L.da

Rua Luz Soriano, 71

Telef. 2 6465

TIPOGRAFIA

A maior perfeição os melhores preços Consulte-nos e verá

OFICINAS

de Encadernação, Pautação e Dourador

RAUL AUGUSTO DA FONSECA

Executam-se Trabalhos Simples e de Luxo — Livros em Branco para o Comercio

CASA FUNDADA EM 1918

Rua Luz Soriano, 68

LISBOA

ORÇAMENTOS GRÁTIS

O «Diario de Lisboa» vende-se em Lourenço Marques na casa José Maria dos Santos.

TEMAS LITERARIOS

Garrett e Antonio Nobre

Segundo opinião do ilustre critico literario sr. João Gaspar Simões, na sua conferencia *Antonio Nobre precursor da poesia moderna*, os poetas dilectos do autor do *Só* são Garrett e Byron.

Afirmou ainda o mesmo autor: «Garrett deve ter exercido em Nobre uma influencia de atitude: Garrett foi um elegante, aquilo a que depois se chamaria um *esteta*».

Na referida conferencia encontramos, tambem, este periodo: «O romantismo de Garrett, esse misto de culto do *Eu* e de comprazimento com o que, de perto ou de longe, pudesse contribuir para embelezar esse *Eu*, deve ter impressionado o romantico do *Só*».

Como se conclue destas citações não deve ter sido muito grande a influencia de Garrett sobre Antonio Nobre.

Percorrendo a sua pequena, mas valiosa, obra literaria, nela encontramos algumas reminiscencias garretteanas.

E' no *Só* que estas reminiscencias são em maior numero.

Ali, na poesia *Saudade*, lê-se a quadra:

Saudade, saudade! palavra tão triste,
E ouvi-la faz bem:
Meu caro Garrett, tu bem na sentiste,
Melhor que ninguem!

em que preste uma bela homenagem os cantos da *Saudade*, que, no poema elegico *Camões*, dissera:

Saudade gosto amargo de infelizes
Delicioso pungir de acerbo espinho.

A mencionada poesia, além de publicada no *Só*, datada de Paris de 1892, foi pelo poeta dada para o numero unico *Os de Paris a João de Deus*, ali editada em 1895.

Da poesia *Viagens na minha terra* (titulo igual ao do famoso livro de Garrett) colhemos os seguintes versos:

Ora, ás ocultas, eu trazia
No seio, um livro e lia, lia,
Garrett da minha paixão...

em que se manifesta o grande interesse que, a este livro de Garrett, dedicou Antonio Nobre.

Esta predilecção se confirma pela transcrição dalguns versos da poesia *A Vida:*

Olhos ofelicos! Dois sois, que dão sombrinha...
Que são em preto os *Olhos verdes*, de Joaninha...

Numa carta de 25 de abril de 1890, dirigida a Alfredo de Campos, escreveu: «E assim aconteceu a Garrett», a proposito da forma como, em antigos tempos, os mortos partiam por Coimbra entregues ao cuidado dos almocreves, como se vê no *Palito metrico*.

Por ocasião da comemoração do primeiro centenario de Garrett em 1899, o distinto escritor Alberto Pimentel que era, então, o comissario regio junto da empresa do teatro D. Maria Segunda, resolveu realizar, nele, uma recita em que se prestasse condigna homenagem ao autor de *Frei Luiz de Sousa*.

Nos intervalos seriam recitadas e profusamente distribuidas poesias de diversos autores, impressas em folhas soltas.

Previamente lhes solicitára os respectivos originais. Acederam a este pedido alguns consagrados poetas: Bulhão Pato, Candido de Figueiredo, Cristovão Aires, Delfim Guimarães, Eduardo Augusto Vidal, Fernandes Costa, Gomes Leal, Jaime Victor, José de Sousa Martins, José Simões Dias, conde de Monsaraz e Tomaz Ribeiro e os srs. Alfredo da Cunha e Julio Brandão.

Alberto Pimentel dirigiu-se, tambem, a Antonio Nobre, a pedir-lhe uma composição poetica por aquela comemoração garretteana.

O poeta que, então, se achava na ilha da Madeira, enviou-lhe uma poesia com a seguinte carta:

«Ilha da Madeira, janeiro, 29-1899.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Em resposta ao amavel convite de V. Ex.a, envio juntamento um trecho inédito dum proximo livro meu, em que, alludindo ao Visconde d'Almeida Garrett, d'algum modo posso, julgo eu, associar-me á homenagem que o Teatro de D. Maria vai prestar áquele nosso illustre Patricio..

Convalescente como estou duma grave doença ultima, não me seria talvez possivel compôr as quadras que me pede, alluzivas a tal solemnidade. Mas julgo que preferirá essa «Lisboa» por ter o ensejo de cortar com os meus versos o ar *trop académique* que certamente terá um album de poetas, celebrando outro poeta.

Publique-os V. Ex.a ou não publique, conforme as exigencias do seu programa: na minha qualidade de admirador enternecido de Garrett e para mostrar a V. Ex.a toda a minha boa vontade— eu não hesito em lhos enviar, logo á noite, pelo «Jérôme».

Aproveito a ocasião para agradecer a V. Ex.a as referencias amaveis que tem feito em algumas das suas obras á minha, como em tempo me comunicaram para França alguns amigos meus. E sinto-me em falta por ainda não lhe ter enviado o meu livro, o que farei em maio, aí, como de resto era já minha intenção.

Peço me creia com muita simpatia.

De V. Ex.a, Att.o, Ven. e colega Obg.o, *Antonio Nobre*.

Peço a fineza de ordenar o maior escrupulo na revisão dos versos, visto a minha caligrafia. O que agradeço».

A poesia, de uma grande originalidade e cheia de cadencia, intitulava-se: *Lisboa. Em homenagem a Garrett*, titulo modificado para *A Lisboa das naus cheia de gloria*, quando, postumamente, foi publicada no volume *Despedidas*, Porto, 1902, constituindo um fragmento do poema *O Desejado*.

Dela transcrevemos, para aqui, as duas oitavas, em que ha referencias a Garrett:

Romantica Lisboa de Garrett!
O' Garrett adorado das mulheres,
Hei de ir deixar-te em breve o meu bilhete
A' tua linda casa dos *Prazeres*.
Mas qual seria a melhor hora, ás sete,
Garrett, para tu me receberes?
O teu porteiro disse-me, a sorrir,
Que tu passas os dias a dormir!...

Pois tenho pena amigo, tenho pena:
Levanta-te daí, meu dorminhoco!
Que falta fazes á Lisboa amena!
Anda vêr Portugal! parece louco...
Que patria grande! Como está pequena!
E tu dormindo sempre aí, no *chôco*.
Ah! como tu, dorme tambem a Arte...
Pois vou-me aos toiros, que o comboio parte!

Destas transcrições podemos, talvez, concluir que Antonio Nobre, que, em Davos-Platz, residiu numa casa a que chamou *Vila Garrett*, tinha o culto de Garrett, não obstante ter sido muito pouco influenciado por ele.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

SENSACIONAL!

— SENSACIONAL! — exclamam os homens quando vêem uma mulher perturbantemente jovem e formosa.

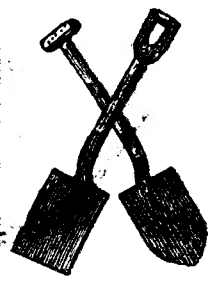
— SENSACIONAL! — murmuram as mulheres quando constatam que o triunfo da sua mocidade e da sua beleza devem-no ao

CREME BENAMOR

Dá á pele um delicioso aveludado,
uma brancura encantadora,
uma frescura admiravel

TUBO ESC. 3$00

NALLY



Todo o empreiteiro e construtor utiliza as pás fabricadas na oficina de José Maria Pires.

PÁS PARA ARIEIROS, CARVÃO, GELO, PEIXE, ETC.

Rua da Mouraria, 3

Empresa Insulana de Navegação

Carreiras regulares entre:

Lisboa, Madeira e Açores

Saídas em 8 de cada mês para:

Madeira, St.ª Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (St.ª Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Faial.

Em 23 de cada mês para:

Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Cais do Pico, Faial, Côrvo e Flôres (Lages e St.ª Cruz).

Bilhetes especiais para viagens de excursão (ida e volta na mesma viagem ou na do vapor imediatamente seguinte) ao preço de 1.970$00 cada passagem, ou 1.850$00 quando sejam grupos não inferiores a 5 passageiros

AGENTES EM LISBOA

Germano Serrão Arnaud

Avenida 24 de Julho, 2, 2.º

NA MADEIRA

Blandy, Brothers & Co., Ld.ª

EM PONTA DELGADA

Bensaude & C.ª, Limitada

VINHO DO PORTO

«GRAHAM»

da firma

Guilherme e João Graham & C.ª

Vila Nova de Gaia

Agentes em Portugal e Colonias

Guilherme Graham Junior & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 7
LISBOA
Tel. 20066/9

Rua dos Clerigos, 6
PORTO
Tel. 8801

HISTORIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO

publicada sob o alto patrocinio dos Ministérios das Colónias e da Educação Nacional

Directores: Drs. Antonio Baião, Hernani Cidade e Manuel Múrias

O consagrado livro de ouro da historia dos portugueses no Mundo

A melhor obra no género

Em publicação o fasciculo n.º 21

A' venda em tôdas as Livrarias, e na sede da

EDITORIAL ÁTICA L.ª

LISBOA Rua das Chagas, 23 a 27 Tel. 2 0642

MADEIRAS

Importação directa de casquinha, pitch-pine, carvalho, nogueira americana, faia, mogno, macacaúba, freijó, pau santo, etc.

Madeiras contraplacadas

Unicos fabricantes do País
Marca registada **SEVERO**

Aduelas e Arco de Ferro

Em todas as medidas, para tanoaria
no nosso armazem do Poço do Bispo

Torrens & Marques Pinto, L.da

Deseja Boas Festas aos seus Ex.mos Clientes

RUA VASCO DA GAMA, 33 a 37

TELE { FONES: **6 0176, 6 0177** e **6 0178** P B X
GRAMAS: **FLORESTAL**

LISBOA

Felix Ribeiro Lopes

Escritorio — RUA DA BETESGA, 41, 1.º Telef. 25335

Talho Principal: Rua da Betesga, 102 a 104

Telef. 2 5335 — 2 9308 e 9 **LISBOA**

Gados, carnes de vaca, vitela, carneiro e porco

Fornecedores dos principais hoteis, restaurantes, asilos, hospitais, navios, etc.
Fabrica de produtos de salchicharia, montada em edificio proprio

OS MELHORES BRINDES DO NATAL E ANO NOVO

são os da

VISTA ALEGRE

Depósitos de venda:

LISBOA — Largo do Chiado, 18 ‖ PORTO — R. Candido dos Reis, 18

TEMAS COLONIAIS

A Justiça nas colonias

A administração da justiça como instituição, organismo indispensavel a todas as sociedades, carece para sua valorização do integral e rigoroso cumprimento das formulas que adoptou, em relação ao meio a que elas se destinam, o que equivale a dizer, que uma das condições principais consiste justamente que os preceitos em que esse organismo assenta sejam exequiveis.

E' evidente que sem cairmos numa flagrante contradição, nunca poderiamos aplicar a sociedades atrasadas os mesmos principios, as mesmas regras que nós seguimos em condições bem diferentes daquela em que se encontra a sociedade indigena dos nossos colonos de Africa.

E não se imagine que esta questão de justiça, na sua aplicação aos nossos indigenas africanos, não tenha capital importancia.

Em primeiro lugar trata-se de 8.000.000 indigenas; em segundo, na concepção e boa execução da justiça está a razão principal do prestigio dum país colonial, entre as populações submetidas á sua soberania, e por ultimo verificar-se-á que muitas vezes o sentimento da justiça entre os povos civilizados é inferior ao de povos de costumes ainda muito primitivos. Posteriormente citarei varios exemplos.

Bastante razão tinha o dr. Marnoco e Sousa na sua administração colonial O dec. de 1869 ressalvou os usos e costumes indigenas, mas esqueceu-se de que o Codigo Civil não podia sofrer esta adaptação sem prejuizo da sua unidade e homogeneidade. Os usos e costumes indigenas consagram principios inteiramente opostos ás bases da organização juridica e social estabelecida pelo Codigo Civil. O Codigo Civil não pode deixar de ter em tais condições uma vida de excepção, sendo, por isso, mais razoavel que se decretassem os usos e costumes indigenas devidamente compilados, como lei civil. Daqui se vê que admitimos os seus usos e costumes timidamente. O contrario tem feito a Inglaterra, que leva o seu respeito pelos usos e costumes indigenas, até ao ponto de formular em harmonia com eles as suas leis coloniais. A Inglaterra tem em todas as partes do seu gigantesco imperio colonial os *Natives Lavos*».

Judiciosamente diz o ilustre professor Sampaio e Melo: «Quanto ao direito privado do indigena não advem para o Estado Colonial vantagem alguma na sua substituição pelo direito europeu, em geral absolutamente inadaptavel as instituições da familia, da propriedade, do regime de concessões, etc., que tanto convem conservar. Qualquer tentativa de modificação brusca do direito civil indigena, qualquer ingerencia ininteligente na sua aplicação, repercutir-se-á dolorosamente e com prejuizos incalculaveis na existencia diaria das diferentes classes sociais e provavelmente entre os indigenas, resistencia tanto mais tenaz quanto mais relativamente civilizado fôr o seu direito privado consuetudinario ou expresso».

E mais adiante diz ainda, com mão de mestre, o mesmo professor: «A nação colonizadora precisa reprimir desde principio todos os crimes com a maior rapidez e severidade, evitando por todos os meios ao seu alcance que campeie infrene a impunidade, que aos olhos das populações indigenas é mero sinonimo de fraqueza e de impotencia dos dominadores. A justiça exercida pelos europeus deve buscar impôr-se no animo dos indigenas pela equidade, segundo o significado desta ideia na mentalidade indigena; deve ser rigorosa e expedita, porque se as penas forem muito suaves ou a forma do processo comportar inconcebiveis delongas, as vinganças e represalias particulares subsistirão por muito tempo, aumentando a criminalidade. Nos países civilizados em que crime e delicto são excepção á regra, é logico que a legislação procure garantir todos os direitos do acusado contra possiveis abusos do poder; nos países barbaros, pelo contrario, o interêsse da ordem e da segurança publica deve prevalecer aos interesses individuais, estabelecendo-se, é certo, normas que evitem os erros judiciaes, mas suprimindo todas as formalidades desnecessarias que alongam inutilmente a instrução ou o julgamento, de forma a obter uma repressão energica, rapida e até, em determinados casos, sumaria».

O Congresso de Sociologia de 1900 consagrou esta doutrina no seguinte voto:

«A administração da justiça aos indigenas em materia repressiva deve ser confiada ás autoridades da potencia colonizadora, mesmo quando a vitima das infracções fôr indigena, tendo-se sempre em conta as restrições que podem trazer a este principio as necessidades locais ou as condições em que se estabeleceu a Colonia. Para evitar que as autoridades europeias encarregadas da justiça repressiva exorbitem censuravelmente, e para que possam emitir as suas sentenças com rectidão e integridade, é indispensavel a lista das infracções e das penas, isto é, a promulgação de um codigo penal. Mas qual deve ser? O da metropole? Evidentemente, não. Em legislação penal podem distinguir-se quatro assuntos principais: a lista das infracções, a forma do processo, a organização das jurisdições repressivas e o regime penitenciario. Ora vamos vêr que cada uma destas regulamentações, que forçosamente se têm de adaptar ao seu objectivo especial para ser harmonica com as circunstancias e necessidades locais, difere essencialmente da legislação correspondente, em vigor na metropole. E' necessario elaborar codigos penais indigenas perfeitamente adaptaveis a cada colonia ou a cada raça; não bastam os defeituosos remendos e exoticas transformações por que, por vezes, se têm feito passar os nossos codigos, para os poder aplicar aos indigenas. E' preciso fazer mais e melhor. Começa pela lista das infracções, que é variavel com as civilizações e com as raças e até com a indole das nações. Ha crimes tais, como a antropofagia, a escravatura, etc., que os nossos codigos não prevêem; ha outros como a poligamia, por exemplo, que a nossa legislação pune com severidade e que nem sequer podem ser considerados crimes em quasi todas as populações indigenas. Se na categoria criminal descermos do crime ao delito, e dêste á simples contravenção, reconhece-se que as diferenças são tão radicais que absolutamente nada se pode aproveitar do que existe legislado para a metropole. Além disto, a gravidade relativa de crimes e delitos comuns a indigenas e a colonos pode, em numerosos casos, ser diferente para as duas raças. Ha vicios e crimes que entre os colonos são rarissimos e que entre os indigenas se tornam ás vezes tão frequentes que é razoavel aplicar a estes penas excepcionalmente severas e tendentes a extirpar o mal pela raiz. Por outro lado, ha faltas bem desculpaveis á localidade indigena e que se não podem perdoar ao elemento europeu, cuja moralidade e civilização superiores lhe impõem mais elevada responsabilidade. E não se diga que estas distinções brigam com a igualdade humana quanto á aplicação da justiça. Entre portugueses e ingleses não existe por certo a diferença mental e moral que em qualquer colonia separa os colonos dos indigenas. E, entretanto, ao passo que pelo nosso codigo o marido que mata a mulher surpreendida em flagrante delito de adulterio não é réu de crime algum, pela legislação inglesa é equiparado a um assasino vulgar e como tal punido. A conveniencia politica tambem pode levar, na elaboração do codigo penal indigena, ao estabelecimento de circunstancias aparentes quando os crimes cometidos sejam em detrimento do elemento europeu. As mais essenciais qualidades dêste codigo devem ter clareza e simplicidade, a-fim-de que os indigenas saibam sempre se a acção cometida é delituosa e qual a penalidade em que incorrem. Organizadas em harmonia com as religiões, os costumes e o espirito nacional, repelindo da materia penal, primitivamente existente, apenas as práticas barbaras e impoliticas podem estes codigos prestar optimos serviços á obra da colonização, quando interpretados por europeus convenientemente preparados e conscienciosamente justos. A aplicação das leis penais da metropole aos indigenas das colonias tem dado sempre resultados disparatados e por vezes prejudicialissimos.....

.....

Muitas vezes a culpabilidade do acusado é moral e quasi materialmente evidente, mas não se estabelecendo a prova juridica, as nossas leis impõem que seja imediatamente posto em liberdade. Ora isto, sob o ponto de vista colonial, apresenta os mais sérios inconvenientes. Concordamos plenamente com a opinião de Girault expressa pelas seguintes palavras:

«Quando o juri tem a certeza moral da culpa do acusado, malfeitor de profissão, deve poder condenar, ainda quando as provas materiais não sejam perfeitamente decisivas. E', em suma, uma ocasião que se não pode perder de expurgar a colonia. E' conveniente colocarmo-nos sob o ponto de vista subjectivo de preferencia a considerar a questão sob o ponto de vista objectivo».

Até aqui a teoria, vejamos o que nos diz a experiencia e prática do passado.

AUGUSTO CABRAL

Nota economica

Negocios com a Espanha

Nos primeiros dez meses do ano, comprámos á Espanha 2.658 contos de mercadorias e vendemos-lhe 19.824 contos de produtos, ou menos respectivamente 6.466 e 26.803 contos do que em igual periodo de 1938.

Se compararmos os numeros do comercio especial no ano que finda, com os de 1935—ultimo ano normal para a economia espanhola — encontraremos uma diferença para menos nas nossas compras á Espanha de 69.474 contos e nas nossas vendas de 15.414 contos.

Como se sabe, antes da guerra civil a Espanha vendia-nos muito mais do que nos comprava e nas vendas predominavam os produtos industriais ou industrializados.

Durante a guerra inverteram-se as posições. Passou Portugal a vender-lhe mais do que comprava. E nas nossas vendas predominaram tambem os produtos industriais, sobretudo o fio e tecidos de algodão.

Foi assim que em 1934-35 as nossas compras á Espanha foram respectivamente de 70.529 e 91.562 contos, emquanto as nossas vendas foram, respectivamente, de 44.263 e 42.354 contos.

Em 1936, 37 e 38 as nossas compras decresceram para, respectivamente, 68.081, 24.914 e 11.728 contos e as nossas vendas oscilaram entre 26.701, 56.953 e 54.931 contos.

Nas nossas vendas em 1937, as mais elevadas dos ultimos tempos, só os Fios e Tecidos entraram por 38.256 contos.

Os numeros do nosso comercio especial com a Espanha no ano que finda refletem evidentemente a dificil situação economica do país vizinho. Vende-nos pouco ou quasi nada e compra-nos muito menos do que nos anos normais, sendo certo que no que nos compra ainda os tecidos figuram com participação importante: 263 toneladas de tecidos de algodão tintos e estampados, nos dez primeiros meses do ano.

Parecia que a situação da guerra na Europa favoreceria o comercio entre os dois países da peninsula. Mas tal não sucedeu.

Nos meses de setembro e outubro o que a Espanha nos vendeu foi pouquissimo: respectivamente 427 e 404 contos em relação a 488 contos em agosto. Quanto ás nossas vendas foram elas, respectivamente, de 1.004 e 3.363 contos em relação a 1.427.

A contiguidade geografica em pouco nos beneficiou, como se vê.

Estão agora em curso negociações para um Acôrdo economico entre os dois países. Trata-se certamente de combinações a curto prazo e em que, dada a situação financeira da Espanha e as consequencias dela para o seu comercio externo, a preocupação do pagamento das nossas exportações terá de prevalecer sôbre todas as mais, limitando-se as nossas possibilidades de vender que seriam de momento maiores do que as do país vizinho.

Uma politica de troca de produtos seria em tais condições a mais aconselhavel.

Faltam á Espanha, segundo confissão oficial, azeite, açucar, cereais e varios outros produtos alimentares e materias primas de que dispomos na Metropole e nas Colonias e que poderiamos fornecer-lhe.

A Espanha tem carvão e alguns outros produtos minerais de que carecemos.

A que nivel poderia elevar-se a permuta de produtos dos dois países? Eis o que importa averiguar.

Certo que este momento, se não fôssem as condições de ordem financeira da Espanha, se mostrava especialmente favoravel para um Acôrdo comercial em que passassemos a ter participação importante no abastecimento de generos tropicais ao país vizinho. Mas a realidade é a realidade e é com ela que se fazem os negocios e não com votos ou conjecturas.

NUNO SIMÕES

GABARDINES CONTINENTAL, LDA.

OFERECEM

Durante o mês de Dezembro o **brinde de cinco por cento** sôbre o preço marcado nas etiquetas dos nossos **sobretudos** e **gabardines,** cuja numeração corresponde á corrente época

A compra dos nossos artigos, pode ser feita em qualquer parte do País.

A etiqueta deve ter o carimbo do estabelecimento que tiver efectuado a venda, e o **brinde é entregue em dinheiro** nos nossos escritorios todos os dias uteis das 10 ás 12 horas

GABARDINES CONTINENTAL, LDA.

Rua da Assunção, 99, 2.º Esq.

LISBOA

Casa GONÇALVES

153—R. Alves Correia—181

FABRICANTES DE

MOBILIAS e MAPLES

Em exposição um formidavel sortido de mobilias contraplacadas e macissas, e maples de todos os modelos e para todos os preços.

Projectos e orçamentos gratis - T. 22744

EMPRESA ELECTRICA, LTD.

ESTORIL — Grande Parque do Estoril. — Telefone 90
SINTRA — Telefone 28.
LISBOA — Rua da Prata, 120-122. — Telefone 2 5359.
LISBOA — Oficinas: Largo de Santa Marinha, 26.

ELECTRICIDADE

Instalações completas. Lustres em todos os estilos. Placas e Plafoniers. Telefones. Para-Raios. Ventoinhas. Motores. Bombas. Material electrico.

MATERIAL SANITARIO

Encanamentos para agua, gás, aquecimento central, montagens completas para casas de banho, artigos para Consultorios e Laboratorios.

Reparações em aparelhos electricos

ORÇAMENTOS E DESENHOS

FABRICA DE CARIMBOS EM TODOS OS GENEROS

CHAPAS ESMALTADAS-SELOS EM BRANCO-SINETES PARA LACRAR

E. E. de Souza & Silva Lda.

Telef. 2 7915

ANEIS COM GRAVURAS, BRAZÕES E MONOGRAMAS
DATADORES E NUMERADORES. EMBLEMAS PARA SPORT
ARTIGOS PARA ESCRITORIO E DE NOVIDADE

157 - 159, Rua do Ouro - LISBOA

Ch. Lorilleux & C.ª — PARIS

CASA FUNDADA EM 1818

Tintas de imprensa, Pretos, Côres, Vernizes e Massa para rolos

SUCURSAL EM LISBOA

5, Rua Paiva de Andrada

TELEFONE 2 1875

Acessorios para Tipografia
Litografia e Encadernação

Produtos de Beleza

Marca «SALOME'»

OS MAIS PUROS E MAIS PERFEITOS

Agua de Colónia (Embalagens de luxo e normais). Loção para o cabelo. Elixir para dentes. Essencia para lenço. Creme-alimento da pele. Creme para dia.

Sabonete SALOMÉ, finissimo e de grande rendimento, cada 2$50; 6, 14$00

FARMACIA LIBERAL

AVENIDA DA LIBERDADE, 213 A 221 — TELEF. 4 3641

ARQUI CHIQUE — Retrosaria — Telefone 2 1773
83. Rua dos Retroseiros LISBOA
Sortido imponente — Novidades lindas — Preços acessiveis

OLIVEIRA & SANTOS, L.DA

Compram e vendem AUTOMOVEIS de todas as marcas

Rua Luz Soriano, 15-17 — Telef. 2 3743 — LISBOA

Leitaria TREVO, L.da

Praça Luiz de Camões, 47 e 48

RUA DO MUNDO, 1 a 7
Telefone 2 8592

Primoroso BOLO-REI, a melhor manteiga de Avanca, o puro leite, e o melhor sortido de CONFEITARIA — Licores e Vinho do Porto — Serve-se Chá e Café — Cervejaria e Pastelaria

ABERTO TODA A NOITE

Deseja Boas Festas aos seus dig.mos fregueses

EMPREZA DE CIMENTOS DE LEIRIA

S. A. R. L.

FÁBRICAS EM MACEIRA-LIZ

Empregando três fornos rotativos metálicos

BARRICAS
SACOS DE JUTA
SACOS DE PAPEL

SEDE: Rua do Cais de Santarem, 64, 1.º — LISBOA
FILIAL DO NORTE: Rua 31 de Janeiro, 190-A, 1.º — PORTO

AGENTES EM TODO O PAÍS

Dominguez & Lavadinho, Ld.a

PAPELARIAS nacionais e estrangeiras. FABRICA de sobre-escritos, manipulação de papeis de escrever e sacos de papel. TINTAS DE ESCREVER nacionais e estrangeiras. Papeis Quimicos, Lapis, artigos de escritorio e de desenho.

Sede: **Rua da Assunção, 79 a 85** e **Rua dos Sapateiros, 135 a 143. — Telefones: 2 5201/02.**

Fabrica: **Av. Casal Ribeiro, 18 a 24 — LISBOA**

PREFIRAM SEMPRE

COLLARES

V. S.

VISCONDE DE SALREU

D. J. SILVA, L.DA

T. 47154 — 33-R. Rodrigues Sampaio-35 — **LISBOA**

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Séde em LISBOA

Predio da Rua dos Fanqueiros, 278, 2.º

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia, Penedo, Casal d'Ermio (Lousã) e Vale Maior (Albergaria-a-Velha), instaladas para uma produção anual de

Oito milhões de quilos de papel

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA — 270, Rua dos Fanqueiros, 278 — Telefones 23623 22331 22332
PORTO — 46, Rua Passos Manuel, 51 — Telefone 217
Endereços telegraficos de Lisboa e Porto PELPRADO

SENA SUGAR ESTATES, L.DA

Avenida da India — LISBOA